

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Marta Cristina Friederichs

**MULHERES “ON LINE” E SEUS DIÁRIOS VIRTUAIS:  
corpos escritos em *blogs***

Porto Alegre  
2009

Marta Cristina Friederichs

**MULHERES “ON LINE” E SEUS DIÁRIOS VIRTUAIS:  
corpos escritos em *blogs***

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora:  
Profa. Dra. Guacira Lopes Louro

Linha de Pesquisa: Educação, Sexualidade e  
Relações de Gênero

Porto Alegre  
2009

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

F899m Friederichs, Marta Cristina

Mulheres “on line” e seus diários virtuais: corpos escritos em blogs / Marta Cristina Friederichs; orientadora Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, 2009.

156 f. + Anexos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009, Porto Alegre, BR-RS.

1. Corpo. 2. Representação. 3. Relações de gênero. 4. Sexualidade. 5. Feminismo. 6. Mulher. 7. Teoria queer. 8. Pedagogia cultural. 9. Blog. 10. Internet. 11. Foucault, Michel. I. Louro, Guacira Lopes. II. Título.

CDU – 396

---

Bibliotecária Neliana Schirmer Antunes Menezes – CRB 10/939 neliana.menezes@ufrgs.br

Marta Cristina Friederichs

**MULHERES “ON LINE” E SEUS DIÁRIOS VIRTUAIS:  
corpos escritos em *blogs***

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Aprovada em 31 ago. 2009.

---

Profa. Dra. Guacira Lopes Louro – Orientadora

---

Profa. Dra. Rosângela de Fátima Soares – UFRGS

---

Prof. Dr. Alex Branco Fraga – UFRGS

---

Prof. Dr. Luís Henrique Sacchi dos Santos – UFRGS

---

Pedro,  
Foram os ecos  
Do seu sorriso de luz  
Que clarearam as noites  
Em que este texto foi escrito.

## AGRADECIMENTOS

De modo sincero e especial , agradeço,

à orientadora, Guacira Lopes Louro, por respeitar meus tempos de escrita, pela leitura criteriosa, pela segurança em saber que poderia contar com sua atenção e, principalmente, pela liberdade da escrita.

às minhas irmãs, Patrícia e Lidiane, pelo apoio, pelo conforto da presença (sempre que necessária), pela cumplicidade de estarmos, ao mesmo tempo, escrevendo nossos trabalhos de “pós”. Ao meu irmão, Cristiano.

ao meu pai, Nelson, à minha mãe, Solange, que sempre me ensinam que os bens maiores são os que posso levar, num infinito de mim. Pela presença constante, embora geograficamente distante.

ao Cassius, pelo auxílio “técnico”. Pela (às vezes, falta de) paciência. Por fomentar a urgência de ver um ponto final nestas páginas. Mas será este um ponto final?

à minha avó, Esther, pela vivacidade e pelas histórias da sua vida, pelas lembranças que partilha, pelo interesse em saber de mim. Ao meu avô, Auto Paulo Evandro Machado, que não está mais por aqui, mas deixou em mim o amor, o cuidado, o respeito com as palavras.

ao meu pai e minha mãe, ao meu sogro e minha sogra, pelo apoio, pelas orações, pelos momentos de diversão que proporcionaram ao Pedro quando as noites ficaram curtas e poucas para a escrita.

aos/às colegas da linha de pesquisa, especialmente do grupo de orientação, Gustavo Bandeira Pereira, Fernando Pocahy, Patrícia Balestrin, que desde o projeto me acompanharam. À Cíntia Holzmann, ao Anselmo Peres Alós, à Kelly Diehl pelas contribuições no projeto de pesquisa. Ao Luiz Felipe Zago, pela companhia, pelas palavras. A todos/as que encontrei pelas disciplinas, pelos congressos e seminários, pelos momentos partilhados, pelas ideias trocadas.

aos/às professores que estiveram na banca de qualificação do projeto de mestrado, Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner, Prof. Dr. Fernando Seffner, por suas contribuições valorosas e à Profa. Dra. Rosângela Soares que desde a época da Especialização em Pedagogias do Corpo e da Saúde, da qualificação do projeto e, agora, da defesa da dissertação acompanha meus escritos, pelas suas importantes contribuições. Ao Prof. Dr. Alex Branco Fraga que gentilmente aceitou participar da banca de defesa da dissertação. Ao Prof. Dr. Luís Henrique Sacchi dos Santos pelas

valiosas contribuições que as discussões feitas em aula proporcionaram a escrita destas páginas.

aos/às que foram meus professores durante este curso de mestrado, pelas aulas instigantes, inquietantes, que ficam e se transformam em mim, e dão fôlego para os meus pensamentos.

a Quem olha por mim, acreditando e apoiando, sempre, soprando, escutando.

## **O Corpo**

*Meu corpo tem cinquenta braços  
E ninguém vê porque só usa dois olhos  
Meu corpo é um grande grito  
E ninguém ouve porque não dá ouvidos*

*Meu corpo sabe que não é dele  
Tudo aquilo que não pode tocar  
Mas meu corpo quer ser igual àquele  
Que por sua vez também já está cansado de não mudar*

*Meu corpo vai quebrar as formas  
Se libertar dos muros da prisão  
Meu corpo vai queimar as normas  
E flutuar no espaço sem razão*

*Meu corpo vive, e depois morre  
E tudo isso é culpa de um coração  
Mas meu corpo não pode mais ser assim  
Do jeito que ficou após sua educação*

-Paulinho Moska-



## RESUMO

Esta dissertação tem como tema as representações do corpo em *blogs* de mulheres que escrevem sobre si. Para tanto, utilizei cinco *blogs* escritos por sujeitos que, pelas suas “falas”, possibilitam pensar que são mulheres, brasileiras, nascidas na década de 1970 que mantiveram o seu *blog* atualizado, ou seja, escreveram *posts* com regularidade durante o primeiro semestre de 2008. Em seu conceito mais simples o *blog* pode ser concebido como um *site* personalizado, dinâmico e interativo, atualizado quando quem ali escreve quiser ou puder. Nesta pesquisa, os *blogs* analisados foram: *Cérebro Eletrônico*, *Confissões de uma Balzaquiana*, *Diário de Lulu*, *Entretantas Eu* e *Toda Menina*. A pesquisa foi inserida no campo de análise pós-estruturalista. Adotei, também, como referência os Estudos Feministas, Estudos Gays e Lésbicos e os Estudos *Queer*, principalmente as vertentes que se aproximam com as teorizações de Michel Foucault. Assim, diante do referencial teórico e das falas dessas mulheres, que continham representações do corpo, utilizando-me da Análise Cultural, foi possível estabelecer três eixos de análise: no primeiro eixo analiso falas das blogueiras referentes a padrões contemporâneos que instituem, principalmente, a magreza e uma aparência saudável como critérios fundamentais na conquista da felicidade e da beleza. A seguir, num segundo eixo, destaco representações que envolvem o amor romântico, o cuidado e a delicadeza além de assuntos como a moda, a menstruação e os prazeres, atributos e temas presentes nas falas dessas mulheres que fazem corpos femininos. Num último eixo, olho, pois, para as representações de corpo articuladas às sensações do paladar, do olfato, do tato. Penso que não se coloca em dúvida a importância do corpo na cultura contemporânea. Argumento que os *blogs* articulam um conjunto de discursos, ou melhor, fragmentos de discursos que se tramam através das falas da blogueira, possibilitando a realização de uma Análise Cultural, bem como, por veicularem modos de ser e estar no mundo, exercem Pedagogias Culturais.

Palavras-chave: **Corpo. Representação. Relações de gênero. Sexualidade. Feminismo. Mulher. Teoria queer. Pedagogia cultural. Blog. Internet. Foucault, Michel.**

## ABSTRACT

This thesis has like theme the body's representations in blogs by women who write about their self and kept their blog actualized in the first semester by 2008. To this end, I used five blogs that have been written by subjects that, by their words, make possible think that they are Brazilian women, born in the decade 1970. In the simple concept, the blog is a personal site, dynamic and interactive, actualized when the subject want to write it. In this investigation, the blogs analysed were: *Cérebro Eletrônico*, *Confissões de uma Balzaquiana*, *Diário de Lulu*, *Entretantas Eu* and *Toda Menina*. The research was inserted in the post-structuralist perspective. I also used Feminist Studies, Gays and Lesbians Studies as Queer Studies, mainly those who has proximities with Michel Foucault theorizations. Then, in front of the theoretical references and of these women words, that had body's representations, using Cultural Analyses, with this, was possible to think in three axes to analyse: In the first moment, I analysed the bloggers words referent a contemporary ways that make, mainly, the slenderness and a healthy appearance like fundamentals criterion in the conquest of happiness and beauty. After this, in a second moment, I analysed representations that involve the love, the care and the delicacy besides themes like fashion, menstruation and sexual pleasure, rules and themes that make a feminine body. In the last moment, I analysed body's representations in connection with palate, smell and tactile sense. The body is very important by the contemporary culture, then I argue that blogs articulate many discourses that are present in the bloggers speech, making possible a Cultural Analyses, as well as, to announce manners of being in the world, practice Cultural Pedagogies.

Key-words: **Body. Representation. Gender relations. Sexuality. Feminism. Woman. Queer theory. Cultural pedagogy. Blog. Internet. Foucault, Michel.**

---

FRIEDERICHS, Marta Cristina. **Mulheres “on Line” e seus Diários Virtuais**: corpos escritos em blogs. Porto Alegre, 2009. 156 f. + Anexos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

## SUMÁRIO

<b>1 MEU QUERIDO DIÁRIO</b> .....	12
<b>2 LOGIN</b> .....	23
<b>3 TELA, TECLADO E UM <i>CLICK NO MOUSE</i>: <i>ciberespaço</i> e suas conexões com a cultura</b> .....	32
3.1 MODOS DE SER E VIVER (N)O <i>CIBERESPAÇO</i> .....	40
3.2 CORPOS NO ESPAÇO “PÚBLICO-PRIVADO” .....	44
<b>4 LINKS METODOLÓGICOS</b> .....	49
4.1 <a href="http://BLOGS_ANALISADOS.COM">HTTP://BLOGS_ANALISADOS.COM</a> .....	55
4.1.1 CÉREBRO ELETRÔNICO.....	55
4.1.2 CONFISSÕES DE UMA BALZAQUIANA .....	56
4.1.3 DIÁRIO DA LULU .....	58
4.1.4 ENTRETANTAS, EU .....	59
4.1.5 TODA MENINA .....	59
<b>5 CORPO QUE (SE) ESCREVE</b> .....	61
5.1 ENTRE DIETAS, COSMÉTICOS E EXERCÍCIOS: corpos conformados .....	66
5.2 “COISAS DE MULHER”: preceitos e assuntos que fazem corpos femininos .....	95
5.3 SEDA, PIMENTA E SAL: um modo sensual de representar os corpos .....	127
<b>6 PARA FINALIZAR, UM <i>POST</i></b> .....	145
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	147
<b>ANEXOS</b> .....	157
<b>ANEXO 1</b> .....	157
<b>ANEXO 2</b> .....	158
<b>ANEXO 3</b> .....	159

## 1 MEU QUERIDO DIÁRIO

Frases, desenhos, cartões apaixonados, códigos, papéis de bombons, convites para as festas, baforadas de perfume, flores secas, um beijo de batom permeavam as páginas dos meus diários de “menina-moça”. Palavras que expressavam desejos, angústias, alegrias, paixões. Narravam as mudanças do corpo, a menstruação, o(s) amor(es), os beijos, as lágrimas por causa de um amor que se foi... as aulas de jazz, a tarde com as amigas, as aulas tediosas, o desejo de emagrecer (eu precisava emagrecer?), a depilação, o banho de sol, as máscaras para a pele que marcavam meu corpo através da concepção de beleza das revistas para adolescentes que lia e/ou dos programas de televisão a que assistia.

Num silêncio aparente, escrevia o que fazia ou desejava fazer, o que havia pensado, coisas que não dizia para ninguém e que, muitas vezes, eram escritas em inglês e/ou através de um código secreto. O diário, para mim, era o confidente perfeito: ótimo ouvinte, sempre disponível, nunca me censurava. Nele me exibia, tornava-me como Narciso<sup>1</sup>. A ele, às vezes, sonegava algum evento. Diversas vezes, por preguiça em narrar todo o drama. Outras, por vergonha em não querer reconhecer um erro, uma transgressão. Ou, ainda, por ser um “segredo absoluto”<sup>2</sup> impossível de ser partilhado, naquele momento, até mesmo com as páginas do diário. Por estar relacionado à noção de incontinência, o segredo deveria ser retido, guardado. O segredo é a lacuna entre o que falamos e deixamos de falar, aquele espaço sutil que aguça a curiosidade, que excita a imaginação, que conta

---

<sup>1</sup> Na mitologia grega, Narciso era um herói famoso por sua beleza e orgulho. Quando nasceu, foi profetizado que, se jamais contemplasse a sua imagem, teria uma vida longa. Há várias versões para o mito. Cito a de Ovídio, pois é nesse sentido que empreguei a expressão no texto. Ovídio conta que por possuir uma beleza inigualável, Narciso comparava-se a um deus como Dionísio ou Apolo. Uma bela ninfa, chamada Eco, apaixonou-se pelo belo Narciso, que a rejeitou. Eco, desesperada, definhou de amor, deixando apenas um melancólico sussurro. A deusa Mémenis condenou Narciso a apaixonar-se pelo seu próprio reflexo. Encantado com a sua imagem refletida nas águas, Narciso, que passava o tempo todo se admirando, acabou definhando. No lugar do seu corpo, nasceu uma flor, o narciso (Wikipédia <http://pt.wikipedia.org/wiki/Narciso>, último acesso em 14/12/2007).

<sup>2</sup> O “segredo absoluto” é aquele que permanece apenas com o sujeito, escapando da narrativa, de ouvidos atentos, de olhares curiosos. Entretanto, existem outros tipos de segredos: de família, pessoais, profissionais, políticos e seriam esses os segredos que valorizam as páginas dos diários (VINCENT, 1992, p. 181).

particularidades da vida privada de alguém ou de nossa própria vida. Para que ocorra, são necessárias três situações: um “*saber*” (nesse caso, refere-se aos pensamentos, intimidades, desejos, sentimentos, aspectos do comportamento, receitas de fabricação, tramas), a dissimulação desse “*saber*” e uma relação que se organiza com os/as outros/as a partir desse “*saber*” (VINCENT, 1992, p. 180). Portanto, partilhar um segredo, mesmo que seja com as páginas do diário, significa inseri-lo em uma série de cumplicidades.

Por guardar segredos, o meu diário não era deixado em qualquer lugar, próximo a qualquer pessoa. Ficava escondido nos recantos mais improváveis dos cômodos. Mesmo sendo guardado a “sete chaves”, havia uma cumplicidade com minhas melhores amigas: partilhávamos nossos diários. De vez em quando, ele passava a noite na casa de uma das minhas amigas, e vinha outro “dormir” em minha casa. Ao ler o diário da outra, além de partilhar de sua intimidade, entrava em contato com seus códigos e significados. Também posso pensar que essa troca era uma forma de satisfazer um desejo premente na escrita íntima: o de ser lida (SHITTINE, 2004).

Passados alguns anos, considerando certos deslocamentos, retorno meu olhar sobre a escrita íntima, dessa vez, porém, na internet.

Os *blogs* são formas contemporâneas de escrita na internet que se popularizaram no final da década de 1990. Nessas páginas virtuais<sup>3</sup>, pessoas comuns, ou não, escrevem sobre suas vidas privadas ou áreas de interesse, publicam notícias e/ou temas veiculados na imprensa emitindo ou não sua opinião, trocam receitas, comentam sobre cinema ou futebol... Expressam sua cultura, seus estilos de vida, seus saberes. Assim como à maior parte do espaço virtual, aos *blogs* não se aplica a mesma censura imposta a outros meios de comunicação como à

---

<sup>3</sup> Para Pierre Levy (1999), a palavra virtual pode ser entendida através de três sentidos: o primeiro, técnico, estaria relacionado à informática. Também em seu uso corrente, o segundo sentido, empregado para designar a irrealidade, uma vez que a realidade indica uma presença tangível ou uma efetivação material. Em um terceiro sentido, o filosófico, o virtual existe em potência, não em ato. Portanto, na perspectiva filosófica, o virtual não seria o oposto do real, mas do atual. A “*virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes da realidade*” (p. 47), uma vez que o virtual pode existir sem estar presente. Nesta pesquisa, a palavra será utilizada em seu sentido técnico, uma vez que seu emprego no texto está relacionado ao uso da internet.

televisão, ao rádio, às revistas e ao jornal, o que permite à autora<sup>4</sup> do *blog* publicar seus textos, sem intermediários, mas contando, certamente, com sua autocensura. Os diretórios que hospedam a maioria dos *blogs* escritos no Brasil, como o *Blogger*<sup>5</sup> e sua versão brasileira, o *Blogger Brasil*<sup>6</sup>, deixam claro que não se responsabilizam pelas informações e/ou comentários ali publicados. Apenas solicitam ao/a leitor/a da página que denuncie a pornografia infantil, a pedofilia e a prostituição (ver Anexo 1).

A palavra *weblog*, que se popularizou como *blog*, deriva da junção das palavras em inglês *web*, que em português significa rede e representa a própria internet, e *blog*, diário de bordo onde os/as navegadores/as registram eventos de viagens. Na internet, os *blogs* servem para publicar registros realizados pela usuária do *blog*, a “blogueira” (ROCHA, 2003). Lendo alguns *blogs* soube de certos segredos, li histórias de amor, brigas com namorados, fetiches por sapatos, exageros com o chocolate, problemas no trabalho, planos para um novo ano. Li uma outra versão da ocupação de terra pelo MST<sup>7</sup> ou de escândalos políticos. Espiei a sexualidade, corpos apareceram escritos, fronteiras de gênero foram transitadas.... Soube dos lugares “chiques” nos quais uma blogueira portuguesa gosta de almoçar, como se envolveu com um homem casado, de suas fantasias que, expostas na rede, foram conquistando milhares de leitores.

---

<sup>4</sup> Nesta pesquisa, assumo um “jeito feminista de escrever”. Portanto, vou me opor à linguagem que apresenta a forma masculina como regra geral, sendo assim, será explicitada a terminação feminina e masculina ao longo do texto através da utilização de termos neutros em gênero, como “pessoas”, “sujeitos”, ou especificando a terminação masculina e feminina, como “leitor/a”. O texto será escrito na primeira pessoa uma vez que os estudos feministas permitem à /ao autor/a estar “dentro do texto”. Por tratar de *blogs* escritos por mulheres, utilizarei a terminação feminina para designar a/o autor/a do *blog*, a blogueira.

<sup>5</sup> [www.blogger.com](http://www.blogger.com). Blogger (que também serve para designar o termo blogger, traduzido livremente em português como blogueira) é um serviço que oferece ferramentas para as pessoas publicarem textos e imagens na internet. O Blogger foi criado pela Pyra Labs em 1999. Em 2002, com a inauguração do seu portal de internet, Globo.com, as Organizações Globo em parceria com a Pyra Labs inauguraram a única filial do Blogger no mundo, o Blogger Brasil, que na época oferecia também hospedagem de imagens o que ainda não era oferecido de graça pela matriz estadunidense. Em 2003, o Google comprou a empresa tornando-se o proprietário do Blogger e do Blogger Brasil proporcionando o acesso grátis a algumas funções que antes eram pagas, como a publicação de imagens no *blog*. Embora o serviço do Blogger Brasil seja disponível somente para assinantes do Globo.com, existe a versão gratuita do Google. (Blogger [www.blogger.com.br](http://www.blogger.com.br) último acesso em 10/04/2008 e Wikipédia <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogger> último acesso em 10/04/2008).

<sup>6</sup> <[www.blogger.com.br](http://www.blogger.com.br)>

<sup>7</sup> Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST): refiro-me aqui à invasão da fazenda Coqueiros em dezembro de 2007.

A “opacidade” da tela possibilita a quem escreve em *blogs* o desejo de se expor através da escrita sem se identificar. Na rede, muitas blogueiras utilizam um pseudônimo para assinar seus textos. Denise Schittine (2004) aponta o uso do pseudônimo como uma forma de a autora poder falar mais à vontade de sua intimidade e/ou daqueles sujeitos que participam de sua vida, de seu cotidiano, atenuando sua autocensura.

Os textos veiculados na internet pela blogueira são compreendidos, nesta pesquisa, como um artefato cultural. O que me interessa, então, é o próprio texto e sua capacidade de expressar modos contemporâneos de ser e estar no mundo, assim como veicular representações<sup>8</sup> de corpos. Os milhões de *blogs* que se proliferam pela internet podem ser pensados como um artefato da cultura contemporânea, midiaticizada, inserida em processos de significação e redes de poder. Por serem artefatos culturais, assim como *sites*, revistas, filmes, programas de televisão e livros didáticos<sup>9</sup>, os *blogs* articulam saberes ensinando formas de ser e estar no mundo, de experimentar e significar o corpo, mostram posições sociais para o homem e para a mulher ocuparem, falam de sexualidade e das estratégias de sedução que contam em nossa cultura e sociedade. Os *posts*<sup>10</sup> articulam conceitos que, de um modo ou de outro, são resultantes ou integrantes das práticas discursivas correntes na cultura da qual a blogueira participa. Penso os *blogs* como uma das tantas possíveis formas de produzir “verdades” e saberes na contemporaneidade.

Durante muito tempo, a escola foi o espaço privilegiado para estudos realizados no campo da educação. Hoje, porém, sabemos que é fundamental olhar além, buscando outros espaços que produzem e ensinam conhecimentos e saberes, espaços que participam na produção dos sujeitos. Rosângela Soares e Dagmar

---

<sup>8</sup> Nesta pesquisa, utilizo o termo representação tendo por base os Estudos Culturais uma vez que é entendido como um modo de produzir significados na cultura que se estabelecem pela linguagem, através de relações de poder (MEYER, 2002). Esse termo será aprofundado adiante.

<sup>9</sup> Ressalto que há diferenças entre cada um dos artefatos culturais citados.

<sup>10</sup> Textos do *blog*, organizados em ordem cronológica.

Estermann Meyer<sup>11</sup> comentam a importância de pensarmos a relação entre artefatos culturais e educação nos processos de organização das relações sociais e na produção dos sujeitos, uma vez que “o currículo se desvincula e se projeta para além da escola” (SOARES e MEYER, 2003). Ao estender o olhar “para além da escola”, observamos que há várias instâncias que educam e moldam os corpos, que ditam comportamentos e formas de ser demonstrando que há “pedagogia” em muitos espaços. A internet é mais um deles. Para Henry Giroux e Peter McLaren (1995, p. 144), “existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que exista a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades”.

Lembrei meu interesse na infância pelos livros de arte (onde a maioria dos artistas que assinavam as obras eram homens) e pelos livros da enciclopédia médica que se misturavam a outros nas prateleiras das estantes da casa em que eu morava. A vantagem desses livros estava no fato de ali poder olhar corpos nus representados e os diversos contextos sociais e culturais em que se encontravam inseridos. O discurso da arte aguçava minha imaginação entre tantas formas, modos de ser, viver e experimentar os corpos, capturava meus olhares infantis por horas. Já as ilustrações que firmavam o discurso médico mostravam corpos decupados<sup>12</sup>, genitálias com verrugas, mulheres dando à luz num ambiente esterilizado, com seringas e mãos envoltas por luvas de borracha... Com meus olhos arregalados e as sobrancelhas franzidas, “zap”, fechava o livro e o guardava rapidamente na estante. Essas representações, assim como o discurso da escola, da família, da mídia televisiva, dos contos de fadas e tantos outros atuaram como pedagogias que disciplinaram meu corpo, que ensinaram formas sociais de ser mulher, que “silenciaram” a sexualidade, além de ensinarem os “momentos certos” para usá-la como um dispositivo de sedução. Vale dizer imediatamente que, nesta pesquisa,

---

<sup>11</sup> Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782003000200010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200010&lng=pt&nrm=iso) . Último acesso em 31/03/2008.

<sup>12</sup> Decupar: palavra que tem sua origem do termo francês *découper*, que significa “cortar fora” ou “recortar”. Aqui, a expressão “corpos decupados” remete à ideia de que os corpos ali representados estão “recortados”, “cortados”, em partes (ABREU, 1996).



utilizo o termo discurso numa perspectiva foucaultiana, onde pode ser entendido não apenas como um conjunto de signos ligados a conteúdos ou a representações, mas como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que eles fazem é mais do que utilizar esses signos para designar as coisas. É esse ‘mais’ que os torna irredutíveis à língua e ao ato de fala” (FOUCAULT, 1986, p. 56).

Guacira Lopes Louro (1999, p.18) conta-nos algumas lembranças de quando estudava “numa escola pública predominantemente feminina”, das marcas que a educação ia deixando em seu corpo. Às mulheres, junto com os estudos das artes, das ciências, das letras, era ensinada a discrição, “os bons modos”, a docilidade, a obediência. A essas práticas de disciplinamento dos corpos, ela chamou de pedagogias da sexualidade, afirmando que “tal pedagogia é muitas vezes sutil, discreta, contínua mas, quase sempre, eficiente e duradoura” (LOURO, 1999, p.17). A autora também chama atenção ao fato de as representações que circulam em diversas instâncias da nossa sociedade, através de jogos de poder, investimentos sociais e culturais, moldarem nossas identificações:

[...] distintas e divergentes representações podem, pois, circular e produzir efeitos sociais. Algumas delas, contudo, ganham uma visibilidade e uma força tão grandes que deixam de ser percebidas como representações e são tomadas como sendo a realidade. Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, “normais” (gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião, etc.) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros. Eles falam por si e também falam pelos “outros” (e sobre os outros); apresentam como padrão sua própria estética, sua ética ou sua ciência e arrogam-se o direito de representar (pela negação ou subordinação) as manifestações dos demais grupos (LOURO, 1999, p. 16).

A estudiosa Sandra Harding (1986), que se dedicou à pesquisa feminista, já chamava atenção, desde a década de 1980, para o fato da importância e da urgência em tematizar a experiência das mulheres permitindo, expressar através de suas falas e representações, suas percepções, seus saberes bem como, tentativamente, buscar construir outra realidade política para o mundo. Ressaltava o

cuidado de não abordar as mulheres como vítimas, visto que elas sempre resistiram à dominação dos homens.

Nesta dissertação procuro colocar as mulheres como “participantes ativas” o que, segundo Alcione Silva (1999), leva a considerar a pesquisa como uma prática política. Inscrevo, pois, meu estudo numa perspectiva feminista. Para Alcione Silva, o “feminismo é um compromisso político, uma consciência, uma forma de pensamento e uma práxis. Enquanto um compromisso político, o feminismo tem como premissas básicas o fim da dominação de um grupo sobre o outro e mudanças na vida diária das mulheres” (1999, p. 106). Dessa forma, ao adotar um referencial feminista<sup>13</sup>, coloco em xeque o determinismo biológico que tem alicerçado as relações de poder entre os sexos, instituído binarismos, atribuído valores ao que pertence ao homem e à mulher, determinado e autorizado a sexualidade dos corpos. As mulheres e aqueles/as que se desviaram da “norma”, cunhada pelo homem branco, heterossexual, burguês, judaico-cristão e validada pela ciência, foram posicionados/as em polos de menor valor.

Nesse contexto, cabe lembrar que o termo gênero, cunhado por estudiosas anglo-saxãs no início da década de 1970, designa a construção social do sexo, edificada na cultura e na sociedade, através de relações de poder e processos de significação. Ressalto que esse conceito não trata exclusivamente das mulheres, mas dos jogos de poder que se dão entre homens e mulheres e das diversas instâncias sociais, políticas e culturais que instituem saberes sobre os corpos (MEYER, 2003). Cercado por controvérsias que lhe atribuíam diversas definições, este termo foi gradativamente sendo incorporado à luta feminista. Para essas definições, Meyer (2003, p. 15) indica como ponto de convergência a pretensão

---

<sup>13</sup> Há uma diversidade de opiniões dentro do movimento feminista. Considero atrativa a perspectiva das feministas pós-estruturalistas, fundamentadas principalmente nas teorizações de Michel Foucault e Jaques Derrida, pois buscam a “reconstrução das relações de poder no âmbito político, social e cultural da nossa sociedade capitalista e patriarcal” (SILVA, 1999, p. 107). É essa perspectiva que buscarei imprimir ao meu estudo.

[...] em romper a equação na qual a colagem de um determinado gênero a um sexo anatômico que lhe seria “naturalmente” correspondente resultava em diferenças inatas e essenciais para argumentar que diferenças e desigualdades entre mulheres e homens eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas.

Ao eleger para esta pesquisa cinco *blogs* escritos por mulheres, procurei analisar as falas dos *posts* problematizando e contextualizando as situações nas quais os corpos aparecem representados. Para tanto, aproximei-me da Análise Cultural, dos Estudos Feministas e Estudos do campo da sexualidade (Estudos Gays e Lésbicos e a Teoria *Queer*) principalmente aqueles que se ligam a uma perspectiva Pós-estruturalista de análise e aos Estudos Foucaultianos. Esses estudos vêm questionando a forma como os sujeitos estão representados ao chamar atenção para as “vozes” daqueles/as que eram considerados “a minoria”, perturbando a “hegemonia” dos discursos até então proferidos. Através desses campos de estudo, fui desafiada a pensar não só em uma política identitária, mas também numa política pós-identitária, oposta aos binarismos, principalmente à oposição hetero/homeossexual, feminino/masculino, mulher/homem (LOURO, 2006) e a heterossexualidade compulsória.

Não desconheço que existem relevantes focos de tensão entre os Estudos Feministas, os Estudos Gays e Lésbicos e a Teoria *Queer*. Conforme Louro (2006), é possível pensar como um dos focos de tensão entre esses campos de estudo a política de identidade, central à afirmação feminista, gay e lésbica, uma vez que, para teóricos *queer*

[...] uma política de identidade pode se tornar cúmplice do sistema contra o qual ela pretende se insurgir, na medida em que ela mantém como referência para a construção de suas demandas ou de suas lutas a ‘norma’, isto é, o sujeito masculino heterossexual. Para teóricos e teóricas *queer*, seria necessário pensar, agora, numa política e numa teoria pós-identitária, que se voltasse não propriamente às condições de vida de homens e mulheres homossexuais, mas que tivesse como alvo, fundamentalmente, a crítica da oposição que, segundo suas análises, organiza as práticas sociais, as instituições, o conhecimento, as relações entre os sujeitos (LOURO, 2006, p. 26).

Cada vez mais os atributos de gênero se deslocam, possibilitando novas experiências. A sexualidade adquire outras formas de regulamentação e controle, enquanto as pessoas são estimuladas a experimentar diversas formas de prazer através dos corpos. Com os avanços tecnológicos da medicina, muitas “certezas biológicas” estipuladas pela ciência de outrora já podem ser questionadas. São situações que contribuem para romper a estabilidade da episteme que vigorava na modernidade demonstrando que hoje um novo conjunto de regras e princípios possibilita que outras coisas sejam ditas e pensadas. A partir dessas novas representações, surgem também outras formas de se falar dos corpos, dos gêneros, das sexualidades e dos sexos. Criam-se outros saberes, outro jeito de pensar as relações de poder, a ética e a estética na contemporaneidade.

Neste texto, a ética e a estética serão entendidas numa óptica foucaultiana em que a ética se refere à problematização dos modos de existência, tanto às relações consigo mesmo como às relações com os outros. Assim, a ética determina a maneira pela qual o indivíduo deve constituir a si como o sujeito moral de suas próprias ações. A moral, no pensamento grego, vem no rastro do processo de subjetivação que vigorava na Antiguidade. Ao falar da “história das morais”, Michel Foucault, em entrevista a Hubert Dreyfus e Paul Rabinow, em 1983, distingue os atos do código moral. O código moral refere-se às prescrições impostas às pessoas. Já os atos, às condutas e aos comportamentos das pessoas perante o esse código moral. Ressalta que a ética não estava relacionada a nenhum sistema social institucional ou a algum aspecto legal, mas à construção de uma ética que servisse a uma estética da existência. Estética refere-se ao exercício de sensibilidade em relação ao mundo, possibilitando uma vida bela a partir da relação consigo (DREYFUS e RABINOW, 1995).

É, pois, com apoio nas noções até aqui esboçadas e no âmbito da temática – mulheres que escrevem de si na internet – que anuncio a questão que mobilizou este estudo: **Como os corpos são representados nos *posts* dos *blogs* de blogueiras que escrevem sobre si na internet?**

A fim de auxiliar as discussões que essa questão maior suscitou, outras questões foram sendo formuladas ao longo do estudo. Elas serão apresentadas no decorrer dos capítulos e retomadas no Capítulo 4, Links *metodológicos*.

\*\*\*\*\*

No segundo capítulo, intitulado *Login*, exploro, de forma breve, a atuação das tecnologias de escrita na produção de si e na constituição de saberes e verdades, bem como suas articulações com a representação dos corpos. Procuo destacar como foi se deslocando e se ressignificando, ao longo das gerações, os modos de escrita sobre si, assim como busco criar uma aproximação com o tema da pesquisa.

No terceiro capítulo, denominado *Tela, teclado e um click no mouse: ciberespaço e suas conexões com a cultura*, comento sobre o (ciber)espaço em que os *blogs* são publicados, bem como discuto a emergência das chamadas novas tecnologias de informação e comunicação na sociedade contemporânea, suas implicações com a cultura, suas conexões com o corpo. Para tanto, subdividi o capítulo em duas seções: *Modos de ser e viver (n)no ciberespaço* e *Corpos no espaço “público-privado”*.

No quarto capítulo, intitulado *Links metodológicos*, aponto o modo como cheguei aos cinco *blogs* selecionados para esta pesquisa, faço a apresentação desses *blogs*, assim como comento os procedimentos de análise, procurando estabelecer articulações com a Análise Cultural.

No quinto capítulo, denominado *O corpo que (se) escreve*, é onde analiso as falas das blogueiras. Está composto por três eixos. No primeiro eixo, intitulado *Entre dietas, cosméticos e exercícios: corpos conformados*, analiso falas das blogueiras referentes a padrões contemporâneos que instituem, principalmente, a magreza e uma aparência saudável como critérios fundamentais à conquista da felicidade e da beleza. A seguir, em um segundo eixo denominado *“Coisas de mulher”: preceitos e assuntos que fazem corpos femininos*, destaco representações que envolvem o amor

romântico, o cuidado e a delicadeza bem como assuntos como a moda, a menstruação e os prazeres. Temas presentes nas falas dessas mulheres que as fazem femininas. No terceiro, e último, eixo, intitulado *Seda, pimenta e sal: um modo sensual de representar os corpos*, olho para as representações de corpo articuladas, principalmente, às sensações do paladar, do olfato, do tato.

E, para finalizar, um post.

## 2 LOGIN <sup>14</sup>

Quando comecei a escrever estas páginas, tentando conectar meus pensamentos e exercitar minhas ideias, deparei-me com um modo de escrita que foi se transformando e se reconfigurando ao longo do tempo e das gerações e hoje deixa aparecer o seu rastro em “falas” que, pelo *ciberespaço*<sup>15</sup>, expressam modos de ser e estar no mundo. Destaco, desde já, que os outros modos de escrita não desapareceram, mas se deslocaram e, neste trabalho, o foco recai sobre a escrita íntima, desta vez, em páginas peculiares na internet, os *blogs*.

Os *blogs* são páginas *on line*, pessoais, dinâmicas, interativas que podem tratar de variados assuntos. Há *blogs* onde são publicadas notícias, comentários esportivos, poesias, receitas culinárias, contos. Outros, trazem fatos da vida pessoal de quem ali escreve, seus pensamentos, seu cotidiano, seus (des)amores, pois o sujeito também pode utilizar esse espaço para falar da sua intimidade, para falar de si.

Falar é exprimir com palavras, é dizer, contar, relatar, narrar, conversar, dialogar. Os *blogs*, assim como outros modos de escrita na internet<sup>16</sup>, portam rastros da comunicação “face-a-face”, em que um sujeito “fala” e outro/s “responde/m” (no caso dos blogs, através de comentários), guardando suas particularidades de tempo e velocidade, uma vez que a internet possibilita que o que é escrito de um determinado computador ou de num Iphone, por exemplo, possa ser acessado pelos/as demais usuários/as da rede, que podem estar espalhados por todos os cantos do mundo, ou a poucos metros de distância. Faz-se importante comentar que a fala está relacionada ao modo como os sujeitos expressam seus saberes e

---

<sup>14</sup> *Login* é um conjunto de letras, números e/ou símbolos solicitados para os usuários que querem acessar algum sistema computacional. Geralmente, para liberação do acesso, os sistemas computacionais solicitam um login e uma senha. Efetuar *login* é a ação necessária para acessar um sistema computacional.

<sup>15</sup> No próximo capítulo, intitulado *Tela, teclado e um click no mouse: ciberespaço e suas conexões com a cultura*, teço considerações sobre o ciberespaço. Porém, desde já comento que *ciberespaço* é uma expressão que foi propagada pelo escritor norte-americano Willian Gibson em seu livro *Neuromancer*, em 1984 (LEVY, 1999).

<sup>16</sup> Como o e-mail, *msn*, *orkut*, *twitter*, *sites* de perguntas e respostas, dentre outros.

verdades, constituídos, por uma série de relações de poder, na cultura e sociedade da qual o sujeito participa. Saberes e verdades que não são fixos nem estáveis e são mobilizados pelos discursos e representações que são, em determinados períodos, privilegiadas.

Por se constituir em um dos espaços onde alguns sujeitos falam de suas dores, seus amores, suas misérias, do seu dia de trabalho, como lidam com o corpo, dos pequenos detalhes de seu cotidiano para o/a provável leitor/a da página, faz-se possível apontar o caráter confessional pelo qual os *blogs* são dotados. Entretanto, concordo com Paula Sibilia (2008, p.71) quando refere que mencionar apenas o caráter confessional dos *blogs* é “uma explicação possível, embora parcial, pois deixa sem elucidar algumas de suas especificidades mais significativas” .

A confissão é uma tecnologia ainda utilizada para produzir “a verdade” sobre os sujeitos e seus corpos. Está basicamente relacionada com o ato da fala. Pela confissão, os sujeitos são incitados a exprimir um discurso de verdade sobre si, através da individualização. Cabe lembrar que a confissão é utilizada pela Igreja<sup>17</sup> e pelo sistema jurídico, no Ocidente, desde a Idade Média e, ao longo dos séculos, foi sendo apropriada por outras instituições. Pela pedagogia, a partir do século XVIII, e pela medicina, a partir do século XIX, passando então a ser difundida, reformulada e utilizada em uma série de relações: entre filhos/as e pais, penitentes e confessores, pacientes e médicos/as, alunos/as e pedagogos/as, escritores/as e leitores/as. Michel Foucault (2006), no primeiro volume da História da Sexualidade<sup>18</sup>, aponta que, no século XIX, lançou-se mão da confissão para produzir “a verdade” sobre o sexo. Desse modo, foram produzidos discursos que, ao se articularem à medicina, instituíram a *scientia sexualis*, legitimando através da autoridade dos estudos científicos uma “verdade” sobre os sujeitos, seu corpo e seu sexo.

---

<sup>17</sup> A partir dos séculos XI a prática da confissão vai sendo focalizada pela Igreja e a partir de 1215, com o IV Concílio de Latrão, torna-se obrigatória e instaura-se um tribunal permanente diante do qual cada sujeito deverá aparecer: ao menos uma vez por ano, na Páscoa, para os laicos e todos os meses, podendo ser todas as semanas, para os clérigos (FOUCAULT, 2008).

<sup>18</sup> Este primeiro volume da História da Sexualidade é intitulado *A Vontade de Saber* foi publicado em 1976. Posteriormente foram escritos mais dois volumes, *O Uso dos Prazeres* e *As Técnicas de Si* publicados no ano de sua morte, em 1984 e deixou, provavelmente em forma de notas, um quarto volume, não publicado, intitulado *As confissões da carne*.



Além da “verdade” sobre a sexualidade muitas outras “verdades” foram sendo postas em discurso, através de práticas confessionais, sobre os sujeitos e seus corpos. Através de diversos deslocamentos e de variados modos, a prática da confissão foi sendo incorporada à nossa sociedade, sendo que, na maioria das vezes, o efeito de poder que perpassa essa prática é sutilmente invisibilizado. Será que, hoje, causa estranhamento ser chamada de “confessionário” a cabine da casa do *Big Brother Brasil (BBB)*<sup>19</sup> onde os participantes votam e falam individualmente para o público? Quantas vezes não solicitamos a alguém que confesse sua culpa, “a verdade”, seus abusos? Então, penso que os *blogs* podem ser, de certa forma, olhados como “um” dos espaços de confissão contemporânea que, através de relações de poder-saber, produz verdades sobre os sujeitos que ali escrevem.

Ao analisar os cinco *blogs* selecionados para esta pesquisa, pareceu-me possível fazer outras aproximações, levando-se em conta a teoria que tomo como referência. Uma das aproximações que observei foi em relação ao que Foucault chama de *escrita de si*, uma vez que, em diversos momentos, essas cinco blogueiras possibilitam pensar como esse modo de escrita atua, juntamente com outras tecnologias<sup>20</sup>, na produção de si, do seu corpo.

---

<sup>19</sup> *Big Brother* é um *reality show* (termo conhecido por tentar mostrar a realidade de uma forma simulada) onde, durante cerca de três meses, um grupo de pessoas (geralmente menos de 15 pessoas) tenta se manter em uma casa fechada, vigiadas por câmeras, 24 horas por dia. O/a participante eliminado/a é escolhido/a pela audiência do programa, o/a último/a a sair da casa fatura o prêmio do programa. O nome do programa, *Big Brother*, é uma alusão ao romance *1984*, de autoria de George Orwell em 1949. O romance vislumbra o mundo, em 1984, dividido em três corporações e o Big Brother (uma alusão aos grandes ditadores que desencadearam a Segunda Guerra Mundial) era o grande e onipresente líder da Oceania (estado-corporação que dominava todos os povos “civilizados”) e era responsável pela vigilância e privacidade de cada um. Winston, o personagem principal do livro, tem a tarefa de reescrever as notícias publicadas no jornal a fim de conciliá-las com a vontade do Big Brother. Aos poucos, Winston vai se dando conta da alienação, fantasia e terror criados pelo grande líder para manter os habitantes da Oceania em regime de escravidão (SCHITTINE, 2004).

<sup>20</sup> Aqui refiro-me às tecnologias de si descritas por Foucault “que permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade”. O autor cita também: as técnicas de produção graças as quais podemos produzir, transformar e manipular objetos; as técnicas de sistemas de signos, que permitem a utilização de signos, de sentidos, de símbolos ou de significação; as técnicas de poder, que determinam a conduta dos indivíduos, submetendo-os a certos fins ou à dominação, objetivando o sujeito. Raramente esses quatro tipos de técnica funcionam separadamente, mesmo por que cada tipo está associado a uma

A *escrita de si*, assim como a confissão, é uma tecnologia de si que, ao conduzir à individualização e à introspecção, opera produzindo verdades sobre o sujeito que escreve. Passou a ser bastante utilizada nos séculos I e II da era cristã como um modo de o sujeito<sup>21</sup>, através da escrita, produzir a si. Representou uma nova tecnologia possível, para Foucault em entrevista a Dreyfus e Rabinow (1995), de ser comparada à entrada do computador na vida moderna. A escrita, que se tornou uma prática importante no *cuidado de si*<sup>22</sup>, deveria servir como um exercício racional, oposto ao defeito da *stultitia* (caracterizada pela agitação da mente, pela dificuldade em prestar atenção, pela fragilidade de opiniões e vontades). A *escrita de si*, como nos diz Foucault, remonta a três situações: os *hypomnematas* e as correspondências, na Antiguidade Clássica tardia, e aos diários pessoais, do século XVI.

Os *hypomnematas*, semelhantes às cadernetas de anotações individuais, eram utilizados para anotar citações, trechos de obras, pensamentos e reflexões (ouvidas ou que viessem à mente), a fim de serem relidos constantemente, “para a constituição de si através do pensamento dos outros” (FOUCAULT, 2004b, p. 156). Tratava-se de se apropriar de um pensamento e dele persuadir-se tão profundamente até acreditar completamente em sua veracidade, fazendo dele um princípio de ação. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou

---

determinada forma de dominação. Cada um desses tipos implica em certos modos de educação e de transformação dos indivíduos, à medida em que se trata não somente, de adquirir certas aptidões, mas também de adquirir certas atitudes. (FOUCAULT, 1996, p. 48, tradução minha)

<sup>21</sup> A *escrita de si* era praticada na Antiguidade por uma pequena parcela da população, uma pequena elite, composta por homens livres. Por questões sociais e culturais, excluía-se dessa prática as mulheres e os escravos.

<sup>22</sup> O *cuidado de si* fazia parte de um conjunto de práticas constantes realizadas por uma elite composta por homens livres. Em grego, essas práticas, que tiveram grande importância na Antiguidade clássica ou tardia, concerniam ao que era denominado *epimeleia heautoû* e em latim à *cura sui*. Tinham como princípio “ocupar-se consigo”, “cuidar de si mesmo”. Há muitos testemunhos dessa época que demonstram a importância dada ao “cuidado de si” e de sua conexão com o tema do conhecimento de si (*gnôthi seautôn*). Michel Foucault também se dedicou ao estudo do cuidado de si e aponta as transformações dessa prática, principalmente no que tange à política, a pedagogia e ao conhecimento de si, desde Sócrates, no célebre texto *Alcebíades*, até os séculos I e II da era cristã. Cabe ressaltar que através desse movimento que foi transformando esse conjunto de práticas ao longo das gerações é mais comum se utilizar a denominação “cultura de si” em vez de “cuidado de si” a partir do momento “em que a aplicação a si se tornou uma prática adulta a ser exercida por toda a vida, seu papel tende a se dissipar e outras funções se afirmam” (FOUCAULT, 2004a, p. 602).

pensadas. A vantagem da escrita nos *hypomnematas* teria dois usos possíveis: para quem escreve, já que escrever ajudava a assimilar os pensamentos, e também para os outros, auxiliando no combate às tentações ou para superar momentos difíceis. Por mais pessoais que fossem, os *hypomnematas* não eram narrativas de si, visto que tratavam de captar “o já dito, reunir o que se pode ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si” (FOUCAULT, 2004b, p. 149).

As correspondências, comuns nos primeiros séculos da era cristã, são os primeiros relatos escritos sobre si. Eram mais que um “adestramento de si mesmo pela escrita” (FOUCAULT, 2004 b, p. 155). Consistiam em uma maneira de se expressar para si e para o outro, rememorando as atividades, leituras, os fatos corriqueiros do seu dia, as notícias sobre a saúde, a dieta<sup>23</sup>. Esse “trabalho” sobre si ia constituindo verdades advindas do próprio sujeito. Eram uma abertura que se dava ao outro sobre si. Essas cartas, além da introspecção, tanto de quem as escrevia como daquele que as lia, expressavam uma narrativa de si que expunha ao outro seus saberes. Assim, pode-se dizer que ao receber uma carta o escritor se faz presente para aquele que lê? E, hoje em dia, ainda será possível observar situação semelhante ao lermos um *e-mail*, um *site*, a página de um *blog*?

Escrever é, portanto, se mostrar, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. (FOUCAULT, 2004b, p. 155-156).

Nas correspondências de Marco Aurélio a seu mestre Fronton<sup>24</sup>, por exemplo, observa-se uma grande atenção dada aos fatos do cotidiano, a forma como viveu seu dia. Detalhes do cuidado de si estavam presentes. Todas as coisas,

---

<sup>23</sup> Na Antiguidade clássica, havia uma grande preocupação com o que comer para ter uma boa saúde. Michel Foucault, numa entrevista a Hubert Dreyfus e Paul Rabinow, afirma que os gregos estavam mais preocupados com a dieta do que com o sexo (DREYFUS e RABINOW, 1995).

<sup>24</sup> As correspondências de Marco Aurélio ao seu mestre Fronton (144-45 d.C.) nos oferecem o relato da vida cotidiana de Marco Aurélio, feita a Fronton. É a transcrição do exame de consciência feito pelo discípulo e escrito na carta ao mestre. Nessa época, Marco Aurélio deveria ter aproximadamente vinte e quatro anos e Fronton, por volta de quarenta anos. (FOUCAULT, 1996).

aparentemente sem importância, que Marco Aurélio havia feito: o que pensou, o que comeu, como vivenciou o seu corpo, o que leu, as dores que seu corpo sentiu, o sentimento de amor pelo seu mestre<sup>25</sup>. Há uma narrativa que se desenvolve sobre o corpo, marcado por uma ética e uma estética relevantes para a época, produzindo saberes:

Para os estóicos, o corpo não era tão importante, mas Marco Aurélio fala de si mesmo, de sua saúde, daquilo que comeu, de sua dor de garganta. Essas indicações caracterizam bem a ambigüidade que está relacionada ao corpo nessa cultura de si. Teoricamente a cultura de si é orientada em direção à alma, mas tudo que se relaciona ao corpo tem uma importância considerável. (FOUCAULT, 1996, p.65, tradução minha).

Observa-se, assim, um movimento que fazia presente os corpos na narrativa daquele que escrevia sobre si, representando o jeito como os corpos eram significados e produzidos em determinado momento histórico, permeados por relações de poder, aspectos sociais, políticos e culturais. Portanto, escrever sobre si e através da escrita representar os corpos não é algo novo. O que muda são os artefatos utilizados para tanto e, fundamentalmente, mudam os significados atribuídos aos corpos pela cultura, na cultura. O corpo aparecia na *cultura de si*, que teoricamente estava relacionada à direção da alma, através das preocupações com a dieta, com o sexo, com a saúde. O principal objetivo dessa ética era estético e constituía-se em um problema de escolha pessoal que refletia o desejo de viver uma vida bela, deixando uma existência bela como legado (DREYFUS e RABINOW, 1995).

O exame de consciência, que perdura, ressignificado, na contemporaneidade (os *blogs* nos quais a blogueira fala de si talvez possam ser vistos como um dos exemplos disso), era familiar em diferentes correntes filosóficas, como a pitagórica, a epicurista e a estoica. Posicionava o sujeito como um fiscal de si mesmo a fim de avaliar os atos e pensamentos praticados durante o dia. Foucault

---

<sup>25</sup> As nossas concepções modernas de amor e amizade não dão conta de decifrar esses sentimentos que estavam presentes de uma forma intensa e complexa na relação entre o mestre e o discípulo (FOUCAULT, 2004b).

(2004b, p. 160) aponta a relação epistolar como a desencadeadora do exame de consciência através de um relato escrito “das banalidades cotidianas, das ações corretas ou não, da dieta observada, dos exercícios físicos ou mentais que foram praticados”<sup>26</sup>. Essa prática escrita tornou-se fundamental para se pensar os movimentos da *escrita de si* que nos acompanham há muito tempo, de diferentes formas.

Na Idade Média, com a prática cristã da confissão, o corpo torna-se um objeto a ser examinado como o delator dos desejos carnis. Ao falar de corpo e desejo, o autor comenta que na

[...] prática cristã da confissão, o corpo é objeto de exame, e nada além disso. Ele é, em suma, examinado para sabermos que coisas indecentes se preparam e se produzem nele. Nesse sentido, a maneira de examinar na disciplina da confissão o problema da masturbação é muito interessante. Trata-se certamente do corpo, mas considerado justamente como o princípio de movimentos que influem na alma tomando a forma do desejo. O desejo é presumido e, portanto, o corpo se torna o problema. (FOUCAULT, 2004b, p. 32).

O exame de consciência que aparece escrito nas cartas e fundamenta a confissão cristã também é visto nos diários pessoais na Europa do século XVI<sup>27</sup>, onde a autobiografia é uma questão central e continua se transformando ao longo do tempo. Vai aparecer mais tarde, já no século XIX, nos diários íntimos das mulheres – e aqui chamo atenção especialmente para a prática entre mulheres brasileiras –

---

<sup>26</sup> Foucault (2004; 2008) diferencia o exame de consciência praticado na Antiguidade clássica onde era voluntário e circunstancial, uma vez que não era habitual que o sujeito se deixasse dirigir sobre todos os aspectos da vida, a vida inteira. O sujeito era dirigido apenas quando passava por um mau momento, por uma circunstância difícil. Portanto, na Antiguidade “a direção de consciência era voluntária, episódica, consoladora, e passava, em certos momentos, pelo exame de consciência”, sendo que esse exame de consciência tinha como objetivo que o sujeito pudesse controlar a si mesmo, tornar-se senhor de si (FOUCAULT, 2008, p. 240). Já, na prática cristã, o exame de consciência não é, exatamente, voluntário e nem circunstancial. O exame de consciência, que muitas vezes é escrito, passa a ser feito a fim de dizer ao diretor espiritual o que fez, as tentações que sentiu, os maus pensamentos que deixou em si. Assim, produz-se por esse exame de consciência um discurso de verdade. Cabe comentar que no período helenístico e imperial, onde os atos eram considerados mais importantes, do realizado no monastismo, no qual são os pensamentos que adquirem relevância. Já no cristianismo a escrita de si envolve a renúncia de si, pela culpa.

<sup>27</sup> Foucault (2004a) aponta preocupações éticas semelhantes às dos séculos I e II da era cristã no momento em que reaparecem os diários pessoais no século XVI (FOUCAULT, 2004).

quando o processo de letramento já fazia parte do cotidiano da burguesia. Lílian Maria de Lacerda (2000) nos diz que o corpo e a sexualidade são temas presentes na escrita das mulheres brasileiras, ora através do silenciamento imposto por aspectos sociais e culturais de séculos passados, ora como ponto central da narrativa de si a partir da metade final do século XX. Palavras que vão censurando ou permitindo a constituição de cenas da vida de mulheres que um dia escreveram sobre si. Momentos em que o corpo é experimentado, docilizado<sup>28</sup>, dominado, ousado. Não quero dizer, com isso, que essas práticas passaram de uma sociedade a outra como uma transferência direta, linear, mas sim que foram, ao longo dos anos, deslocando-se, modificando-se, resignificando-se, deixando seus rastros.

Quando pensamos em *blogs*, é fundamental comentar a função do/a outro/a na produção de quem ali escreve. Escrever em um *blog* não é um exercício de solidão. Ali a produção de si não é um ato individual. Pode-se dizer que é atravessada pela presença do/a outro/a: o/a outro/a como leitor/a, o/a outro/a como correspondente para quem se escreve, o/a outro/a que comenta os *posts*. Essa escrita “afeta” e produz efeitos sobre as práticas de quem escreve e de quem lê. Se a agenda ou o diário íntimo poderiam ser lidos, quem escreve em *blogs* tem a certeza de que pode sê-lo.

Hoje, muitas mulheres escrevem sobre suas vidas, suas experiências, seus saberes para quem quiser lê-las na internet. Falam também do seu e de outros corpos, das sexualidades, das posições de gênero assumidas. E este processo, como vem sendo discutido aqui, institui relações de poder-saber. Nos *posts* elas representam corpos constituídos através de discursos contemporâneos que, ao serem incorporados, fazem esses corpos. Esse é o universo que constituiu o foco de interesse desta pesquisa.

---

<sup>28</sup> Márcio Fonseca (2003) comenta que Michel Foucault quando fala, em sua obra, nas formas de objetivação e subjetivação refere-se sempre à constituição do indivíduo. Aponta uma certa concorrência entre esses processos, uma vez que a partir de estratégias disciplinares foi possível constituir o indivíduo moderno num objeto dócil e útil e, através de práticas culturais, o indivíduo torna-se um sujeito, preso a uma identidade.

Então, de que modo os corpos foram representados nos *posts* dos *blogs* analisados? Quais discursos, ou fragmentos de discursos, ao serem incorporados, estão articulados nessas representações?

Entretanto, antes de relatar os procedimentos utilizados para a seleção dos cinco *blogs* analisados, bem como de apresentar as análises dos *posts* que continham representações de corpos, considero pertinente tecer algumas considerações sobre o *ciberespaço* e suas conexões com a cultura, uma vez que é nesse (*ciber*)espaço que os *blogs* são publicados.

### 3 TECLADO, TELA E UM *CLICK* NO *MOUSE*: *ciberespaço* e suas conexões com a cultura

*criar meu web site  
fazer minha homepage  
com quantos gigabytes  
se faz uma jangada  
um barco que veleje  
que veleje nesse infomar  
que aproveite a vazante da infomará  
que leve um oriki do meu velho orixá*

-Gilberto Gil-

A série de mudanças culturais e tecnológicas que possibilitou que a *escrita de si* ganhasse uma versão na rede relaciona-se ao momento em que o computador conectado à internet passou a ocupar um lugar importante no ambiente individualizado do trabalho ou no espaço privado dos lares, garantindo à/ao usuária/o o passaporte para entrar no *ciberespaço* e ali contar seu cotidiano, para alguns/mas (ou muitos/as) leitores/as na rede. O diário escrito no papel, que geralmente ficava escondido nos recantos dos cômodos, pode vir a ser publicizado no *ciberespaço*, e a/o blogueira/o escreve na expectativa de que seus escritos estejam sendo lidos. Renata, autora do *blog* “*Devaneios e Desabafos*”<sup>29</sup>, postou:

*sei que não tenho aparecido muito por aqui, passei para dar um “oi!”<sup>30</sup>*

A saudação de Renata parece demonstrar que as/os blogueiras/os escrevem para alguém na rede, para algum sujeito que deve ler os *posts* e notar sua ausência quando não atualiza o *blog*. Quem escreve em *blogs* não sabe, ao certo, se está sendo observada/o, mas tem a certeza de que sempre pode sê-lo. Enquanto se tem a ilusão de estar “livre” no *ciberespaço*, podem haver “olhos” vigiando, controlando.

---

<sup>29</sup> Disponível em: <http://dd-devaneiosedesabafos.blogspot.com/>. Último acesso em 13/02/2008.

<sup>30</sup> É importante comentar, que todos os recortes feitos nos *posts* foram transcritos, dos *posts*, sem nenhuma correção ortográfica, gramatical de minha parte.



As denominadas novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs)<sup>31</sup> ocupam hoje o espaço das máquinas energéticas da sociedade industrial fomentando um outro modo de viver na sociedade. As instituições disciplinares, como a prisão, a escola, a fábrica, a família e o hospital que, através do confinamento, garantiam visibilidade ao indivíduo, deram lugar a novos tipos de sanções, de educação e tratamento. Gilles Deleuze ressalta a crise nas instituições disciplinares e propõem pensarmos nas sociedades de controle, onde “o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma senha” (DELEUZE, 2006, p. 222).

O *ciberespaço* não tem dimensões geográficas bem definidas. O espaço ali está próximo do abstrato e de significados matemáticos, visto que os efeitos que acontecem nesse ambiente não ocorrem, necessariamente, no local geográfico onde o usuário se encontra. Mesmo havendo um controle, exercendo seu poder de modo aparentemente sutil, quando inserido no *ciberespaço* poder-se-á estar em muitos lugares ao mesmo tempo, falar com pessoas de vários cantos do mundo, trocar ideias, saberes, informações. Ali, encontram-se diversas formas de ser e estar no mundo. Possibilidades impensadas para corpos que, sem o auxílio da tecnologia,

---

<sup>31</sup> Chamam-se Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) as tecnologias e métodos de comunicação surgidos no contexto da “revolução da informação” otimizadas principalmente desde a segunda metade da década de 1970 e que tiveram um grande avanço após os anos 1990. A grande maioria das NTICs tem por finalidade agilizar e tornar “*fisicamente manipulável*” o conteúdo da comunicação, por meio da digitalização e da comunicação em redes (mediadas ou não por computadores) para a captação, transmissão e distribuição das informações que podem ser textos, fotografias, vídeos e sons. Considera-se que o advento dessas novas tecnologias (e a forma como foram utilizadas por governos, empresas, sujeitos e setores sociais) possibilitou o surgimento da “sociedade de informação”. São consideradas NTICs os computadores pessoais, a impressão por impressoras domésticas, as *webcams*, a gravação doméstica de CDs e DVDs, os diversos suportes para guardar e portar dados como os disquetes (com os tamanhos mais variados), discos rígidos ou hds, cartões de memória, pendrives, zipdrives e assemelhados, a telefonia móvel, a televisão por assinatura, o correio eletrônico, a internet, a world wide web (principal interface gráfica da internet), os *blogs*, *fotologs*, os websites e *home pages*, o *streaming* (fluxo contínuo de áudio e vídeo via internet), o *podcasting* (transmissão sob demanda de áudio e vídeo via internet), a Wikipedia (enciclopédia interativa), o wikcionário, as tecnologias digitais de captação e tratamento de imagens e sons, a captura eletrônica ou digitalização de imagens (*scanners*), a fotografia digital, o vídeo digital, o cinema digital (da captação à exibição), o som digital, a TV e o rádio, as tecnologias de acesso remoto (sem fio ou *wireless*), dentre outras. (WIKIPÉDIA <http://pt.wikipedia.org/wiki/NTICs>. Último acesso em: 13/02/2008).

enxergavam apenas até onde os seus olhos alcançavam, escutavam apenas o som de vozes que estavam geograficamente próximas.

Pierre Levy (1999) define o *ciberespaço* não apenas como o local que surge da interconexão mundial dos computadores, mas também de cabos e fios, como os de telefonia, por exemplo. Refere-se não só à infra-estrutura, mas ao universo de informações e aos próprios sujeitos que o movimentam. É o local em que nos encontramos quando entramos em um ambiente de realidade virtual, quando estamos conversando em um *chat* ou falando ao telefone, buscando informações nas páginas dos jornais e revistas disponíveis na internet, entrando em contato com os significados sociais e culturais de quem escreve ou comenta nas páginas de um *blog*. É um espaço de comunicação, de controle, de socialidade<sup>32</sup>, de organização e de transação, um novo mercado na produção e controle de informação, conhecimento e saberes (LEVY, 1999; DELEUZE, 2006).

Muito antes de a conexão à internet se tornar possível, já se havia pensado em uma realidade virtual semelhante. Embora nem sempre se perceba como tal, considero possíveis as aproximações que são feitas entre o conceito de heterotopia proposto por Foucault para, hoje, pensar o *ciberespaço*.

Numa conferência realizada em 1967, o pensador, dizia:

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os outros lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. (FOUCAULT, 2001, p. 415).

---

<sup>32</sup> Conceito desenvolvido por Michel Maffesoli com o intuito de diferenciar-se do conceito de sociabilidade que, como diz este autor, está ligado a agrupamentos com uma função precisa e, ao mesmo tempo, objetiva e racional. Já a socialidade está ligada a uma “nova” constituição do social, na qual os sujeitos desenvolvem agrupamentos empáticos, baseados em emoções compartilhadas e em novos tribalismos, refere-se ao vivido, ao presente, ao estar-junto (MAFFESOLI, 2006b).

A esses lugares, chamou heterotopias. Espaços pelos quais “somos atraídos para fora de nós mesmos” e que nos levam a outras formas de contar o tempo, de perceber a história. Não são lugares vazios onde se poderiam colocar indivíduos, ideias, histórias. Ao contrário, são lugares reais, que só adquirem sentidos através das relações que se estabelecem do sujeito que chega com tudo aquilo que ali se encontra (FOUCAULT, 2001). Na esteira desse conceito, o *ciberespaço* pode ser pensado como um espaço de experimentação, onde o sujeito que chega é convocado a um estranhamento dos saberes e “verdades”, dos tipos de normatividade e normalidade pelos quais foi subjetivado. Muitos sujeitos, ao se deslocarem pelo *ciberespaço*, criam outro/s corpo/s para si, metamorfoseando-se em diversos indivíduos, através de ferramentas disponíveis na rede e/ou fabricando um corpo para si, através de palavras. Corpo que, para circular na rede, é produzido conforme o desejo do sujeito que ali escreve. Pode (ou não) ser sexuado, sexualizado, generificado pelos atributos inteligíveis em determinada cultura e sociedade ou, simplesmente, ser produzido pelo modo como o sujeito quer representar a si.

No *ciberespaço*, o sujeito pode buscar uma nova ética, à medida em que ali há condições de possibilidade para escapar da regulação da “norma”. Como espaço ético, o *ciberespaço* pode se constituir também como um local de prática da liberdade, uma vez que a liberdade seria a própria possibilidade da ética, ou seja, da relação consigo e com os outros, sem a regulação da “norma”. Seria esse (*ciber*)espaço um dos locais que possibilitam o exercício da ética para o sujeito contemporâneo?

O *ciberespaço* tornou-se possível com o rápido avanço da eletrônica e da tecnologia digital que também fez com que as NTICs tivessem uma participação decisiva na constituição do sujeito contemporâneo. As NTICs passaram a se misturar em nossa vida. Encontram-se presentes em nosso cotidiano de uma maneira já naturalizada que embaralha a noção do tempo linear, do espaço geográfico, da distância, do que pertence ao público ou ao privado, uma vez que permitem que muitas falas e olhares estejam em muitos lugares ao mesmo tempo, potencializando

os corpos. Não seria o telefone que amplia nossos ouvidos e a nossa voz; a televisão, e os satélites o nosso olhar; o computador a nossa memória; a internet a nossa voz e o nosso olhar? Também proporcionam outras formas de agregação social possibilitando que novas comunidades sejam formadas sem a presença corporal, por pessoas que se encontram na rede e passam a partilhar saberes, possibilitando assim uma nova ética para essa outra forma de estar no mundo.

Por não estarem submetidos à censura e aos padrões de restrição aplicados aos meios de comunicação como a televisão, o rádio, as revistas ou o jornal, bem como a alguns *sites* da internet, os *blogs* não sofrem tanto com os processos de hierarquização e controle das informações (ROCHA, 2003). Em seu *blog*, sem a interdição de um editor, a/o blogueira/o pode expressar seus saberes, seu modo de ser, de pensar e de se relacionar com a vida. Porém, há regras nos diretórios que hospedam os *blogs* proibindo imagens, textos e/ou vídeos ligados à prostituição e à pedofilia, o que demonstra que nem sempre é possível publicar tudo o que se quer, da forma como se pretende, em um *blog*.

A internet, na condição de meio de comunicação social, faz circular diversos discursos. Ao “navegar” por esse meio, o/a usuário/a da internet, encontra e/ou constrói uma representação “virtualizada” do mundo, na qual ecoam vozes que fazem falar múltiplos discursos, mas fazem calar outros, diz Lucília Romão (2006). Tecnicamente, todos são aceitos no *ciberespaço* e qualquer sujeito, mesmo apenas possuindo conhecimentos elementares em informática, pode publicar seu *blog*. A internet aceita que qualquer pessoa, não importando sexo, sexualidade, religião, nível social ou localização geográfica, possa difundir informações e saberes, desde que, para isso, tenha um mínimo de competências técnicas. Entretanto, é fundamental pensar que a internet não está distribuída de maneira igualitária. Em nosso país, embora venha crescendo o número de pessoas com acesso à internet, não são todas/os que podem estar na rede. De acordo com o Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE), apenas um quinto das residências brasileiras<sup>33</sup> tem acesso à internet.

Lucília Romão (2006) chama atenção para o recorte de informações e imagens que instalam saberes na rede, visto que da mesma forma que muitos discursos circulam na internet outros tantos são silenciados ou desprezados. O que indica um direcionamento, feito geralmente pelo/a próprio/a internauta, na seleção do que é exibido ou não, ou pela blogueira que determina o que será publicado ou o que será lido e comentado, processo que não diz respeito apenas a escolhas técnicas de tamanho ou extensão de arquivos, mas que é engendrado pelo sujeito que legitima certas verdades, apagando outras, indesejáveis ou tidas como não relevantes. Tal questão pode ser pensada como política e ideológica e ressalta o fato de que não é “tudo” que está representado na internet, assim como não é a experiência de “todas” as mulheres que compõem a narrativa das blogueiras (ROMÃO, 2006).

Os *blogs* não estão na rede com o fim exclusivo de servirem à *escrita de si*, como “diários íntimos *on line*”, mas, principalmente, como formas de expressão individual na internet. São considerados por muitos analistas como meios de publicação de escritos pessoais que proporcionam um local que garante visibilidade à/o blogueira/o e também onde há espaços de resistência à informação veiculada na mídia corporativa, por exemplo, grandes emissoras de rádio e televisão.

Há aqueles/as que estão ganhando dinheiro com seus *blogs*. Em recente reportagem publicada na *Revista Exame*<sup>34</sup>, é mostrado como *blogs* bastante acessados vêm ganhando investimentos milionários através de anúncios publicitários veiculados na página principal do *blog*. Do mesmo modo, o jornal *Folha on line*<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> Um quinto das residências brasileiras, conforme essa pesquisa, equivale a 11,4 milhão de lares. Esses dados, divulgados pelo IBGE, fazem parte de um suplemento especial da Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio (PNAD – 2007) sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no país. Disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1230&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1230&id_pagina=1) Último acesso em: 30/09/2008.

<sup>34</sup> A *Revista Exame* é uma publicação mensal da editora *Abril*. Aqui, refiro-me à edição nº 20, ano 41, de 24 de outubro 2007, p. 112-114.

<sup>35</sup> Reportagem publicada na *Folha online* em 18/11/2008. Disponível em :

demonstrou estratégias publicitárias em *blogs* de celebridades brasileiras, como o da atriz Luana Piovani, que indica aos/às leitores/as produtos de beleza de determinada marca.

Ao possibilitarem a interatividade<sup>36</sup> e por estarem muito mais relacionados com o fato de contar, narrar, e comentar os *blogs* podem ser pensados como espaços de fala, de discussões que ressoam vozes pelo *ciberespaço*, como o já mencionado. Através do seu *blog*, a blogueira pode encontrar e interagir com outros/as internautas, trocando experiências, motivações, ideias e informações sobre temas de mútuo interesse. Ao se pensar os *blogs* como uma grande comunidade, possibilita-se a utilização do termo *blogosfera*.

Os *blogs* dizem respeito apenas às páginas nas quais são publicados *posts* veiculados pela autora para um/a eventual leitor/a no *ciberespaço*, enquanto a *blogosfera* possibilita a blogueiros/as e leitores/as se encontrar no *ciberespaço* para discutir assuntos considerados por eles/as relevantes, bem como indicar outros *blogs* considerados interessantes através de *links* na página, atribuir *status* de “melhores” aos *blogs* que mais apreciam, comentar em seus *posts* os *posts* de outros *blogs*, enviar *memes*<sup>37</sup>, estabelecer relações sociais, trocar comentários, partilhar seus significados sociais e culturais, afinal, todo/as querem que seu(s) *blog(s)* seja(m) lido(s) e comentado(s), querem encontrar outros sujeitos na rede. A *blogosfera* instiga a socialidade, uma vez que através de seu *blog*, a blogueira conhece e troca contatos com outros blogueiros/as e internautas. Portanto, o conceito de *blogosfera* é importante para a compreensão dos *blogs*, espaços possíveis de se estabelecer

---

< <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u346477.shtml>>. Último acesso em 06/12/2007.

<sup>36</sup> Aqui me refiro às formas de comunicação interativa, que diferem da comunicação seqüencial presente também na internet. Possibilitam aos/às usuários/as tomarem algumas decisões de acesso na página, quais *links* acessar, se deixarão comentários ou não (desde que haja espaço para isso) etc. Para esse tipo de comunicação, a internet propõe três pontos fundamentais: relacionamento, disponibilidade e não-linearidade. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org>>. Último acesso em 10/02/2009.

<sup>37</sup> O conceito de meme foi cunhado, em 1976, por Richard Dawkins em seu livro *O gene egoísta*. Através de uma abordagem evolucionista, compara a evolução cultural com a evolução genética, onde meme é o gene da cultura que se replica através das pessoas. Enquanto replicador, o meme apresenta como características a longevidade, a fecundidade e a fidelidade das cópias. Nos *blogs*, os memes circulam como enquetes sobre a intimidade da blogueira que se propaga através das redes sociais da *blogosfera* (RECUERO, 2006).

relações sociais e partilha de saberes.

Sibilia (2008, p.13), ao falar da quantidade de *blogs* existentes no *ciberespaço*, comenta que existem “cerca de cem milhões de *blogs*, mais do que o dobro dos hospedados um ano atrás, de acordo com os cadastros do banco de dados *Technorati*. Essa quantidade tende a dobrar a cada seis meses, pois a cada dia são engendrados cerca de cem mil novos rebentos”, porém, considero fundamental lembrar que muitos desses *blogs* permanecem na rede sem estarem sendo escritos há anos e há também aqueles que mantêm o endereço da página mas negam o acesso aos leitores. Desses cem milhões, estima-se que existam aproximadamente seis milhões de *blogs*, publicados por brasileiros/as no *ciberespaço*<sup>38</sup>. Os *blogs* disponíveis na rede expressam saberes e constroem uma superfície de dados, fontes e *links* que servirão de rota para milhões de pessoas que irão por ali navegar. Portanto, o ato de navegar “livremente” na internet, muitas vezes, limita-se a visitar locais que já foram previamente autorizados e acomodados, nesse caso, pela blogueira. Contudo, se deixar um comentário na página, o internauta estará imprimindo suas marcas no *ciberespaço* e colaborando na construção da rede. É importante considerar que esse número não se refere apenas aos *blogs* nos quais a blogueira fala de si, mas também àqueles que falam de política, futebol, cinema, notícias, contos e/ou poesias, por exemplo. Alguns são escritos por jornalistas famosos/as, atores e atrizes, modelos e manequins. Todavia, a maioria é escrito por pessoas comuns que encontram na internet uma forma de se manifestar ao mundo e/ou de estabelecer relações sociais. Considerando a diversidade dos discursos que circulam na internet, os *blogs* tendem a conquistar leitores/as que encontram afinidades com os assuntos apresentados nos *posts*. Por isso, muitas vezes, as comunidades de blogueiros/as ecoam os mesmos discursos pela *blogosfera*.

Ao ler os *posts* que estão sendo escritos a todo o momento, modificando e construindo o *ciberespaço*, permito-me deslocar por esses espaços já construídos

---

<sup>38</sup> Refiro-me a pesquisa divulgada pela Intel, em agosto de 2007. Disponível em: <<http://pcworld.uol.com.br/noticias/2007/08/04/idgnoticia.2007-08-04.1204490322/>>. Último acesso em 12/04/2008.

por algum sujeito que pode estar geograficamente distante, ouvir sua voz que a mim soa no momento em que abro a página, mas que pode ter ecoado há muito tempo. Nessa escrita contemporânea de si, que significados as blogueiras instalam na rede quando falam do seu e de outros corpos? Como os corpos são representados nesse espaço de experimentação de si? Quais discursos estão em jogo quando os corpos são representados nas narrativas desses *blogs*? O modo pelo qual os corpos são representados em tais *posts* desestabiliza as noções de corpo, gênero e sexualidade percebidas como tradicionais?

### 3.1 Modos de ser e viver (n)no ciberespaço

Convivemos com a mixagem da cultura, do social e das NTICs<sup>39</sup>. Cada vez mais, as comunidades virtuais ampliam-se, aproximando sujeitos e saberes dos mais diversos cantos do mundo. Escrever em um *blog* (mesmo que seja comentar os *posts* que alguém escreveu), enviar/receber *e-mails*, consultar uma enciclopédia virtual, falar com alguém a partir de um celular, pesquisar em bibliotecas *on line*, enviar mensagens pelo celular para alguém, são fatos cotidianos que já são parte da cultura. Desse modo, possibilitam-se novas condições para o desenvolvimento das socialidades, outras formas de relacionamentos e de partilha de saberes. Pensar esse modo de viver envolve questões políticas, econômicas, éticas e sociais, uma vez que a tecnologia digital, cada vez mais, vem se tornando a grande responsável pelos novos agenciamentos econômicos e socioculturais contemporâneos. Ou seja, da cultura contemporânea as tecnologias digitais já são parte. Conseguiríamos

---

<sup>39</sup> A fim de designar essa mixagem da cultura e da social com as NTICs, Pierre Levy utiliza o neologismo “cibercultura”, ao qual define como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes e modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço” (1999, p. 17). Para esse autor, tal termo surgiu da necessidade de definir os agenciamentos sociais e culturais mediados pela tecnologia digital que ocorrem no ciberespaço e que apresentam uma nova possibilidade de os sujeitos se relacionarem com o espaço e com o tempo. Nesta pesquisa não vou trabalhar com o conceito de cibercultura, uma vez que, na perspectiva em que o estudo está inserido subentende-se que as NTICs já são parte da cultura e da sociedade contemporânea.



pensar a vida contemporânea sem a internet, os *blogs*, o *Orkut*, o *msn*<sup>40</sup>, a *wikipédia*, o *e-mail*, as inscrições via internet? Ou sem o telefone celular, o *I-pod*, o *home banking*, os cartões inteligentes, o dinheiro virtual (cartões de débito, por exemplo)?

De ponta a ponta do país, somos capazes de ver as antenas de televisão sobre telhados ou ao lado das casas, telefones celulares nos bolsos e nas bolsas, e cartões eletromagnéticos que permitem o uso de uma moeda virtual. Se, em certas comunidades, as salas de cinema ainda não foram montadas, os aparelhos de DVD levam os filmes para o interior das residências. Quando o computador não está dentro das casas, muito próximo, há uma *Lan House* onde, como alunos bem comportados, cada um fica em silêncio enquanto conversa, discute ou pensa em relação ao que aparece na tela. Realidades muitas vezes distantes as quais, no entanto, são partilhadas naquele instante. Stuart Hall (1997a) chama atenção para a “centralidade da cultura” nas sociedades contemporâneas. Ressalta que ela vem adquirindo fundamental importância no que tange ao desenvolvimento, à organização e à disposição de recursos econômicos e materiais. Através da mídia, passa-se a difundir a “cultura de massa” que se refere, sobretudo, a aspectos de lazer, ao estilo da moda, aos ideais de beleza. Assim, é estimulado o consumo de certos produtos pela sociedade, naturalizam-se formas de se vestir e ajeitar os cabelos, de falar, de gostar e de gastar, de se comportar, bem como onde investir economicamente:

A velha distinção que o marxismo clássico fazia entre a ‘base’ econômica e a ‘superestrutura’ ideológica é de difícil sustentação nas atuais circunstâncias em que a mídia é, ao mesmo tempo, uma parte crítica na infra-estrutura material das sociedades modernas, e, também, um dos principais meios de circulação das ideias e imagens vigentes nestas sociedades. Hoje, a mídia sustenta os circuitos globais de trocas econômicas dos quais depende todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria-prima *marketing* de produtos e ideias (HALL, 1997a, p. 17).

---

<sup>40</sup> *MSN*: programa de computador que permite às pessoas, no momento que fazem sua conexão à internet, encontrar seus amigos e conhecidos que estão *on line*, desde que também estejam cadastrados no mesmo sistema.

Esse mesmo autor aponta o deslocamento de grandes investimentos econômicos feitos na indústria de matérias-primas (como o carvão, ferro e o aço) na era industrial do século XIX, para as tecnologias digitais da informação e comunicação no final do século XX, evidenciado pelo crescimento de empresas de comunicação como a *CNN* e a *Time Warner*. Hoje, é possível acrescentar a *Microsoft* e a *Google*, dentre outras. Assim, podemos pensar esse mesmo movimento no que tange ao deslocamento da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. Na sociedade disciplinar, as trocas econômicas eram feitas “em moedas cunhadas em ouro – que servia de medida padrão –, ao passo que [hoje] o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda” (DELEUZE, 2006, p. 222, acréscimo meu).

Os *blogs* são parte da cultura. Mas, como observa Carolina Paz (2003) eles são diferentes de um fenômeno de massa, visto que o público dos *blogs* é mais específico. Para ela, quanto mais cresce o conjunto das mídias, mais cresce a interação e a movimentação entre as diversas formas culturais, através do compartilhamento de vários códigos, sociais e culturais, fazendo com que mais discursos sejam inseridos nessas redes e nos seus jogos de poder. Dessa forma, é de extrema importância diferenciar os meios de comunicação de massa, que englobam as grandes mídias (*mass media*) – televisão, rádio, jornal e a própria internet –, nas quais há um emissor para um conjunto de inúmeros receptores das publicações das pequenas mídias (*small media*), nas quais há um emissor para alguns receptores que podem interagir trocando ideias e opiniões sobre determinado assunto. Os *blogs* estão incluídos nas publicações *small media* (PAZ, 2003). Essas publicações, visíveis, por exemplo, em *blogs* e *sites* pessoais da internet, estão se proliferando na *web* e permitem a pessoas e comunidades que não tinham voz na mídia se expressarem na rede com a possibilidade de pulverizar o controle sobre a produção do conhecimento e das representações sociais e culturais (UNESCO, 2000). Elas são uma nova dimensão do conjunto dos meios de comunicação que

estabelecem uma relação muito mais próxima entre a autora da publicação na internet e seus/uas leitores/as, pelo simples fato de os/as emissores/as estarem próximos, se não geograficamente pelo menos virtualmente, e muitas vezes interagindo através das ferramentas disponíveis nas páginas. Isso não significa que os sujeitos deixaram de participar de uma realidade local, mas que não se pode mais pensar o local sem a sua relação com o global.

Tendo em vista que as publicações *small media* são capazes de cativar alguns/mas leitores/as, bem como fomentar espaços de discussão na internet onde internautas compartilham saberes, discutem valores, crenças e experiências, também devem ser vistas como meios de produção cultural e, então, como espaços nos quais se exercem pedagogias culturais. Ainda que possam parecer efêmeras, as relações que acontecem no *ciberespaço* são reais e proporcionam novos agrupamentos socioculturais (MAFFESOLI, 2006a). Da mesma forma, mesmo que não se perceba como tal, a escrita em *blogs* pode ser considerada como um “ato político”, se pensarmos que as/os blogueiras/os reivindicam um espaço público para, ali, expor seu pensamento, suas críticas, ideias e pretensões.

Michel Maffesoli (2006b), provoca-nos a entender esse novo modo de se relacionar com a tecnologia como um novo espaço para o exercício da ética e da estética na contemporaneidade. Essa relação que se estabelece entre as tecnologias digitais e as novas formas socioculturais de agregação surgidas na sociedade pós-moderna (como: o tribalismo, o hedonismo, a localização do global e a globalização do local) apresenta-se como um dos espaços de experimentação de si, bem como um novo espaço de sensibilidade em relação ao mundo. Para ele,

[...] a questão do espaço se impõe no tribalismo pós-moderno como sendo, de certa maneira, o tempo vivido: o das pequenas histórias, o dos momentos (bons e maus), que por sedimentações sucessivas constituem, justamente, a cultura concreta – uma memória partilhada, uma ligação carnal (MAFFESOLI, 2006a).<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2006000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2006000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Último acesso em: 15/04/2008.

### 3.2 Corpos no espaço “público – privado”

Embora tendo sido criado anteriormente<sup>42</sup>, só na década de 1980, o computador doméstico começou a aparecer nas mesas de trabalhadores/as ou no espaço privado do lar como um aparelho de uso individual. Mesmo quando é compartilhado por mais de uma pessoa, no momento do seu uso, o que se quer é estar a sós com a “máquina”. Desejo que cresceu quando a possibilidade de conexão à internet permitiu o trânsito pelo *ciberespaço* e o encontro de pessoas na rede, isso tudo sem ter que arredar o pé de casa, mostrando que, mesmo na esfera privada do lar, através da internet, podemos nos deslocar por outros espaços, conversar com outros sujeitos, publicizar fotos, vídeos e escritos pessoais, partilhar saberes, espreitar a intimidade alheia sem sair do lugar geográfico em que nos encontramos. Do mesmo modo, na esfera privada do lar, entram outras vozes, desfilam outros corpos. Tela e paredes aparentam permeabilidades.

O aparecimento do espaço privado para as famílias burguesas do século XIX permitiu que uma vida individual passasse a existir. Antonie Prost (1992) comenta o grande contraste que separava as residências burguesas das populares na Europa. Aqui, no Brasil, não era muito diferente. Enquanto as classes populares amontoavam-se com as suas famílias em habitações de não mais que dois cômodos as residências burguesas eram amplas, possuíam sala de visitas, cozinha, vários dormitórios<sup>43</sup>, corredores, acomodações para as amas e serviçais e, muitas vezes, alguns aposentos a mais que garantiam a independência e individualidade desses diversos espaços. Assim, a vida privada burguesa refugiava-se na intimidade. Para

---

<sup>42</sup> Conforme dados do Museu Histórico do Computador, o primeiro "computador pessoal" foi disponibilizado no mercado em 1971. Tinha pouquíssima memória (256 bytes) e não possuía CPU (*Central Processing Unit* em inglês, ou Unidade Central de Processamento). Em 1975, surge o Altair 8800, um computador pessoal com maior capacidade de memória e CPU. Entre os primeiros usuários estavam Bill Gates, calouro da Universidade de Harvard, e o programador, Paul Allen, que pouco tempo depois, criaram a Microsoft. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org> Último acesso em 10/02/2009.

<sup>43</sup> Se não era possível um dormitório para cada membro da família, havia um para o casal, e outros destinados aos filhos e filhas que eram divididos nos cômodos conforme o sexo, as idades e também um dormitório para hóspedes (PROST, 1992).

esse mesmo autor, a palavra “intimidade”<sup>44</sup> teve seu significado firmado através da ascensão dessa classe social.

Desse modo, os segredos, as sexualidades, os corpos, os diários pessoais, a leitura silenciosa passaram a fazer parte do espaço privado. Com a ascensão dos meios de comunicação eletrônicos, como o rádio e a TV, bem como a exaltação das imagens – principalmente as que exibem corpos, carros e cachorros – uma nova lógica passou a operar na nossa sociedade. No ambiente privado do lar, através de telas e novas tecnologias – como a TV, o telefone, o computador, a internet – começaram a proliferar (e até gritar) diversas vozes, a desfilar outros corpos, a partilhar outros saberes, a desacomodar certas verdades, a dividir certos segredos.

No tempo em que os computadores, interconectados através da internet, perturbam noções tradicionais de tempo e espaço e se convertem em potentes meios de comunicação, desponta um paradoxo: pode-se dizer que em torno do computador os sujeitos estão a sós com a máquina, mas na companhia de multidões que navegam pelo *ciberespaço*, estão diante, também, das inúmeras possibilidades que ele proporciona. Há quem encontre outros sujeitos pelo *msn*, dispute *games* como membro de uma equipe, escreva o seu *blog*, disponibilize suas fotos no seu *fotolog* e seus vídeos domésticos no seu *videolog*, navegue por *sites* do seu interesse, pague suas contas, ou, simultaneamente, faça tudo isso em uma espécie de ritual contemporâneo. Nesse contexto, determinados corpos são exaltados, determinados modos de ser e viver são valorizados, ter ou não a possibilidade de consumir certos serviços e tecnologias estabelecem hierarquias.

Nos *blogs*, é possível perceber um grande interesse pela vida anônima, a disponibilidade e a curiosidade para “fazer” confissões, a solicitude em dar conselhos, especialmente quando se observa que a intimidade daquela/e que está ali representada é semelhante à sua. Então, ninguém se constrange em trocar confidências, dar palpites, dicas criando uma relação muito próxima entre a blogueira

---

<sup>44</sup> Conforme o dicionário *Houaiss*, o substantivo intimidade refere-se ao caráter do que é íntimo, secreto. O adjetivo íntimo relaciona-se ao interior, ao que existe no âmago do ser, àquilo que se passa no interior da família ou de uma sociedade.

e seus/uas leitores/as (SCHITTINE, 2004). Por exemplo, na internet, em uma comunidade de blogueiras determinadas a emagrecer, a blogueira Allie<sup>45</sup> escreveu:

*-Pela reguinha aí de cima dá pra ver que engordei, né? Cheguei a emagrecer 13 quilos e nesses 3 meses engordei mais de 6 kg!*

E alguém comentou:

*-Oi querida...  
não existe motivos pra ter vergonha... estamos aqui pra nos ajudar certo??  
Afinal é pra isso que serve a blogosfera light, certo?? Vamos em frente e sem pensar em desistir!! beijinhos e bom fds<sup>46</sup>*

Assim, a fronteira entre o público e o privado, que já se via conturbada, ficou realmente embaralhada. Ao escrever sobre a televisão, Rosa Fisher (2001) traz a conhecida frase de Andy Warhol: “No futuro, todos terão quinze minutos de fama”. O que cabe bem para discutir os *blogs*. Afinal, nessas páginas da internet, todos nós podemos ter nossos momentos de fama. É só começar a “blogar”<sup>47</sup>, valendo-se do que é socialmente instituído na rede!

A grande facilidade de publicar na internet tem garantido fama a muitos sujeitos que, além de comentarem notícias, escrever sobre cinema, política, futebol e/ou culinária, também podem “confessar” o que há de mais pessoal: sua intimidade, seus desejos secretos, suas vontades. A intimidade que nos lares burgueses de outra época passava despercebida no labirinto dos cômodos, no esconderijo secreto para os diários pessoais hoje, exposta na rede, constitui-se um dos principais aliados na conquista de leitores/as para o *blog*, conforme mostra Schittine (2004). Para ela, as pessoas gostam de olhar na rede a intimidade dos/as outros/as. Quem não se lembra da *Bruna Surfistinha*? Pseudônimo de Raquel Pacheco, que utilizava seu *blog*, intitulado *Bruna Surfistinha*<sup>48</sup>, para contar sua experiência como garota de

<sup>45</sup> Allie escreve no *blog Mudando de vida* <http://mudando-de-vida.blogspot.com>, post do dia 08/11/2007. Acesso em: 13/02/2008.

<sup>46</sup> Fds é fim de semana.

<sup>47</sup> Blogar: gíria utilizada como um verbo para definir aquele/a que está fazendo suas publicações em *blogs*. Por exemplo: “Estou blogando”.

<sup>48</sup> Disponível em: <http://brunasurfista.blogspot.com> Último acesso em: 24/04/2008.

programa. Graças ao *blog*, Raquel tornou-se um fenômeno de mídia, publicou um livro – *O doce veneno do escorpião* –, fez um filme pornô e concedeu dezenas de entrevistas em programas de televisão, revistas e jornais.

Sibilia (2003; 2008) comenta que grande parte das blogueiras escreve em busca de visibilidade, em sintonia com inúmeros programas da mídia contemporânea que escancaram a intimidade daqueles/as que se dispõem. O grande espaço dedicado pela mídia televisiva aos *reality shows* demonstra o interesse que as pessoas têm em observar a intimidade alheia, de famosos ou não. Aqui, temos como um dos exemplos o *Big Brother Brasil (BBB)* que, no início do ano de 2009, em sua nona edição, prende o olhar de milhões de brasileiros/as à “telinha” todas as noites e convida os/as telespectadores/as a votar elegendo quem permanecerá ou não na casa, quem será o/a ganhador/a. Podemos também pensar na proliferação de *sites* na internet que exibem vídeos de pessoas desconhecidas em situações cotidianas através do uso de *webcams*. A pioneira foi a estudante americana Jennifer Ringley que, desde 1996, passou a exibir para o mundo as 24 horas da sua vida doméstica, a revista *Veja on line* aponta como maior interesse de quem acompanhava a página ver Jenny (como era carinhosamente chamada) nua ou mantendo relações sexuais com o namorado. Em 2004, já tendo contabilizado mais de 100 milhões de acessos por semana, o *site* saiu do ar<sup>49</sup>. Há, além disso, os milhares de perfis exibidos em *sites* de relacionamento como o *Orkut*<sup>50</sup>. Ao olhar essas páginas, assistir esses programas de TV, os sujeitos especulam sobre a sexualidade daqueles/as que estão ali expostos/as, sobre o percentual de gordura dos corpos, a idade, o que consomem, se já fizeram ou não alguma cirurgia plástica, se o “peito e a bunda” das mulheres são ou não de silicone e numa escala de valores vai se construindo uma ética, não apenas para estar na mídia, mas também para participar do mundo, para

---

<sup>49</sup> Para saber mais consulte:

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2004/01/040101\\_jenniferg.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2004/01/040101_jenniferg.shtml) e veja *on line* < [http://veja.abril.com.br/280600/p\\_090.html](http://veja.abril.com.br/280600/p_090.html) > Acessados em 02/02/2008.

<sup>50</sup> Orkut: <<http://www.orkut.com>> site de relacionamentos na internet, criado em janeiro de 2004, filiado ao Google (site de busca na internet). Tem por objetivo ajudar seus membros a criar novas amizades, encontrar amigos e conhecidos no site e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, um engenheiro turco. É a rede social com maior participação de brasileiro. Tem mais de 23 milhões de usuários em todo o mundo.

existir sob o olhar do outro. A final, “hoje um dos modos privilegiados de estar no espaço público é estar na mídia” (FISHER, 2001, p. 35).



#### 4 LINKS METODOLÓGICOS

Ciente da velocidade vertiginosa com que a internet vai se transformando e do grande número de *blogs* existentes, assim como os que são criados e/ou abandonados diariamente, passei um longo período “visitando” inúmeros *blogs*, lendo diversos *posts* na busca dos que seriam selecionados para esta pesquisa.

Baseados nos princípios de micro conteúdo e atualização frequente, os *blogs* são muito mais dinâmicos do que os *sites*. O que distingue um *blog* de um *site* convencional da internet é a facilidade com que pode ser criado e/ou acessado, a rapidez em publicar textos e o baixo ou nenhum custo para a manutenção da página, uma vez que a maioria dos diretórios que hospedam os *blogs* não cobra para manter a página *on line*. Portanto, tornou-se bastante popular entre os/as usuários/as da internet desde o final da década de 1990, ao passo que hoje existem milhões dessas páginas pela rede, algumas sempre atualizadas, outras há muito abandonadas. Em seu conceito mais simples, o *blog* pode então ser concebido como uma *home page* ou um *site* personalizado, dinâmico e interativo, atualizado quando a blogueira quiser e/ou puder. Há algumas referências na página que caracterizam um *blog*: os *posts* utilizam textos sucintos, em blocos padronizados, publicados em ordem cronológica reversa, sendo que a última postagem é sempre a primeira a ser exibida quando a página é acessada; as postagens são frequentes e muitas vezes chegam a ser diárias; apresenta as postagens mais antigas arquivadas e podem ser acessadas através de *links* de acesso na página; a maioria dos *blogs* apresenta um espaço para os/as leitores/as deixarem comentários e possibilitam que qualquer sujeito, conectado à internet, possa acessar gratuitamente a página.

Em virtude dos inúmeros *blogs* existentes na internet, houve a necessidade de fazer um recorte empírico no objeto da análise. Com a ajuda de *sites* de busca<sup>51</sup> como o *Technorati*<sup>52</sup> e o *Google blog search*<sup>53</sup> (Anexo 2), procedia do seguinte

---

<sup>51</sup> *Sites* de busca ou motor de busca são sites especializados em buscar páginas, *blogs*, na internet.

<sup>52</sup> *Technorati*: é um *site* da internet especializado na busca por *blogs*. Faz concorrência às ferramentas de busca de *blogs* do Google e do Yahoo. Como diz Sibilía (2008) a quantidade de *blogs* cadastrados no site já ultrapassou a barreira dos 100 milhões, e cerca de 70000 *blogs* são

modo: digitava a palavra “corpo” (já que são os *posts* que contêm representações do corpo que me interessavam) no espaço destinado à pesquisa, selecionava o item *posts* (para que a busca ocorresse em todos os *posts* dos *blogs* presentes no *site* e que tivessem em seu texto a palavra corpo) e, em seguida, “visitava” os cem primeiros *blogs*, de cada *site*, que apareciam como resultado da busca.

Os *blogs* que fossem escritos por pessoas que se declaravam mulheres, brasileiras, nascidas durante a década de 1970<sup>54</sup>, cujos *posts* narrassem o cotidiano de quem ali escrevia, ou seja, se assemelhassem ao diário íntimo<sup>55</sup> e que estavam sendo atualizados com regularidade, eram “salvos” num arquivo no meu computador. Devido à rápida mutabilidade do *ciberespaço*, mesmo a cada dia procedendo exatamente da mesma forma, apareciam nomes de outros *blogs* na tela e outros que já conhecia provavelmente ficavam escondidos no extenso resultado das buscas. Assim, fiz um recorte empírico nesse universo de páginas virtuais e selecionei vinte *blogs* que passei a observar diariamente, nos meses de setembro, outubro e novembro de 2007. Em dezembro, desse mesmo ano, considerando a semelhança com o diário íntimo e a frequência das *postagens*, selecionei os cinco *blogs* que foram analisados neste estudo:

---

cadastrados no *site* diariamente. O *site* foi criado em 2002 por David Sifry e sua sede está localizada na cidade de San Francisco, Califórnia.

<sup>53</sup>O *Blog Search* é um serviço do Google especializado para buscas em *blogs*. Os *bots* do *Blog Search* parecem ser mais rápidos do que o *Googlebot* padrão, visto que atualizações feitas em *blogs* muitas vezes se tornam disponíveis em poucas horas ao contrário das semanas levadas pelo *Googlebot* padrão. As buscas no *Blog Search* são feitas de maneira idêntica ao Google normal. É só digitar os termos procurados no campo de busca e ver os resultados mais relevantes relacionados ao tema. O *Blog Search* vigia diversos serviços de *blogs* no mundo como *Blogger*, *Live Journal*, *Weblog*.

<sup>54</sup> Cabe ressaltar que o foco nesse grupo ocorre devido o fato dessas mulheres serem filhas de sujeitos que vivenciaram as mudanças sociais e culturais impulsionadas pelo Movimento Feminista e Movimentos de Gays e Lésbicas, desde o final da década de 1960.

<sup>55</sup> Sem buscar por classificações para os *blogs*, durante o período de revisão bibliográfica, encontrei algumas tentativas de classificar os *blogs*, como a de Raquel Recuero (2002) que comenta que os *blogs*, assim como os *websites* pessoais, podem ser agrupados de diversas formas. Ela classificou os *blogs* em três categorias: “diários eletrônicos”, “publicações eletrônicas” e “publicações mistas”.

**Diários eletrônicos:** *Blogs* pessoais de cada indivíduo, uma espécie de diário atualizado com pensamentos, fatos e ocorrências na vida do/a blogueiro/a.

**Publicações eletrônicas:** São *blogs* destinados à informação. Publicam dicas, notícias e comentários sobre um determinado assunto, evitando comentários pessoais.

**Publicações mistas:** Mistura de *posts* pessoais sobre a vida do/a autor/a com *posts* informativos com notícias, dicas e comentários.

- *Cérebro eletrônico* <http://maisumcerebroeletronico.blogspot.com/>
- *Confissões de uma balzaquiana*

<http://balzaquiana.wordpress.com/>

- *Diário de Lulu* <http://lulu-diariodalulu.blogspot.com/>
- *Entre tantas, eu ...* <http://entretantas-eu.blogspot.com/>
- *Toda menina* <http://todamenina.blogspot.com/>

De janeiro a junho de 2008 “visitei” esses cinco *blogs*, salvando os *posts* em arquivos no meu computador pessoal e também imprimindo as páginas. A partir de julho, deste mesmo ano, iniciei a análise dos *posts* procurando recortar as falas que traziam corpos representados. Em virtude da grande quantidade de material a ser analisado e por entender que os *blogs* são mais da ordem da escrita, das palavras, do que, propriamente, de imagens, não fiz, nesta pesquisa, a análise de algumas imagens e fotografias que ilustraram as páginas destes *blogs*.

Cabe ressaltar que optei por não comunicar as blogueiras que seu *blog* estava sendo utilizado para esta pesquisa, uma vez que as informações publicadas na internet são de ordem pública e podem ser acessadas por qualquer pessoa conectada à internet.

A análise dos *posts* foi orientada pela questão central da pesquisa, já mencionada no capítulo *Meu querido diário: Como os corpos são representados nos posts dos blogs de cinco blogueiras que escrevem sobre si na internet?*

Enquanto lia os *posts* procurando articular as falas das blogueiras com teóricos/as e autores/as que escrevem sobre a temática aqui tratada, desdobramentos dessa mesma questão foram se fazendo e esses também nortearam a análise dos *posts*. Expresso alguns desses questionamentos a seguir.

- Quais discursos estão articulados nos *posts* quando a blogueira representa o seu e outros corpos?

- De que formas se poderia dizer que o biopoder<sup>56</sup> opera na constituição desses corpos?
- Como o corpo da blogueira e outros corpos aparecem representados nos textos veiculados na página no que tange às relações de gênero e à sexualidade?
- As representações dos corpos veiculadas pela blogueira, nos *posts* desses cinco *blogs*, mostram ao/à leitor/a da página outras realidades políticas para “viver” os corpos ou reiteram modelos dominantes?

A partir das falas sobre o corpo recortadas dos *posts* estabeleci três eixos de análise que serão desenvolvidos no capítulo seguinte, *O corpo que (se) escreve*. Os três eixos de análise foram:

- *Entre dietas, cosméticos e exercícios: corpos conformados* onde analiso falas das blogueiras que articulam discursos contemporâneos que instituem a magreza e uma aparência saudável como critérios fundamentais na conquista da felicidade e da beleza, bem como, as condutas e estratégias empregadas ou sugeridas para adequar o corpo a esse padrão.
- *“Coisas de mulher”*: *preceitos e assuntos que fazem corpos femininos*, onde apresento e discuto falas dessas mulheres quando representaram o corpo através das posições de gênero assumidas.
- *Seda, pimenta e sal: um modo sensual de representar os corpos* onde analiso as representações de corpo articuladas às sensações do paladar, do olfato, do tato.

---

<sup>56</sup> O conceito de biopoder será trabalhado e aprofundado ao longo do Capítulo 5, *Corpo que (se) escreve*.

Faço, a seguir, algumas considerações sobre a Análise Cultural que inspirou meu estudo, bem como uma breve apresentação dos *blogs* selecionados para esta pesquisa.

Conforme já referido, procurei olhar não apenas para as representações do corpo de mulheres, mas sim para os corpos que estivessem representados nas falas das blogueiras. Porém, como foi o corpo da mulher que esteve em maior evidência nos *posts*, foi esse “o corpo” privilegiado nas discussões desta dissertação.

\*\*\*\*\*

Para analisar os fragmentos dos *posts* nos quais os corpos são representados aproximei-me da Análise Cultural. Para tanto, procurei articular as representações dos corpos escritas nos *posts* à cultura contemporânea, levando em conta diversos discursos que a constituem e, em alguma medida, aspectos históricos e epistemológicos articulados nesses discursos. Entendo a cultura como o conjunto de saberes e práticas de uma certa sociedade em determinada época, mediados por relações de poder, que institui posições a serem ocupadas pelos sujeitos. Meyer (2002, p.377) ressalta o fato de a cultura se constituir como um campo de luta “em que ‘novas’ práticas são inventadas e ‘velhas’ práticas são revitalizadas e conectadas a múltiplos e divergentes interesses e estratégias de governo da vida de grupos de indivíduos e populações”.

Neste estudo, conforme mencionei várias vezes, estive atenta aos modos como os corpos são representados. Assim, o conceito de representação, tão importante no contexto dos Estudos Culturais, foi igualmente importante nesta pesquisa. Embora esse conceito já possa, segundo Hall (2004, p.104), ser posto “sob rasura” vale comentar que na contramão das “formas de crítica que objetivam superar conceitos inadequados, substituindo-os por conceitos ‘mais verdadeiros’ ou que aspiram à produção de um conhecimento positivo” (HALL, 2004, p. 104) continuo operando com esse conceito, porém, olhando para ele junto, também, com outras perspectivas e olhares.

O processo pelo qual os membros de uma cultura produzem significados através da linguagem é chamado de “representação” (HALL, 1997, b). Linguagem tem aqui um sentido amplo, refiro-me a “sistemas de significação” capazes de construir significados. Assim, um som, uma palavra, uma imagem, um gesto ou um objeto que funcione como signo e esteja organizado em um sistema com outros signos é capaz de carregar e expressar significados, utilizados para representar pessoas, conceitos, ideias e sentimentos. Portanto, a linguagem é o meio privilegiado pelo qual nos damos conta das coisas, no qual e através do qual os significados são produzidos e/ou trocados. Faz-se importante mencionar que as coisas (objetos, pessoas e eventos) não têm um significado fixo, final ou verdadeiro. Os significados são cambiantes conforme o contexto histórico, cultural e social do qual participam. Nesse sentido, os significados dos corpos mudam de uma cultura à outra, de um momento histórico ao outro, de uma sociedade à outra.

Foucault não estudou propriamente a linguagem, mas o discurso como um sistema de representação (Hall, 1997b). Discurso, nessa perspectiva, relaciona-se à produção de saberes através da linguagem, tensionados por processos históricos, políticos e sociais, sempre em conexão com as relações de poder. Para Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 43), com o termo discurso

[...] focalizam-se, em geral, conjuntos de expressões verbais amplos, identificados com certas instituições ou situações sociais como, por exemplo, o discurso da Ciência, o discurso jurídico, o discurso médico, o discurso da pedagogia [...] No contexto da crítica pós-estruturalista, o termo é utilizado para enfatizar o caráter linguístico do processo de construção do mundo social. Particularmente, o filósofo francês Michel Foucault argumenta que o discurso não descreve simplesmente os objetos que lhe são exteriores: o discurso ‘fabrica’ os objetos dos quais fala.

A blogueira, mesmo na sua narrativa particular, na qual representa os corpos, estará operando com discursos que produzem verdades e saberes, no interior da cultura e sociedade da qual faz parte. Desse modo, pode-se dizer que os *blogs*, como sistemas de representação, articulam um conjunto de discursos, ou melhor, fragmentos de discurso que se tramam através da fala da blogueira.

Para analisar as falas que tratam dos corpos, veiculadas nos *posts* dos *blogs* selecionados me vali de contribuições dos Estudos Feministas e dos estudos provenientes do campo da sexualidade, como os Estudos Gays e Lésbicos e da Teoria *Queer*. Campos de estudo que se opõem ao determinismo biológico muitas vezes utilizado para hierarquizar as relações entre os sexos, etnias e sexualidades, assim como se vêem articulados a lutas sociais e políticas que buscam perturbar a hegemonia do discurso dominante que posiciona os sujeitos desviantes da “norma” num polo de menor valor. Desse modo, em certos momentos (em especial nos Estudos *Queer*), chamam atenção a outras formas de representar os corpos, opostas ao binarismo, aos polos hierarquizados. Esses/as estudiosos/as, ao visualizar as representações do corpo na história, buscam problematizar a caracterização do corpo como um dado “natural”, que contém uma essência.

Ao eleger esses *blogs* como o campo da pesquisa, procurei analisar as falas dos *posts* problematizando e contextualizando as situações nas quais os corpos apareceram representados. Assim, precisei abrir mão das “verdades” já em mim naturalizadas, deixando “falar” as representações presentes nos *posts*.

#### **4.1 [http://blogs\\_analisados.com](http://blogs_analisados.com)**

Faço, a seguir, uma breve apresentação dos cinco *blogs* que participaram deste estudo, bem como de suas autoras, as blogueiras<sup>57</sup>.

##### **4.1.1 Cérebro eletrônico**

É escrito por Raildete Trindade, a Raí. Declara-se jornalista, solteira, com 30 anos. Reside em Salvador, com sua mãe e seu pai, duas irmãs e o sobrinho Gabriel. Trabalha com diagramação e projeto gráfico, também escreve para um jornal local. A

---

<sup>57</sup> Os dados a seguir referidos a respeito das blogueiras foram coletados dos *blogs* e são referentes ao período de análise, ou seja, ao primeiro semestre de 2008. No Anexo 3, encontra-se a descrição dos *blogs* analisados.

fotografia que ilustra seu perfil é a de uma sorridente mulher negra. Escreve no domínio *Blogger*, desde setembro de 2007, quando, às vésperas de seu aniversário, dentre o que se presenteou, está o *blog*. Raí descreve-se do seguinte modo:

*Baiana, soteropolitana<sup>58</sup>, notívaga. Trinta aninhos, corpinho de 29,5 e, cabecinha... de 15 ("ó", que legal)!!! Uns fumam, outros jogam, uma galera bebe... Eu adoro desenho animado e chiclete de canela, sem açúcar. "Menina criada com vó", dificilmente prefiro refrigerante a suco e estou aprendendo a beber mais água! As frases são tantas, mas gosto muito dessa: "se ainda não sei o que quero, o que não quero vai ficando cada vez mais nítido!". Pode usar, é minha e se adapta a qualquer situação. Mande uma vez a uma amiga/ mestra num email enorme quando resolvi voltar pra São Paulo! Música? Brasileira, sempre... Ao vivo, de preferência!<sup>59</sup>*

No seu *blog* Raí fala e "posta" muitas músicas de cantores/as brasileiros/as e, através do seu cotidiano, fala do seu corpo. Um corpo que se representa pelas relações de gênero, pela sexualidade.

O *blog* continua disponível gratuitamente na rede para quem quiser acessar a página.

#### **4.1.2 Confissões de uma balzaquiana: pensamentos e devaneios de uma mulher no clube dos 30**

É escrito por Anelli de Sena, a Annie. Declara ter 32 anos, é casada e mãe de duas filhas (Raíssa e Letícia) e de um filho (Jorginho), a filha mais velha tem 14 anos e o caçula, 10. Reside em Olinda. Trabalha, de modo informal, com cartões personalizados. Divulga no *blog* a marca *Annie Arts*. Mantém o *blog* no domínio *WordPress*, desde o dia 14 de agosto de 2007. Já no primeiro *post*, intitulado *Melhor versão de mim mesma*, comenta sobre seu objetivo: emagrecer.

*Não adianta torcida do contra gritar espernear e tentar ofender eu estou emagrecendo sim ganhando leveza e de bem comigo mesma. Quando falo de ser a melhor versão de mim mesma, falo que para mim não*

<sup>58</sup> Nascida em Salvador, Bahia, Brasil.

<sup>59</sup> Disponível em: <http://maisumcerebroeletronico.blogspot.com/search?updated-min=2007-01-01T00%3A00%3A00-03%3A00&updated-max=2008-01-01T00%3A00%3A00-03%3A00&max-results=30>. Último acesso em 12/05/2007.



*importa o que pensam de mim porque eu nunca tive nem problema de auto estima nem quando pesava quase 100kg, eu me amo e me respeito mais que tudo. Não tento ser ninguém, não me inspiro em nenhuma famosa e tão pouco faria uma plástica no meu rosto...e quem acompanha meu blog sabe do que estou dizendo, por isso torcida do flamengo que torce pelo meu gol contra sinto decepciona-la. Mas neste jogo eu sou a artilheira, na história da minha vida eu sou a maior e única responsável pelos próximos capítulos que serão escritos. E goste o timinho ou não, eu estou emagrecendo sim. Cada dia mais feliz e realizada....já se foram mais de vinte e tantos kg e ainda tem espaço para exorcizar mais alguns viu.... Continue vindo ao meu blog sim e acompanhe de pé a minha vitória... continue jogando pedras em meu email e nos blogs alheios pois são com elas que vou construir meu castelo....Sim queridinha eu sou feliz e me amo até mais que deveria e vc? heim? hahaha boa terça a todos.<sup>60</sup>*

Desde a criação do *blog* até julho de 2008, passados nove meses, Annie, que como conta, quase chegou a pesar “três dígitos”, já emagreceu mais de 30 quilos. Especialmente através dessa busca pelo emagrecimento é que Annie vai falando do seu e de outros corpos. Busca que centra em si a responsabilidade pelo corpo que tem.

Annie escreve quase todos os dias. Em alguns dias publica mais de um *post*. Os *posts* habitualmente são acompanhados de imagens, muitas elaboradas digitalmente por ela (as *gifts*). É comum os *posts* aparecerem acompanhados por fotografias suas do tempo em que era obesa ao lado de fotos de agora, mais magra. Raramente publica fotos do marido e das/o filhas/o.

Muitas vezes, ao utilizar ditados populares, substitui algumas palavras por outras, por exemplo:

*quem não gostou da idéia que atire o primeiro batom garoto<sup>61</sup> (26/03)*

*a defensora dos frascos de comprimidos (08/05)*

Desde o final do ano de 2008 o *blog* só pode ser acessado por quem tem uma senha para efetuar o *login*.

<sup>60</sup> Disponível em :< <http://balzaquiana.wordpress.com/2007/08/14/teste/>>. Último acesso em 12/05/2008.

<sup>61</sup> Alusão ao chocolate denominado *Batom*, da marca de chocolates *Garoto*.

### 4.1.3 Diário da Lulu

Este *blog*, criado dia 25 de dezembro de 2006, é escrito pela “professora de português, meio louca, meio descabelada”<sup>62</sup>, paulistana da Gema, de 32 anos, residente na cidade de São Paulo, Luana, a Lu, que no *blog* é a Lulu. Lulu diz que muitas vezes vê na Luana coisas que são da Lulu e a Luana, por sua vez, vê na Lulu coisas que são suas. No primeiro *post*, Lulu promete: “aqui, você encontra receitas, dicas e tudo sobre o bom viver na mesa, na cozinha, na cama...”<sup>63</sup>. No início do *blog*, Lulu era casada com Felipe, porém, no final de 2007, o casamento acabou e Lulu experimenta a vida de “descasada”. Então, nos seis meses em que observei o seu *blog* seções comuns em 2007 como “*momento mulherzinha*” onde contava suas idas ao salão de beleza, por exemplo; “*a cozinha de Lulu*” onde ensinava receitas apetitosas, diminuíram bastante. Os *posts*, do primeiro semestre de 2008, contam a história de uma mulher que aprende a morar sozinha, a viver após o fim de um casamento de mais de 10 anos.

Raramente os *posts* estão acompanhados por fotografias, imagens. No entanto, através de duas fotografias, que declara serem suas, onde não aparece o rosto, mas aparecem as mãos de Lulu com as unhas pintadas de vermelho, foi possível observar que sua pele é branca, bem branca. Quando fala do corpo, ele está relacionado com o desejo de emagrecer, com os exercícios que deve fazer, com o prazer.

Até o mês de fevereiro de 2008, o *blog* era hospedado no *Blogger*, após mudou de endereço, passando a integrar o diretório *OPS! O pensador selvagem*, que hospeda, além do *Diário da Lulu*, outros 13 *blogs*. Em novembro de 2008 Lulu mudou de endereço novamente e hoje escreve no *blog* intitulado *Continua Valendo: um blog otimista, ou não*<sup>64</sup>. O *Diário de Lulu* continua disponível, gratuitamente, na rede.

---

<sup>62</sup> Disponível em: <<http://lulu-diariodalulu.blogspot.com>>. Último acesso em 08/05/2009.

<sup>63</sup> Disponível em: <http://opensadorselvagem.org/blog/diariodalulu/page/35/>. Último acesso em 12/05/2008.

<sup>64</sup> <<http://continuavalendo.blogspot.com>>

#### 4.1.4 *Entretantas, eu...*

*Janaina, filha de lemanjá, é oito ou oitenta e os outros 71 quase nunca interessam. Ela é apenas mais uma entre tantas, mas ninguém no mundo é exatamente como ela.*

Descreve-se, assim, a autora do *blog Entretantas, eu...*, Jana, na seção *Entretantas*. No primeiro *post* do *blog*, dia 15 de outubro de 2004, Jana dedica-se à sua definição da expressão que dá nome ao *blog*, “entretantas, eu...”:

*Minha vida, esta vida, entre tantas outras, este meu momento, um pouco de mim. Apenas o que quiser falar, mas que realmente entender, saberá minha essência. Somos sempre muitos em um, muitas pessoas dentro de nós mesmos, muitas vidas dentro de vários planos. Um emaranhado de sensações, uma vibração constante, confusão, certeza, tristezas, alegrias, mágoas, perdão. Sentimentos a flor da pele. Frases. Entre tantas... Eu<sup>65</sup>.*

Jana, na sucessão dos *posts*, vai contando às/aos suas/eus leitores/as que reside em Porto Alegre, no bairro Bom Fim e tem 28 anos (nasceu em 24 de março de 1978). Como há fotografias, que declara serem suas, publicadas no *blog*, percebe-se que tem a pele branca, cabelos e olhos castanhos. É mãe de um menino de seis anos chamado Bernardo, trabalha fora de casa, como secretária, e mora com sua mãe e com seu filho. No momento desta análise, estava solteira “entretantas” aventuras e desventuras amorosas, muitas partilhadas com os/as leitores/as do *blog*.

Jana relata ter insônia e, nessas horas sem dormir, escreve. Continua escrevendo no *blog*, com o mesmo título, no mesmo endereço.

#### 4.1.5 *Toda menina*

É escrito por Marília, a Marylin, tem 32 anos, é graduada em publicidade e propaganda, pela Universidade Católica de Brasília. Trabalha no setor de mídia, redação e edição de uma empresa. Mora em Brasília, é solteira.

---

<sup>65</sup> *Post* do dia 15 de abril de 2004. Disponível em [http://entretantas-eu.blogspot.com/2004\\_10\\_01\\_archive.html](http://entretantas-eu.blogspot.com/2004_10_01_archive.html). Último acesso em 15/04/2008.

*Sim, expor qualidades, defeitos, habilidades e teimosias sempre foi um parto de 12 horas.*

*E de cócoras. Ora bem exagerada, ora consciente do exagero.*

*Escorpiana com ascendente em Câncer e sem a mínima noção de em qual casa a Lua possa estar.*

*Uns dizem que a menina é extrovertida, apesar dela ter a certeza de uma timidez bem trabalhada e proporcionalmente distribuída entre sorrisos mil e bochechas deveras rosadas.*

*As paixões são muitas e enchem o peito num suspiro \*assim-assim\*, daqueles gigantes.*

*Por música, a paixão é antiga e declarada, tornando-se pública também a inabilidade no violão ou na gaita que a menina tanto adora. Aquele clássico do cinema e o desenho animado do momento têm o interesse e a pipoca compartilhados na mesma proporção.*

*Ela é fascinada por palavras, imagens e junções. E se é viagem, que aconteça em balão colorido ou numa estrada longa, com dia ensolarado e muitas cores ao redor, onde tudo se perde e se encontra.*

*O \*Toda Menina\* tem sido o combustível. Acomode-se.*

O *blog* foi criado, em maio de 2004, no domínio *Terra*. Em dezembro de 2005 mudou de endereço para o domínio *Blogger*, mantendo o mesmo nome e o mesmo formato. Os *posts* são acompanhados por imagens de *pin-ups*<sup>66</sup>, e muitas vezes, escreve frases e expressões em inglês. Em fevereiro de 2008 quebrou o pé, e neste *post* veicula a única foto em que aparece parte de seu corpo: os dedos do pé de pele clara, escapando da bota branca de gesso.

O corpo aparece nos movimentos da ginástica, nas pedaladas pelas ciclovias da cidade, desfilando no shopping.

Hoje Marilyn escreve no *blog*<sup>67</sup> *Marilyn \*góes\* round*<sup>68</sup>.

<sup>66</sup> *Pin-ups* são modelos fotográficos cujas representações de mulheres belíssimas, de corpo “perfeito”, em poses sensuais. Exercem um forte atrativo na cultura *pop*. Muitas dessas fotos ilustravam calendários dirigidos ao público masculino. Ao invés de fotografias podem também se referir a desenhos ou ilustrações feitas a partir dessas fotos. Cabe destacar que o termo *pin up* (termo em inglês que se refere a calendário para ser pendurado) foi popularizado para se referir a essas imagens na década de 1940. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pin-up>. Último acesso em 11/05/2009.

<sup>67</sup> Os *posts* dessas blogueiras sugerem que são heterossexuais, uma vez que através da narrativa onde contam suas paixões, seus “casos”, seus amores, suas relações sexuais expressam desejo sexual apenas por homens. Na rede também existem vários *blogs* escritos por mulheres que se declaram bissexuais ou lésbicas. Talvez pelo critério de busca e inclusão que utilizei, exposto neste capítulo, *links* metodológicos, tenha, de algum modo, conduzido a mulheres heterossexuais. Cabe também comentar que informações como idade, estado civil, estado em que residem teve por base o período de análise dos *blogs*, ou seja, de janeiro a junho de 2008 e o declarado na página.

<sup>68</sup> <<http://marilynground.blogspot.com>>

## 5 CORPO QUE (SE) ESCREVE

Até pouco tempo atrás, para mim, o corpo significava músculos, pele, ossos, gorduras, tendões, órgãos, articulações que meus olhos e mãos de fisioterapeuta estão acostumados a observar, tocar, manipular, reabilitar. Corpos materializados através da sua anatomia, que a fisiologia se encarregava de explicar. Entretanto, essa visão biologicista do corpo foi sendo perturbada e hoje, quando olho os corpos, não é apenas a morfologia que está em jogo<sup>69</sup>.

Assim que comecei a busca na internet dos *blogs* que analisei nesta pesquisa, com o meu olhar aguçado, fui observando, em diversas instâncias, várias formas de se representar os corpos, modos que vão além da anatomia. Basta consultar um *site*, ir ao cinema, parar numa esquina, ligar a televisão, abrir o jornal, sentar-se em um bar, folhear as páginas de uma revista ou ler os *posts* de um *blog* que haverá corpos representados através de imagens, palavras, sons. Corpos que assumem e carregam os significados da cultura da qual fazem parte. Mais do que ossos, músculos, articulações e órgãos, são também os adereços, os gestos, as roupas, a maquiagem, os movimentos, a linguagem que os constituem e significam, que definem o que pode ou não ser considerado belo, valorizado, adequado (GOELLNER, 2003; 2008). Corpos individualizados pelas tecnologias precisam de que fazem uso para, na maioria dos casos, se moldarem a um padrão coletivo.

Em entrevista à revista *Quel Corps*, em 1975, Foucault, comenta sobre as articulações que fizeram com que os indivíduos, a partir do século XIX, desejassem “ter” seu próprio corpo, serem reconhecidos por ele. Situação possível pelo investimento do poder sobre o corpo através de exercícios, métodos de ginástica, da hipertrofia muscular. Chamava-se, desse modo, o corpo à individualização, a ser reconhecido como a sede do indivíduo. Assim, o corpo tornou-se o que está em jogo num mecanismo não mais de controle-repressão, mas de controle-estimulação:

---

<sup>69</sup> A visão essencialista do corpo vem sendo perturbada através da minha prática profissional, de diversas leituras e desde que cursei a especialização em *Pedagogias do Corpo e da Saúde*, realizada na ESEF/UFRGS durante 2005 e 2006 e com o meu ingresso no Programa de Mestrado em Educação na FACED/UFRGS, em 2007.

“fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!” (FOUCAULT, 1979, p.82). Portanto, para exibir o corpo e ser reconhecido a partir dele há um modelo a ser seguido, desejado.

Os corpos que interessavam à sociedade industrial do final do século XIX e do início do século XX, disciplinados por um poder constante, rígido, minucioso para otimizar a produção das fábricas, foram ficando em desuso. Entretanto, servindo a outros interesses, o corpo permanece focalizado nos discursos contemporâneos. Faz-se possível dizer que, hoje, o foco recai sobre os corpos potencializados pelas novas tecnologias que, além de ampliar suas capacidades de comunicação, de memória, melhoram e adaptam sua aparência, aproximando-o de um padrão contemporâneo digno de exibição. Assim, além de se consumir aparelhos de telefonia celular com maior alcance e potência, um *laptop* com tecnologia *wireless*, passagens de avião, memórias para computador, vai-se investindo também em cosméticos, clareamentos dentários, próteses para os seios, lipoaspiração, botox. Investe-se no corpo, nosso “bem maior”, capaz de dizer aos outros/as quem somos. Quando questionada num *meme* sobre o que é ser brega, Annie responde:

***ser brega é ...***

*é não ter o senso do ridículo e usar mini blusa e calça “cachorra” acima do peso!(...).*

***Roupa brega é ...***

\* *calça cintura baixa com mini blusa e buxo pochete*  
 \* *biquini cortininha com o peito na barriga rs*  
 \* *brilhos durante o dia => (Annie, 07/04)*

Ser brega, para Annie, não está apenas no vestuário, mas no fato de mostrar um corpo que se afasta de um padrão de exibição aceitável, pois está acima do peso, tem “buxo pochete”, o “peito” alcança a barriga. A condição de brega está no uso de uma roupa que não disfarça um corpo distoante do padrão. Pode-se dizer, até, que a breguice está no corpo. Neste caso, também o corpo diz se o sujeito é brega ou não. Corpo que, na fala de Annie, citada acima, pelos investimentos sociais

e culturais que partilhamos, pode ser imaginado como um corpo feminino, uma vez que é na seção de roupas femininas que encontramos os biquínis, as calças “cachorra”<sup>70</sup>, as mini-blusas. Calças justas e mini-blusas aparecem cobrindo coxas bem feitas, expondo barrigas moldadas em propagandas de cerveja, de sandálias, de automóveis, no *BBB* no corpo de mulheres que seduzem homens. Corpo que, para aparecer, num mecanismo de controle-estimulação, segue uma norma conectada ao gênero e à sexualidade.

Estudos contemporâneos instigam a pensar a plasticidade e a multiplicidade do corpo, a grande capacidade que se tem em moldá-lo, transformá-lo, reformatá-lo. Chamam atenção às conformações impostas aos corpos através de investimentos sociais, políticos e culturais que utilizando tecnologias precisas fazem a gestão da vida e estipulam uma norma para fabricar corpos sexualizados e generificados. Como nos diz Berenice Bento (2006, p.88):

A história do corpo não pode ser separada ou deslocada dos dispositivos de construção do biopoder. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo vivo da história do processo de produção-reprodução sexual. Nesse processo, certos códigos naturalizam-se, outros são ofuscados ou/e sistematicamente eliminados, postos à margem do humanamente aceitável. A heterossexualidade [e as construções de masculinidade e feminilidade] não surge[m] humanamente em cada corpo recém-nascido, inscreve[m]-se reiteradamente por meio de operações constantes de recitação dos códigos socialmente investidos como naturais (acréscimos meus).

Na esteira do que propõe Bento, pode-se afirmar que persiste uma norma que norteia como o corpo deve ser, qual performatividade<sup>71</sup> de gênero ele deve desempenhar, qual corpo deve ser sexualmente desejável para alguém. Um padrão que diz como ele deve ser e o que deve ter para ser culturalmente inteligível, humanamente possível. Existe uma norma, uma padrão a

---

<sup>70</sup> Calças justas (coladas ao corpo) e de cintura baixa que se popularizaram através das dançarinas de *funk*.

<sup>71</sup> É importante comentar, desde já, que o termo performatividade é utilizado aqui a partir do proposto por Judith Butler (2003) que faz uso desse termo, advindo da lingüística, para afirmar que, mais dos que descrever os corpos, eles são feitos pela linguagem. Essa discussão será aprofundada na próxima seção, intitulada, “*Coisas de mulher*”: *preceitos e assuntos que fazem um corpo feminino*.

ser seguido. Mas, o que é uma norma? Como ela opera? Quais mecanismos utiliza para estipular o que é “natural”, ou não, para os corpos? De que modo está implicada no momento de dizer o que é o normal?

Nesta pesquisa, fazendo uso de algumas formulações de Michel Foucault, penso a norma como uma ferramenta capaz de articular os mecanismos disciplinares, controladores, repressores e estimuladores que atuam sobre o corpo com os mecanismos reguladores que atuam sobre a população, assim, ao mesmo tempo em que exerce um controle individualizante sobre o corpo de cada sujeito, a norma mostra-se totalizante por atuar sobre a população. Dessa forma, a norma constitui-se numa estratégia biopolítica, que enreda a sociedade contemporânea, uma vez que estabelece uma organização para a vida social, agindo através do biopoder (FOUCAULT, 2000).

Para a norma funcionar, são necessários modos de comparação, parâmetros, medidas instituídas por determinado grupo de sujeitos e que se tornam a referência desses mesmos sujeitos a si, que determinam o que será considerado “normal”, “natural”. Medidas instituídas arbitrariamente, dotadas de um forte caráter prescritivo, que se tornam o referencial e se instituem como o padrão, o modelo, a “norma” a ser seguida (EWALD, 1993). É fundamental enfatizar o caráter arbitrário em que as normas são estipuladas, bem como o caráter de autoridade que adquirem e que está implicado no assujeitamento do corpo. Alfredo Veiga-Neto e Maura Lopes (2007), a partir dos Estudos Foucaultianos, descrevem as sutilezas das normas e das palavras que dela derivam como, as normalizações, normatizações e normações. Tais palavras estarão implicadas nas discussões que seguem, portanto considero importante comentá-las aqui.

Conforme Veiga-Neto e Lopes (2007), quando a norma é utilizada para definir o que é normal ou anormal, denomina-se normação. Assim, a norma é fundante e os padrões de normalidade e anormalidade irão se aproximar ou se afastar dela. Pode-se dizer que orbitam em torno da norma, tentando a ela se adequar. Pensando nas distinções vocabulares é importante pensar na palavra normatizar, relacionada com as operações de criar, estabelecer ou sistematizar normas. Assim, “podemos



entender que os dispositivos *normatizadores* são aqueles envolvidos com o estabelecimento das normas, ao passo que os *normalizadores* [são] aqueles que buscam colocar [todos] sob uma norma já estabelecida e, no limite, sob a faixa de normalidade já definida por essa norma” (VEIGA-NETO e LOPES, 2007, p. 956). Então, na normalização, a partir da norma, marca-se o normal e o anormal, distinguindo-os num sistema hierárquico no qual a operação de normalização consistirá em fazer com que as características desfavoráveis modifiquem-se para se assemelhar às favoráveis, ou seja, ao que foi marcado como normal. Nesse caso, o normal é o fundante, como se fosse uma inversão epistemológica (VEIGA-NETO e LOPES, 2007). Quando se subtrai (ou se encobre) a norma e se leva em conta apenas o normal, passa-se a não questionar o caráter arbitrariamente construído da norma, legitima-se o normal, “naturaliza-se”.

É em decorrência disso que se fica com a impressão de que ela é natural, pois, na medida em que, nesse processo de normalização, aquele que já estava (naturalmente) aí é assumido como um (caso) normal, tudo o mais que dele se deriva parece ser também natural (VEIGA-NETO e LOPES, 2007, p. 956).

Assim, lendo os *posts* escritos por essas blogueiras, “li” corpos que são, por diversos discursos, levados a perseguir e adequar-se a uma determinada norma, articulada ao gênero e à sexualidade, que ora é a referência, ora confere a determinado modelo o caráter de normal. Norma que, entre as disputas dos discursos da beleza, da saúde, da escola, da medicina, do senso comum, diz como o corpo das mulheres e dos homens deve ser, as medidas que deve ter, a performatividade que deve, insistentemente, executar, a sexualidade que deverá desejar. Desse modo, pode-se dizer que existe uma norma fundante (e não uma essência), arbitrária que, pelo exercício do poder, instiga os corpos a buscarem aproximações com ela e/ou, a partir dela, reconhecerem-se como anormais/normais. A busca por esse padrão de corpo, marcado pelo gênero e pela sexualidade, ficou bastante aparente nas falas dessas mulheres no momento em que se referiam ao corpo.

## 5.1 Entre dietas, cosméticos e exercícios: corpos conformados

*O meu bumbum era flácido  
Mas esse assunto é tão místico  
Devido a um ato cirúrgico  
Hoje eu me transformei*

*O meu andar é erótico (silicone yeah! yeah!)  
Com movimentos atômicos (silicone yeah! yeah!)  
Sou um amante robótico (silicone yeeah...)  
Com direito a replay (silicone yeah!)*

-Mamonas Assassinas-

A revista *Veja*, em sua página *on line*, trazia, em 20 de janeiro de 2009, os resultados de uma pesquisa sobre hábitos alimentares. Ao comentar os dados do estudo, informava que a pesquisa “foi feita com 13 mulheres e 10 homens de peso normal, com IMC<sup>72</sup> médio de 24”<sup>73</sup>. No *Jornal do Comércio*, em 23 de fevereiro de 2009, na seção *Empresas & Negócios*, a manchete dizia: “Vestuário padroniza as medidas”. A matéria que seguia tratava de uma norma estipulada pela Abravest<sup>74</sup> a qual as medidas das roupas das/os brasileiras/os deverão se adequar. Isso irá fazer

---

<sup>72</sup> IMC é Índice de Massa Corporal. É uma medida internacional, largamente utilizada em estudos epidemiológicos, para calcular a porcentagem de massa corporal de um sujeito adulto. Este indicador por utilizar medidas de fácil mensuração, como peso corporal e altura, apresenta boa capacidade de discriminar o estado nutricional de adultos/as, bem como, a gordura corporal no sujeito avaliado. Pode ser obtido através da seguinte fórmula:  $IMC = \text{massa} / \text{altura}^2$  onde a massa é o peso do sujeito em quilogramas (kg) e a altura é em metros. Sendo considerado um IMC “normal” (ou peso “saúdável” ou, ainda, peso “ideal”) valores maiores de 18,5 e menores de 25,0 e “sobrepeso” valores acima de 24,9 e menores de 30,0 (FARIAS JÚNIOR et al, 2009; *site copacabana runners*, disponível em < <http://www.copacabanarunners.net/imc.html>> e *site como emagrecer.com*, disponível em < <http://como-emagrecer.com/calculo-de-imc.html>>, acesso em 06/06/2009; OMS, 2003). É importante comentar que nem sempre o IMC faz distinção de valores entre os sexos, o que é comum em outros métodos de avaliação da massa corporal, como a bioimpedância, por exemplo. Apontam-se três limitações para o uso do IMC: a correlação com a estatura, com a massa livre de gordura (principalmente quando o sujeito avaliado for homem) e com a proporcionalidade corporal (relação tamanho das pernas/tronco) (ANJOS, 1992). Recentemente, foram propostos valores para se calcular o IMC de crianças e adolescentes brasileiros/as (FARIAS JÚNIOR et al, 2009).

<sup>73</sup> Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia-saude/mulheres-pensam-mais-comida-415953.shtml>. Último acesso 10/03/2009.

<sup>74</sup> Associação Brasileira de Vestuário.

com que, em todas as confecções do país, a numeração dos manequins, 38, por exemplo, tenham as mesmas medidas.

Embora os excertos acima possibilitem variadas e pertinentes discussões, não tenho, aqui, o intuito de problematizar os riscos e malefícios à saúde dos indivíduos que escapam do “peso normal” em articulação com os seus hábitos alimentares e nem a importância da decisão de padronizar as medidas do vestuário para confecções, fábricas e lojas, para a importação e exportação do país. Fiz uso desses dois recortes apenas como exemplos de notícias que, insistentemente, apresentam uma norma para o corpo, que estabelecem parâmetros para considerá-lo normal. Assim, procuro discutir, através de certas falas sobre o corpo - recortadas dos cinco *blogs* analisados -, as intervenções impostas cotidianamente ao corpo para se adequar a esse padrão, bem como, problematizar o modo como essas prescrições se articulam e entrelaçam em diversos discursos contemporâneos que exercem efeitos de verdade.

Serão as medidas propostas pela Abravest que servirão de parâmetro para o meu corpo quando cobiçar um jeans 38? A elas irei adequar as minhas coxas e quadris para caber numa determinada numeração de uma calça *jeans*, de um vestido justo? Será que as medidas do jeans 38 são feitas para uma mulher com um peso normal? Meu peso é normal? E se o meu corpo escapa ao peso normal e à numeração das roupas vendidas pelas lojas como comprarei roupas no shopping? O que me faz modificar o meu corpo para adequá-lo a uma norma, para alcançar o “peso normal”, para caber na roupa da moda? Pode-se dizer que a norma é estabelecida articulada ao gênero e à sexualidade? O que me faz cobiçar um jeans 38 e não um 48?

Tânia Swain (2008) nos diz que a existência social da mulher se dá através do seu corpo. Um corpo educado e produzido para realizar as performances esperadas para o gênero feminino a favor da heterossexualidade compulsória. Para o corpo da mulher contemporânea é instituído, social e culturalmente, como valores, a magreza, a juventude, a capacidade de sedução sendo pertinente acrescentar a esses “valores” uma aparência saudável. Adjetivos que, pelo efeito do biopoder, fazem

corpos femininos contribuindo para sustentar um quadro de inteligibilidade hierárquica, onde se constituem em critérios fundamentais no momento de julgar determinado corpo como bonito. Ao articular esses valores, o corpo da mulher se faz como objeto de desejo sexual para os homens, de consumo para as mulheres.

Diversos artefatos culturais<sup>75</sup>, como jornais, filmes, propagandas, *out doors*, programas de TV, músicas, revistas, *sites*, *blogs*, veiculam e constituem discursos que difundem um corpo “hegemônico” e atuam como pedagogias culturais, ensinando como o corpo deve ser. Cabe lembrar que, ao utilizar o conceito de Pedagogias Culturais, opero com a possibilidade de que a educação acontece em outras instâncias, além de instituições formais como, por exemplo, a família e a escola.

Desse modo, pode-se dizer que há um corpo de mulher apresentado como o padrão, como legítimo. Um tipo de corpo que se faz central no momento da aparência anunciar: “sou uma mulher”. É ele que se constitui a norma, o objeto de desejo, o sonho de consumo, algo a ser fabricado e aperfeiçoado. É a esse modelo, arbitrário, que as mulheres almejam assemelhar seu corpo. Assim, destaco o caráter discursivo e prescritivo das normas que atuam sobre o corpo tentando conformá-lo e dos vários investimentos financeiros, sociais e culturais feitos na tentativa de manter e pavonear esse corpo. A fim de pensar nessa norma que age sobre o corpo, utilizo-me de um exemplo citado por Denise Sant’Anna (2006, p. 94) ao falar da alimentação contemporânea:

Um expositor de uma feira de novidades de alimentos industrializados, ocorrida recentemente em São Paulo, disse-me que grande parte das invenções em matéria de sorvete, doces e iogurtes com frutas está no fato de que vários deles são feitos com uma mesma *papa básica*. A seguir, disse ele, essa papa sofre a adição de edulcorantes, xaropes com odores e sabores distintos e adquire aparências diferenciadas.

Na esteira do que exemplifica Sant’Anna pode-se dizer que existe um “corpo básico” para a mulher contemporânea, um “corpo padrão” que, ao articular

---

<sup>75</sup> É importante destacar que há diferenças entre esses artefatos culturais.

juventude, magreza e aparência saudável, cabe nas roupas, pode desfilas na praia, fica bem na foto, seduz. Esse “corpo básico” se torna a norma, é o fundante, a referência. A ele outros corpos tentam se adequar, e em torno dele outros corpos orbitam. Trocam-se as roupas, o tom da tintura do cabelo, os brincos e as pulseiras, a altura do salto dos sapatos, a cor do jeans como que para dar um sabor diferente ao “corpo básico”, mas se fica sonhando em caber numa roupa número 38, 40 (sem saltar partes da barriga e da cintura para fora) ou, ao menos, dessa numeração se aproximar:

*Então antes de ir eu gostaria de alguma coisa dessa vida. Eu gostaria de voltar a ter o corpo que tinha antes de engravidar (sonha nega, sonha) e finalmente poder voltar a entrar na minha calça jeans 38 (Jana, 18/04)*

*Comecei a minha dieta e a cada número que eu consegui diminuir no manequim era festejado com muita alegria por mim, alegria vestir 48 fiz festa no 46 e sonhava em vestir 44 quem acompanha este blog a algum tempo sabe do que estou falando né? Sempre quis vestir 44 meu manequim a alguns meses, fruto de muito esforço. Mas quem disse que estou conformada? Lembra da calça 42 que eu citei meses lá trás? Então hoje eu tentei vesti-la e para minha felicidade ela já passa do quadril e acho que quando eu jogar mais 3 kg na lata do lixo vai me servir confortavelmente. Será que estou sonhando? (Annie, 16/05)*

Jana e Annie, nas suas falas, mencionam a palavra “sonho”. Adquirir um “corpo-básico” parece, para elas, um sonho bom. Fazendo uma brincadeira semântica com o substantivo “sonho”, encontrei as seguintes definições: “1. conjunto de imagens surgidas durante o sono. 2. Fantasia; ilusão; utopia. 3. Aspiração; livre desejo”<sup>76</sup>. Considero possível pensar esse corpo referenciado como uma fantasia, uma aspiração, uma ilusão que se persegue mas que sempre escapa, mobilizando nosso desejo. Reverencia-se um determinado padrão de corpo reiterado cotidianamente como belo pelos discursos que são veiculados pela televisão, pelas páginas das revistas, pelas vitrines das lojas nos *shoppings* que ditam padrões ilusórios e sugerem comportamentos ligados ao consumo. Edvaldo Souza Couto (2000, p.244) nos diz que

---

<sup>76</sup> Definições do Dicionário *Houaiss*.

[...] é preciso entender que a insatisfação é apenas um estágio da estratégia de sedução que impulsiona o sujeito a cuidar mais de si mesmo, se metamorfoseando. O importante é incentivar a aspiração individual do aperfeiçoamento, a entusiasmada acolhida dos recursos tecnocientíficos considerados capazes de redimensionar, rejuvenescer e revigorar a corporalidade.

Assim, o corpo aparece como uma obra a ser planejada, produzida, reformada, aperfeiçoada. As frases enunciadas pelo senso comum: “a beleza se constrói”, “a beleza é para todos/as” cabem bem para ilustrar esse momento. Destina-se o corpo ao aperfeiçoamento constante a fim de se aproximar ou, quiçá, alcançar uma norma que persiste, mas que escapa, desliza, ilude. Numa tentativa de tornar esse corpo palpável, não surgem apenas tecnologias com o intuito de otimizá-lo, mas também de mensurá-lo, quantificá-lo, estipular em tabelas e valores o quão próximo ou distante se está do normal, num processo não só de normação, mas de normalização. Em duas falas de Annie é possível perceber modos de expressar o corpo através das medidas corporais, como altura, peso, circunferência abdominal, porcentagens de gordura, vejamos:

*Olá pessoas amadas você sabem que nunca levantei bandeira pelos corpões das famosas sempre fui e sou pé no chão e realista....mas a minha miguxa Ju quase me matou quando me mandou a foto da Fêr souza <sup>77</sup> na capa da boa forma, fdp como nasce uma vez só e vai pra fila da beleza tantas vezes? Hhahhaa pqp a capa mais linda da boa forma este ano =).*  
*Sei que rola produção,luz e photoshop ah como sei mas vamos combinar que toda terça-feira a moça humilha no toma lá da cá né?*  
*Peraí vou ali me matar e já volto hahaha como diz a queridissima Valentina suicídio feminino coletivo às 14:00 de hoje ahahaha....pelo amor de Deus nem ligava de ter a altura dela hahah vcs se importariam ? Haha respirem no saco... lá vai as medidas Altura: 1,58 m*  
*Peso: 48 kg*  
*Busto: 90 cm*  
*Cintura: 65 cm*  
*Quadris: 90 cm (Annie, 15/06)*

*Fuçando no post da Aninha Xereta eu fui calcular quantos pontos eu teria que consumir e calcular o meu imc, e para minha surpresa Bingo estou no peso ideal dá pra acreditar? É nem eu acreditei que já “cheguei lá” .*

---

<sup>77</sup> Annie faz referência a atriz da Rede Globo de televisão, Fernanda Souza, que atua no programa de humor veiculado pela emissora, *Toma Lá dá Cá*.

*No começo era um “sonho” tão distante e aparentemente difícil onde meu IMC era de 35.67 quase obesidade morbida. Muito bom está quase lá...Me encheu de animo ...quase sai saltidando e cantarolando estou no peso saudável risos.....60 kg cravados aqui vou eu.... (Annie, 18/05)*

Minha altura é padrão? O índice do meu peso em relação à minha altura ficou no “normal”? A medida do meu busto é igual a dos quadris? Cadê minha fita métrica, uma balança, por favor?! Com o auxílio de uma fita métrica mensura-se a circunferência dos quadris, da cintura, o busto, a altura. Estipulam-se as medidas perfeitas. Sobe-se na balança para saber o peso, relacionam-se os dados. Cálculos ensinados cotidianamente em revistas, programas de televisão, *sites* médicos na internet, *blogs*, jornais *on line*. O corpo é expressado em números. Os padrões das medidas que se deve ter são estabelecidos. Índices ideais estipulados. *Sites* da internet como o da *Folha on line*, calculam em frações de segundo o IMC para seus/uas usuários/as. É só digitar a altura e o peso e podemos saber se o nosso corpo está classificado como normal, se o peso corporal é considerado saudável, ideal.

As tabelas para a interpretação dos testes de IMC apresentam valores de referência para saber se o resultado obtido da relação entre a altura e o peso é considerado: “magreza”; “ideal”, “normal” ou “saudável”; “sobrepeso”; “obesidade” (FARIAS JÚNIOR et al, 2009; OMS, 2003; ANJOS, 1992). Articulam normalidade e saúde. Annie conta que, após calcular seu IMC, verifica que está no “peso ideal”, no “peso saudável”. Pela sua fala é possível perceber como comemora o fato de ter se deslocado da “obesidade mórbida” para um “peso saudável”, como se somente o fato de emagrecer fosse suficiente para caracterizar a saúde. Não há quem emagreça pela doença?

Estar no peso estipulado como ideal, ter uma relação adequada entre as medidas do busto, quadril e cintura, produzir um corpo de modo que ele possa estar dentro de um padrão de normalidade, definido em determinada época, para certa cultura, constituem-se em critérios importantes para afirmar se determinado corpo é belo, se é saudável. É preciso também observar o fato de que ter um peso

considerado normal está intimamente articulado a ter um peso saudável. O substantivo “peso” ao ser adjetivado por “saudável” parece adquirir mais valor. Cabe então lembrar como, há alguns anos, a saúde vem despontando como um valor.

Num de seus textos, para falar da saúde, Renato Janine Ribeiro (2003), evoca, de Thomas Morus, o livro *Utopia*. Lembra que, na ilha imaginária, a qual o livro faz referência, não existe diferença de bens, comida, crenças, roupas, práticas pelos seus habitantes. Todos os sujeitos moradores da ilha residem em casas iguais, trabalham no campo e no tempo livre se dedicam à literatura e à arte. Nessa ilha imaginária, um dos poucos pontos de debate fica dedicado ao prazer. Discute-se “se o prazer é a ausência de dor ou desprazer, ou se ele é algo mais positivo; em outras palavras, se o bem-estar é um grau zero de mal-estar, ou se é algo mais intenso, qualitativamente mais elevado” (RIBEIRO, 2003, p. 26). Na esteira desse argumento pode-se questionar: Para ser saudável basta apenas não estar doente ou já se pode pensar em ter “mais” saúde? Basta sentir-se bem no corpo que se tem ou é necessário um IMC “saudável” ou até mais do que isso? Ribeiro trabalha com a ideia de que hoje a saúde não é mais assegurada apenas pela negação da doença. Já se pode pensar num grau positivo, de “mais saúde”. Estado de “mais saúde” advindo da ampliação da expectativa de vida, da garantia, através de medicamentos, de um corpo “melhor” através de parâmetros contemporâneos: com menos gordura, mesmo comendo de tudo; com maior desempenho sexual, mesmo envelhecendo; feliz, mesmo diante da solidão, do desamor, das maiores tragédias que se possa imaginar. Para isso, basta contar com o Xenical, o Viagra e o Prozac, medicamentos utilizados pelo autor para exemplificar o proposto. Refere também que, para se ter “mais saúde”, também é possível lançar mão da manipulação genética, contar com a neurociência, com a clonagem. Chama atenção ao fato de que, nesse processo em busca de aparentar “mais saúde”, um corpo otimizado pela manipulação dos genes, emagrecido e potencializado pela tecnologia teria mais valor que outros<sup>78</sup>. Entretanto, se a norma é arbitrária e a saúde é também uma construção cultural, ser

---

<sup>78</sup> Ribeiro destaca o fato dessa tecnologia não ser acessível para todos/as. Desse modo, aponta que um novo processo de eugenia poderia emergir, reacender a crença no determinismo biológico, a exaltação da natureza, dos laços de sangue em relação às construções culturais.



magra, ter um parceiro viril e um sorriso permanente nos lábios, seriam garantias “eternas” da beleza, da juventude, de estar no topo, de ter um corpo com mais valor?

A medicina, como ciência autorizada, concebeu a doença através de uma norma que é utilizada para marcar o que é normal. Desse modo, o normal se torna a referência em uma curva estatística na qual o que difere passa a ser considerado anormal, desviante, patológico. Georges Canguilhem, em sua tese de doutorado defendida em 1943, nos instiga a compreender a noção de doença de um outro modo. Em vez de adotar o normal como o padrão a ser assumido, devemos pensar o normal apenas quando ele é capaz de alterar seu padrão se o meio exigir. Assim, para Canguilhem, o organismo é normal não pelo fato de estar dentro dos limites que marcam a referência, mas sim, pela capacidade de se modificar e responder com elasticidade às demandas do meio em que vive. Neste caso, o organismo é normal porque é normativo, ou seja, tem condições de adotar novas normas de funcionamento sempre que necessário para a prevenção de seu estado de saúde. Desse modo, o patológico é uma condição inferior à condição saudável, não por ser diferente do padrão, mas por ser menos capaz de se transformar, de se modificar, de criar novas estratégias para se adaptar, sempre que necessário. Portanto, a condição de saúde está relacionada à normatividade e não à normalidade (CANGUILHEM, 1995).

Então, se pensarmos um corpo com aparência saudável como um valor, na perspectiva que venho discutindo aqui, bem como em todas as articulações que são feitas em torno dessa aparência saudável, principalmente em relação à beleza, a um ideal de magreza e juventude, um dos modos possíveis de se conceber essa conexão é acordar que, hoje em dia, aparentar saúde, juventude e beleza não se limita a normalizar o corpo, mas, sim, ter um corpo capaz de se adaptar, de se modificar, de lançar mão das tecnologias que garantem um corpo melhor, sempre que for necessário.

Georges Vigarello (2006) mostra como a beleza escorrega, se modifica através de princípios, enunciados ao longo dos tempos. O corpo só pode ser considerado belo pelo que é significado em determinada época, em certa cultura. É

só lembrarmos dos critérios estipulados para a eleição da Miss Brasil, de como, ao longo das décadas as medidas de peso e altura foram se modificando de um modo que, hoje em dia, as moças mais altas e mais magras, com mais busto que quadris, foram adquirindo mais chances de receber o título. Cirurgias plásticas, intervenções através de técnicas de bioplastia<sup>79</sup> passaram a ser aceitas. Não basta mais “nascer” alta e bonita, é fundamental aperfeiçoar essa beleza. Em 2001, a então Miss Brasil, a gaúcha Juliana Borges, conquistou diversas capas de jornais e revistas pelo fato de ter feito dezenove intervenções para concorrer ao título de Miss Universo, mas, mesmo assim, não conseguiu a classificação.

Conforme já mencionado, para a cultura contemporânea, o corpo, individualizado, se constitui em um potente objeto de consumo, sujeito a uma série de valores que instituem hierarquias e proporcionam diversas vantagens para quem consegue adaptar o corpo, aproximando-se do topo. Estar acima do peso, ter gordura localizada, torna-se motivo de deboche, de desleixo, capaz de gerar um certo desprezo. Jana conta, em seu *blog*, da noite em que foi na festa de aniversário de uma amiga, num *pub*, onde encontrou um “ex”, com a nova namorada. Vejamos o que ela nos diz:

*Contar pra vcs sem dar nome aos bois. Quinta fui ao aniversário de uma amiga. Trinta anos (ano que vem sou eu!), um pub meio Irlandês (acho!) e encontrei um cara ai que já esteve por aqui nos posts. Tanto lugar pra sair e tínhamos que ir para o mesmo lugar. Tava ele e a namorada. Veio me dar oi, me apresentou a namorada. Bem eu achei que a menina tava grávida! Como tava sem óculos e sem lente (que até agora não sei onde enfiei) fui assim tirar a dúvida. Perguntei pra aniversariante, ela confirmou, gravidez gritante. Eventualmente eu e o cara nos falamos (motivos profissionais), então ao dia seguinte do aniversário nos falamos, fui obviamente dar os parabéns pelo baby. Silêncio cortante do outro lado da linha. Eu sentindo a bola fora: ‘ela ta grávida, não ta?’. Não! Não estava. Só não quis um buraco para me enfiar porque sou mais debochada que envergonhada e caí na risada. Ria e pedia desculpas ao mesmo tempo... E só consegui pensar que a gente reclama de barriga cheia. Confesso que fez um bem filha-da-puta pro meu ego! (Jana, 23/01)*

---

<sup>79</sup> A bioplastia é uma das técnicas tradicionais de preenchimento de pele, disfarçando ou eliminando rugas. Para tanto, são utilizados biomateriais. É considerada uma técnica que ‘livra’ o paciente da internação hospitalar, da cirurgia, da anestesia e do tempo de recuperação comum nas cirurgias plásticas (NÁCUL, 2005).

Annie também relata, numa espécie de conto de fadas, parte de suas experiências com o seu corpo, que, durante a adolescência, tinha sobrepeso, em relação a uma colega, com um ano a mais de idade, mas loira, magra, malhada. Expõe, para quem ler a página, as perdas e ganhos potencializados pela aparência do corpo, das transformações pelas quais os corpos podem passar e das hierarquias estipuladas na nossa cultura que se expressam através de mais ou menos gordura depositada sob a pele.

*\*\*\*Era uma Vez\*\*\**

*Então era uma vez uma menina gordinha de 14 anos mais ou menos essa menina se chama Annie(sim eu mesma)não era obesa mas não era magrinha, era uma menina acima do peso e com alguns complexos. Apesar disso a menina saía,namorava ficava e dava uns colados por aí...Essa menina gostou de um amiguinho da sala e começaram a dar uns beijos,na nossa sala tinha uma loira de mais ou menos 15 anos era a garota mais sarada,bonita e insuportável l da sala, chegou no meio do ano e todas as garotas a ignoraram menos a Annie a defensora dos frascos de comprimidos rs que logo tratou de enturma-la, não demorou todos os meninos do colégio estavam de quatro pela loira que se chama Karina, inclusive o gatinho ficante da Annie e foi ele justamente o eleito dela para namorar.*

*A loira killer nem gostava dele mas falava para as minhas amigas que o prazer dela era apenas deixa-los aos seus pés...Sim e ela deixava. Annie ganhou um pé na bunda mas continuou protegendo a Killer,marcamos todos de ir a uma festa num clube famoso daqui e ganhei da loira um pedala, fiquei esperando por ela para irmos juntas como o combinado e ela foi sozinha lá ao ser perguntada ué cadê a Annie ela riu e disse andar com amiga gorda nem sempre convem e hoje era queimação de filme.*

*Bem a amizade acabou o tempo passou a annie gordinha virou a annie obesa, mega gorda e ela lá continuava a loira, moramos no mesmo bairro e não nos falamos ...O tempo passou de novo e a Annie Balão secou e continua secando e hoje encontrei com a Killer, depois de quase dois anos e ela estava levando a filhinha para a escola, vocês não vão acreditar na cara que fizemos uma pra outra...Ela está imensa de gorda depois que engravidou embagulhou e veio puxar assunto...*

*-Anelli e vc mesma?*

*-Ah, claro que sou eu(estava abusada)*

*-Caraca como você está jovem e bonita que você fez?*

*-Dieta querida*

*-Eu casei me mudei daqui uma gravidez só olha como fiquei!*

*(ai me deu um abraço que me gelou a alma)*

*-É to vendo bem não tenho tempo para conversar tchauzinho...*

*Dei as costas e fui....moral da história?*

*Nada como um dia após o outro eu jamais fui esnobe,metida ou coisa parecida quem me conhece de verdade sabe disso mas certas mágoas a gente nunca esquece não é ?ah esqueci de dizer que ela anotou meu blog e que eu indiquei a south beach <sup>80</sup> a ela porque acho que ninguém merece estar gorda não,e não sou egoísta e nunca vou ser, mas 17 anos depois me senti de alma lavada, foi uma bela lição a ela, pra aprender que não devemos conspir pra cima !*

*Ah e se ela chegar aqui e ler? Que aperte o foda-se e seja feliz ! (Annie, 08/05)*

Nesses *posts*, é fácil perceber que os corpos estão hierarquizados pelo seu peso e aparência. Ter sobrepeso é motivo de recalque, de “complexos”, de zombaria. “É queimação de filme” andar com alguém que tem um corpo que não cabe na norma, pois está gordo. Os *posts* mencionados acima, através das sutilezas da linguagem, fazem perceber que as mulheres e adolescentes com sobrepeso servem para “ficantes”, já as magras, de cintura fina, são as namoradas. Pega mal ter uma namorada “barriguda”, faz mal sair com uma amiga gorda para a “balada”. Até, pode-se dizer que os adjetivos “gorda” e “barriguda” assustam, espantam. A gordura passa a ser considerada um atributo que desvaloriza o corpo e, ao se articular com o discurso da saúde, confere a ele uma aparência de desleixo, de negligência com a saúde, de falta de vontade e persistência. Na fala de Jana, a gordura depositada no abdômen só é tolerada na gravidez. No “conto de fadas” de Annie, ser loira, ser magra, ter os músculos trabalhados, ser jovem são valores atribuídos ao corpo feminino que, a serviço da heterossexualidade compulsória, seduzem os homens e incitam a inveja das mulheres. Além disso, é possível ver o

---

<sup>80</sup> A dieta de *South Beach* desenvolvida pelo cardiologista Arthur Agatston, em Miami. Essa dieta enfatiza , nas primeiras semanas, a restrição de ingerir carboidratos (disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Dieta\\_de\\_South\\_Beach](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dieta_de_South_Beach). Último acesso 13/06/2008).

*status* do corpo magro e o quanto o fato de emagrecer é motivo de orgulho, de capacidade de transformar e aperfeiçoar o corpo, de adaptar e conquistar um corpo que vale mais nos discursos contemporâneos. Afinal, o corpo permanece, nas falas dessas blogueiras, como uma constante produção.

Contemporaneamente, articulam-se discursos oriundos da indústria da beleza, do senso comum validados pelo discurso da medicina na promessa de que é possível, para quem quiser, produzir um corpo magro, saudável, jovem e sedutor, mediante a adoção de certas estratégias. Assim, a favor de um padrão coletivo, delega-se ao sujeito a determinação e a responsabilidade de cuidar da sua saúde, da aparência do seu corpo. O sujeito passa a ser o responsável pelo corpo que tem, pela alimentação que adota e que vai produzir efeitos não apenas na aparência corporal, mas também em si.

A partir da década de 1990, vários/as autores/as<sup>81</sup> passaram a chamar atenção ao modo como a alimentação contemporânea vai sendo posta em discurso, numa espécie de dispositivo, que incita, regula e prescreve o consumo de determinados alimentos: demoniza-se o açúcar e a gordura, instituindo a culpa nos consumidores desses produtos alimentícios. Ao mesmo tempo em que as embalagens e propagandas sedutoras nos instigam a desejar determinado chocolate, “que se derrete na boca”, se comermos a barra inteira, nos sentiremos profundamente culpados/as, com a “consciência” e o corpo extremamente pesados. É possível pensar que comer doces torna-se um pecado e aquele/a que vence a tentação, que se abstém vai se aproximando dos critérios de santidade de outras épocas. A santidade de hoje, contudo, não garante nem promete o Céu, mas um corpo magro e saudável, um “corpo básico”. Deborah Lupton (1994, p. 42) nos diz que a renúncia à ingestão de determinados alimentos passa a ser o “símbolo de pureza religiosa de beleza. Como a abstinência feminina nos séculos passados, a abstinência hoje pode representar uma afirmação de piedade secular, de pureza

---

<sup>81</sup> Dentre os/as muitos/as autores contemporâneos que destacam o modo como a alimentação vem sendo posta em discurso, refiro-me aqui, especificamente à LUPTON, 1994; BORDO, 1998; MIRA, 2001; ORTEGA, 2008.

moral e de disciplina metafísica sobre a carne e seus desejos”. Torna-se o corpo obeso sinônimo do descontrole, do descuido com a saúde, da imoralidade.

Ao articular a alimentação contemporânea à sexualidade, Francisco Ortega (2008) nos lembra que, mesmo atravessando um longo período, as preocupações com a dieta e o sexo permaneceram, mas através de novos significados culturais<sup>82</sup>. Hoje, o corpo passa a representar a moral, sendo que é a aparência corporal e as atitudes adotadas a respeito do modo de se alimentar, de cuidar do corpo que diz do sujeito, pois “escolher ingerir cereais integrais e consumir o mínimo de açúcar branco faz parte do conjunto de atividades constitutivas de um sujeito que segue as verdades científicas, estéticas e de condutas postuladas em nossa época” (ORTEGA, 2008, p. 28). Assim, o autor instiga a pensar o fato da preocupação com a alimentação passar a ocupar as restrições e as prescrições antes aplicadas à sexualidade.

Nas nossas sociedades, a comida ocupa o lugar da sexualidade como fonte potencial de ansiedade e patologia. O tabu que se colocava sobre a sexualidade desloca-se agora para o açúcar, as gorduras e as taxas de colesterol. Os tabus passaram da cama para a mesa. O glutão sente-se com freqüência, mais culpado que o adúltero (ORTEGA, 2008, p. 41).

Desse modo, o sujeito que segue as prescrições alimentares e não “sofre” com o excesso de peso tem sua aparência corporal articulada a uma boa moral, a uma boa conduta, a um bom sujeito. Como se a aparência articulada aos hábitos de vida bastasse para dizer de si. Esse é um dos modos pelo qual a alimentação contemporânea vem sendo posta em discurso. Assim, conecta-se a magreza à saúde e à pureza, pelo fato do corpo magro representar um baixo percentual de

---

<sup>82</sup> Em entrevista a Hubert Dreyfus e Paul Rabinow, ocorrida em Berkeley, em abril de 1983, Foucault fala sobre sexo e dieta, diz o pensador: “Acho que é realmente muito interessante ver o movimento, o lentíssimo movimento, no sentido de privilegiar a alimentação, que era superestimada na Grécia, até o interesse no sexo. No início da era cristã, a alimentação era muito mais importante do que o sexo. Por exemplo nas regras para os monges, o problema era alimento, alimento, alimento. Então você pode ver uma lenta mudança durante a Idade Média, quando eles estavam numa espécie de equilíbrio...e, depois, no século XVII, foi o sexo que prevaleceu” (FOUCAULT *apud* DREYFUS e RABINOW, 1995).

gordura, estar articulado a uma alimentação considerada saudável, a um estilo de vida ativo<sup>83</sup>.

Maria Celeste Mira (2001), através de pesquisas feitas em revistas femininas como *Nova* e *Cláudia*, aponta que, a partir do século XX, o peso corporal considerado ideal foi diminuindo enquanto o hábito de consumo de produtos industrializados voltados para a alimentação e para o corpo foi aumentando. Chama atenção ao fato de a alimentação contemporânea, diferentemente do contexto pré-moderno em que o ato de se alimentar estava envolto em práticas e rituais de povos particulares e de alimentos característicos da região habitada por esse povo, ter se “desterritorializado”. Hoje, os produtos alimentícios industrializados são semelhantes em todos os cantos do mundo, e não mais específicos de determinada cultura e sociedade, facilitando o discurso que valoriza e regula o consumo dos produtos *light* para a obtenção de um corpo que condiz com os critérios de magreza estipulados para a nossa época. Penso que essa “desterritorialização” facilita a responsabilização dos sujeitos a respeito dos produtos que irá consumir, das escolhas que terá que fazer quando for retirar os produtos das prateleiras para dentro do carrinho do supermercado.

Relata-se, também, que a busca pela magreza, para expressar controle moral, determinação, vigor, agilidade através da abstinência da gordura e do açúcar, é um modo de cumprir, pelo corpo, com as exigências contraditórias da ideologia contemporânea de feminilidade (BORDO, 1998; FONTENELE-MOURÃO, 2008). Para Tânia Fontenele-Mourão (2008, p. 271),

[...] na busca pela esbelteza e na negação do apetite, a construção tradicional da feminilidade cruza com a nova exigência para as mulheres incorporarem os valores ‘masculinos’ da área pública: autocontrole, determinação, calma, equilíbrio emocional, domínio, na medida em que elas penetram em áreas profissionais; em contrapartida devem manter as virtudes tradicionalmente ‘femininas’.

---

<sup>83</sup> O estilo de vida ativo pode ser pensado como um “discurso que aciona um novo sentido de corpo perfeito, não só relacionado à superação dos limites físicos em prol da modelagem padrão” conectados à capacidade do sujeito de cuidar de si e na tentativa da manutenção do equilíbrio físico-sanitário, tanto seu quanto dos outros (FRAGA, 2005, p. 28). Discussão que será retomada, neste trabalho, ainda nesta seção.

Essas/e autor/as, através de suas pesquisas e observações, problematizam discursos que se tramam na cultura e na sociedade contemporânea, por todos os “cantos do mundo”, e aparecem articulados nas falas dessas blogueiras naturalizando expressões que ligam à aparência do corpo, onde se valoriza a magreza, a moral, a saúde, a beleza. Utiliza-se a aparência do corpo para dizer de si. Bem como, centram no sujeito a responsabilidade pela aquisição dos “produtos” que irá consumir e que terão efeitos no seu corpo, em si. Nos *posts* escritos por essas blogueiras, a magreza e a saúde aparecem articuladas também a outros adjetivos.

*Encontramo-nos, um beijo burocrático. Ele está bem, bonito, bem vestido. Eu também estou bem, mais magra, roupa de ginástica (Lulu, 24/04)*

*O que eu faço quando vem aquela vontade louca de comer e eu sei que não é fome?*

*Me imagino magra, leve e saudável ...*

*Comer realmente é muito bom mas se sentir cada dia mais feliz e de bem com seu corpo é um prazer real e muito melhor ( Annie, 22/05).*

*Quando tentamos nos “assumir” gordas e demonstrar uma “felicidade” e satisfação nisso estamos tentando enganar as pessoas mas o fato é que só estamos enganando a nós mesmas e nos agredindo tão profundamente que ficarão cicatrize. (Annie, 27/05).*

*Deixa eu contar a vocês uma coisa dia 04 de julho minha ex sogra fará a festa da minha filhota Rayssa de 15 anos e claro nos convidou, o genitor dela está dando piti porque não quer que eu vá para que a família da noiva não veja que um dia ele foi casado com uma mulher gorda e feia (palavras deles) (...) Só que ele vai ter me aturar linda e magra na festa, até lá estarei cada vez mais perto de minha meta e não é por ele não viu? (Annie, 18/05)*

*Assim minha tia não me via a dois anos e me achou mais magra, ah adorei lógico, ouvir elogios faz bem pro ego. (Annie, 30/03)*

*Me sinto magra e feliz..... (Annie, 05/01)*

A frequência com que aparece a articulação dos adjetivos magra/linda/”bem”/feliz/saudável em oposição à gorda/feia/”mal”/infeliz/doente, sugeriu-me que se poderia pensar em termos de uma articulação dos discursos da saúde, da indústria da beleza e da medicina de modo que, ao descrever determinada



mulher com um desses adjetivos os outros fossem implicitamente deduzidos. Como se afirmar “estou mais magra” possibilitasse deduzir que se está mais bonita, mais feliz, mais saudável, que está bem. Ou como diz Annie “minha tia não me via a (sic) dois anos e me achou mais magra, adorei, lógico, ouvir elogios faz bem para o ego”. Fala que reforça uma norma de gênero que opera na construção do corpo das mulheres tornando a mulher detentora desses atributos digna de receber elogios. Annie diz não acreditar na possibilidade de uma pessoa que se assume gorda ser feliz, acentuando a necessidade de produzir um corpo magro para se alcançar a felicidade, focalizando a felicidade através da aparência corporal.

Nas falas acima é como se a magreza e a saúde fossem os ingredientes que compõem o “corpo-básico”, que fazem a mulher se sentir bela e feliz. Como se o “corpo básico” fosse um modo de merecer elogios, de ter sucesso, “podendo exigir a transformação de si inúmeras vezes, mas sempre dentro dos limites de um mesmo núcleo básico” (SANTANA, 2006, p. 95). Mas o que fazer para adquirir os ingredientes para o “corpo-básico”? Para ver o corpo incluído nos discursos que privilegiam um corpo belo, saudável, controlado?

O mecanismo de inclusão (e, por conseguinte, o de exclusão) acontece no âmbito da norma e de todas as operações de ordenação, comparação, classificação, aproximação que dela derivam (VEIGA-NETO e LOPES, 2007). A norma acaba se transformando na matriz que justifica as práticas de inclusão. Ter o corpo socialmente incluído é partilhar dos significados culturais que prescrevem um padrão para o corpo, o que se distancia dele vai se tornando o abjeto, o anormal, o que é digno de pena. O termo abjeto, entendido a partir dos textos de Judith Butler (2005), dá contorno e forma ao corpo que “não importa”. Butler, em entrevista à Baukje Prins e Irene Meijer, diz que o abjeto “não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como 'não importante’” (BUTLER apud MEIJER e PRINS, 2002, p. 163). Portanto, considero possível pensar, mediante o que venho discutindo aqui, o corpo gordo, velho, doente, o corpo

que não utiliza os produtos e tecnologias capazes de lhe aperfeiçoar e adaptar, como corpos abjetos.

Em diversos *posts* dessas blogueiras, como vem sendo pontuado, foi possível observar que há uma movimentação em torno de estratégias, centradas no sujeito, para se obter os ingredientes do que venho chamando de “corpo básico”. Prescrevem-se e adotam-se as dietas, a reeducação alimentar, os artigos do vestuário, cirurgias, aparelhos ortodônticos, exercícios físicos, remédios para emagrecer, cosméticos, protetores solares, etc. Essas blogueiras, ao falar do corpo, falaram muito dessas estratégias. Portanto, destaco e, de forma breve, comento diversas falas dessas mulheres que mostram o uso dessas estratégias a fim de adequar o corpo à norma, bem como, destaco certos discursos a elas articulados.

Jana, comenta o uso dos protetores solares e, ao reler as cartas escritas pelo escritor gaúcho Caio Fernando Abreu, fala, para seus/uas leitores/as, do uso do antigo e popular “Creme Nívea”<sup>84</sup>.

*Então pra provar que tudo pode ficar mais ridículo, me disseram para olhar pro sol e pedir um pouco do brilho dele... Pois é. Esse povo nunca ouviu falar de câncer de pele. E eu com essa brancura toda uso protetor todos os dias, porque já tenho pintas de mais, segundo minha dermatologista (Jana, 21/05)*

*Relendo cartas de novo, vi ontem uma frase que me pareceu maravilhosa, algo mais ou menos assim: “Depois de chorar duas cachoeiras, sempre podemos passar um creme Nívea”. Eu simplesmente adorei, não que tenha a ver com minha fase, to carente e não tendo crises de choro... mas acho que sei lá, sempre se tem um creme Nívea... (Jana, 14/01)*

Cuida-se a pele, não apenas para prevenir as rugas, as manchas que podem se transformar num câncer, mas para disfarçar as tristezas, o choro, pois, um corpo

---

<sup>84</sup> O Creme Nívea, desenvolvido por Isaac Lifschütz em dezembro de 1911, é considerado o primeiro creme hidratante industrializado a ser comercializado. A Nivea é uma empresa de cosméticos alemã, que fabrica o hidratante, faz parte de uma das maiores multinacionais do mundo, a Beiersdorf AG, da Alemanha, comercializando os seus produtos em cerca de 150 países. Disponível em :< <http://www.nivea.com.br>>. Último acesso em 13/06/2009.

aparentando manchas, tristeza, e velhice está longe da norma. Sant'Anna (1995) aponta que, a partir da década de 1960, com a adoção de certos aspectos da cultura norte-americana pelos/as brasileiros/as, em relação à beleza e aos cuidados corporais, vai se centrando na aparência do corpo, na pele das mulheres a condição de beleza ou feiúra. A mulher passa a ser considerada feia por não cuidar da aparência, não utilizar os cosméticos capazes de deixá-la bela e de bem consigo mesma. Jean-Jacques Courtine (1995) comenta que, na década de 1980, emergiu uma espécie de “obsessão” pelos invólucros corporais, representada pelo desejo de conquistar uma pele lisa, um corpo esbelto. Destaca, aliás, uma angústia perante o relaxado, enrugado, machucado o que, para esse autor, pode ser entendido como “uma negação laboriosa de sua morte próxima” (COURTINE, 1995, p. 86), como se, a pele enrugada, ao declarar a velhice indicasse o fim da vida. Jana, com certa ironia, diz-se confortada com a possibilidade de contar com o “Creme Nívea” e provavelmente com todos os cosméticos com efeitos semelhantes ao dele para cuidar da sua pele, mesmo que agora, não esteja tendo “crises de choro”. É importante também observar como o discurso da medicina em conexão com o discurso da saúde vai sendo incorporado às nossas práticas cotidianas, sendo possível pensar, na esteira da fala de Jana, o quanto já se constitui um saber o fato de que o sol, em excesso e em determinados horários, faz mal, mancha e envelhece a pele, potencializa a chance de desenvolver um câncer de pele fazendo com que o sujeito adoça.

Na busca por um corpo esbelto, Jana e Annie, em algumas de suas falas, mencionam a adesão às dietas, ao uso de certas roupas e calçados<sup>85</sup>:

*Estou precisando fazer dieta! Minha mãe perguntou sarcasticamente se eu iria comprar um maiô (Jana, 25/01)*

*Somos baixinhas isso n podemos mudar, apenas abusar do salto mas gorda, obesa sim PODEMOS e DEVEMOS mudar o delicioso é que só depende de nós. (Annie, 29/04)*

---

<sup>85</sup> Na próxima seção discuto a moda também como uma estratégia de adaptação do corpo à norma, algo que aparece nessa fala de Jana, em relação ao maiô que pode disfarçar quilos em excesso e de Annie a respeito do salto alto, capaz de conferir alguns centímetros a mais à estatura.

*Todas nós um dia fomos magras algumas não está magra a mais tempo outras a menos tempo e outras ainda foi magra um dia na infância e eu engrosso este coro. Passamos a vida inteira “inventando fórmulas” mágicas para emagrecer, testando Dietas malucas e da moda....aliás quem aqui nunca fez ou ouviu falar de dietas absurdas como dieta da lua, do abacaxi, monodieta ou qualquer outra que nos prometia milagre? (Annie, 12/05)*

De um modo geral, hoje em dia, pode-se dizer que se tornou popular falar em dieta, uma vez que é comum as pessoas fazerem algum tipo de dieta para adequar o corpo a um determinado padrão. Embora as dietas de emagrecimento sejam mais populares é importante lembrar que também são feitas dietas para engordar, para diminuir o colesterol, a glicose e os triglicérides, etc. Jana e Annie fazem referência a dietas de emagrecimento. Dietas, muitas vezes “absurdas”, vendidas como “fórmulas mágicas”, que se limitam a uma severa restrição alimentar, que ao prometerem um corpo magro, num curto espaço de tempo, conseguem a adesão de muitos sujeitos. Cabe ressaltar que a emergência das dietas no cotidiano da população está articulada à organização de uma ciência que prescreve e autoriza o que é ou não adequado ingerir produzindo saberes e verdades a respeito da alimentação contemporânea (GIDDENS, 1992).

Para se adequarem ao “corpo-básico”, além das dietas de emagrecimento, dos cosméticos, essas duas blogueiras falam também das cirurgias plásticas para firmar “as carnes”, da cirurgia redutora do estômago, visando à magreza, e do uso de aparelhos ortodônticos para alcançar uma arcada dentária alinhada, considerada, na fala de Annie, um atributo de beleza:

*Pois é tem a minha bunda. Minha bunda não ta realmente essas coisas, mas ainda ta uma bunda. Ainda parece uma bunda. Não está parecendo um pedaço de carne adiposa disforme. E não da pra perder as esperanças! Um dia entrarei na faca sim e sairei uma Jana aperfeiçoada! (Jana 21/01)*

*Então estou agilizando as minhas plásticas pelo SUS sim pelo SUS, esta semana já tenho mais uma auditoria médica e parece que os seios serão os primeiros a serem operados. Assim depois de 03 gravidez e de engordar e emagrecer tudo isso meu peito virou uma amoeba haha como diz a Van e apesar do risco de ficar cicatriz eu vou sim operar e deixa-los lindos e firme.*

*A próxima será a barriga pochete também pelo sus os braços terá que ser no dimdim risos. (Annie, 16/04)*

*O marido de uma amiga operou o estômago e em um mês secou 25 kg ela que tb é gordinha não operou mas me disse uma coisa interessante “annie eu tb operei psicologicamente” pois bem acredite se quiser ela ta bem mais fininha. Voltei de lá refeltindo pq não?Tanta gente aí quando é alvo de pesquisas tomam pilulas de farinhas e juram que estão fazendo efeito não é?Pois bem amanhã eu tb entro amanhã na mesa de cirurgia psicológica é claro =D. (annie, 21/01)*

*Léticia hoje colocou o aparelho movél dela (...) Não precisa ir na escola com ele, nem dormir....enfim são 8 meses de tratamento e no final ela vai agradecer porque ficará mais linda ! (Annie, 25/03)*

Com a emergência das economias liberais avançadas<sup>86</sup>, com a alta tecnologia utilizada nos exames laboratoriais de imagem que garantem a visualização instantânea do corpo, bem como, com as novas tecnologias médicas que agem, repentinamente, nos tecidos, nas células, nos líquidos corporais aliadas à necessidade de se modificar e se adaptar constantemente às normas do “corpo-básico”, ganharam espaço, no aperfeiçoamento corporal, além dos produtos de beleza, a cirurgia plástica e o uso dos aparelhos ortodônticos uma vez que, “neste contexto, as políticas e técnicas corporais também passam por um vertiginoso processo de automatismo quanto às mudanças morfológicas, que se tornam mais rápidas, até mesmo imediatas, sem necessidade de tempo de espera” (FONTES, 2007, p. 80). Desse modo, “o bisturi” passou a ser uma das estratégias para combater, instantaneamente, a flacidez da “bunda”, como diz Jana, dos seios, dos braços, da barriga, como diz Annie, prometendo imediatismo e eficácia. Opera-se até psicologicamente, a fim de reduzir o tecido adiposo corporal.

E, na busca por um corpo magro, há quem faça uso de medicamentos para emagrecer. Substâncias que se difundem na corrente sanguínea e sem grandes esforços do sujeito (pois os únicos “esforços” do sujeito seriam comprar o remédio e ingeri-lo) atuam no mecanismo da fome e/ou de absorção da gordura corporal

---

<sup>86</sup> Caracterizada principalmente pela redução da função do Estado e consequente autonomia dos indivíduos no governo de si.

impedindo que a massa adiposa aumente fazendo, assim, com que o corpo emagreça. É importante destacar o fato do Brasil ser um dos países onde mais se compram medicamentos para emagrecer (GOELLNER, 2008). Em diversas falas analisadas aqui, Annie faz referência ao fato de estar usando um manequim menor e ao quanto emagreceu. Conquistas, para ela, obtidas através da persistência e da disciplina em relação à adesão às dietas de emagrecimento, à reeducação alimentar e às caminhadas, o que foi capaz de modificar o corpo que ela tem. Portanto, quando conta às leitoras o fato de ser comumente questionada se faz uso de medicamentos para emagrecer é possível perceber o quanto fica “irritada” quando alguém sugere que ela emagreceu tomando remédios. Vejamos:

*\*As 5 coisas que mais me irritam:(...)*

*1-Quando alguém me pergunta se emagreci tomando remédios(até ai tudo bem)-Foda é quando eu digo que não tomo e a camarada diz que tomo escondido.(Annie, 29/04)*

*Somos únicos e por isso não existe fórmula certa para emagrecer ou dieta adequada...existem pessoas que emagrecem bem tomando remédios eu também tentei e não consegui, até emagreci um pouco, mas voltei a engordar. Tentei inúmeras dietas entre elas a dieta das calorias inteligentes e a dos pontos...achei as duas super complicadinhas pra mim, não consegui contar pontos ...fiquei neurótica e maluca (...).ps:no fundo a melhor dieta é aquela que vcs e sintam bem e em paz que emagreça sem por sua saúde em risco... (Annie, 20/05)*

*Não é mérito só das que tomam bolas para emagrecer nós que vivemos de dieta e R.A<sup>87</sup> também protagonizamos nossos vai e vem com a balança... (Annie, 14/05)*

Como mais uma das estratégias para adaptar o corpo à norma, aparentes nas falas dessas mulheres, há o estilo de vida ativo, os exercícios físicos. Marilyn fala dos exercícios físicos, das suas andanças de bicicleta pelas ruas e ciclovias da cidade em que mora e Annie esforça-se para iniciar as caminhadas:

*E já que falei em Japão, lembrei que um dos veículos mais utilizados pela população do sol nascente é a bicicleta. Adquiri a minha {caloi} após uma grande pesquisa de preços, cores e frufus. (Marilyn, 21/04)*

---

<sup>87</sup> A sigla r.a. é utilizada por Annie para se referir à reeducação alimentar.

*Pensar dói.*

*Após uma semana de academia bem aproveitada, não satisfeita, invento de pedalar uns quilômetros por aí. Músculos em polvorosa, mas eu continuei firme na subida da ladeira.*

*Alma saindo do corpo, mas ainda consegui sorrir para um conhecido que por mim passou nem um pouco ofegante, começando o circuito...*

*(Marylin, 22/05)*

*Amanhã começo a caminhar firme feito gente grande...de segunda a sexta por uma hora marcadinhas no relógio ouvindo meu fôfo cantar é lara.....*

*(Annie, 21/01)*

Marylin, na busca por um estilo de vida ativo, comprou sua “Caloi”, e, utiliza as ciclovias da cidade para fazer seus percursos de bicicleta. Annie, ao utilizar a expressão “feito gente grande” ao fazer referência às caminhadas de segunda a sexta que pretende realizar, demonstra que praticar uma atividade física de modo disciplinado pode ser comparado ao amadurecimento que a vida de “gente grande” recomenda. Alex Branco Fraga (2005, p. 08) defende, em sua tese de doutorado, como o estilo de vida ativo se constitui num “objeto de valor pleno na educação dos corpos, regulação da saúde e no governo de si”. Através de artefatos culturais como *sites*, matérias de jornais, peças publicitárias comenta de que modo foram se disseminando informações sobre os benefícios da atividade física moderada e os riscos do sedentarismo foram se tornando centrais à promoção da saúde. Desse modo, o sedentário não é apenas o sujeito que está em falta com a atividade física, “mas o que está em falta com o exercício da informação” (FRAGA, 2005, p. 08). O autor delata o estilo de vida ativo presente por toda a parte: em textos científicos, matérias jornalísticas, filmes, novelas, consultórios médicos, academias de ginástica, etc. como um modo de controle que age sobre os corpos através de tecnologias de poder que, além de ensinar como conduzir a vida, regulam o modo de viver. Discurso que aciona um novo sentido de corpo perfeito, não apenas relacionado à busca do “corpo-básico”, mas principalmente, conectado a “capacidade de cuidar de si mesmo/as e evitar males que venham a comprometer o equilíbrio físico-sanitário, tanto individual quanto coletivo” (FRAGA, 2005, p. 28). Para o autor, a informação de

que o sedentarismo é considerado um dos principais fatores de risco das doenças crônico-degenerativas (infartos, derrames, câncer, diabetes tipo II) é extremamente difundida e constitui saberes que circulam por diversos espaços num “processo sobretudo pedagógico, mas não só porque procura ensinar o bê-a-bá da atividade física, mas também porque ‘promove comportamentos que devem ser adotados pela população como um todo e interfere nas escolhas individuais, informando como atingir estilos de vida saudáveis’ ” (GASTALDO, Denise, apud FRAGA, p. 33).

Nas falas recortadas e apresentadas abaixo de Marilyn, Annie e Lulu é importante observar como ter um estilo de vida ativo passa a ser um critério valioso:

*Tenho andado ligada no automático e até descobri que caminhar no shopping libera mais endorfina do que entrar em luta com aparelhos aeróbicos. Ah, eu precisava ouvir barulhos diferentes do que telefone tocando, buzinas e palavras de motivação para mais uma série de exercícios... e depois de caminhar por corredores entupidos de compradores, desviar de plantas artificiais e dos preços das vitrines, eu estava pronta para começar o dia. Uma atleta, praticamente... da vida real. (Marilyn, 15/04)*

*Hoje eu to realmente em paz comendo direitinho e me exercitando na batcaverna sabem como é né? Limpa, lava, arruma humm... (Annie, 29/03)*

*Então, literalmente, levantei da cama, fiz a lista das coisas que tinha que arrumar, coloquei shortinho, blusinha, pano na cabeça, coloquei uma música (Amy Winehouse) e lá fui eu, esfregar meus azulejos e lavar minha privada. Esfreguei, lavei, torci, varri. Botei roupa para secar, passei pano, limpei as janelas. Troquei lençóis, limpei paredes. Suava até, e ainda achei bom e até comecei a calcular as calorias gastas. (Lulu 15/02)*

Quando vemos Marilyn comentando das endorfinas que libera enquanto caminha no *shopping*, Annie se exercitando nas atividades domésticas e Lulu contabilizando as calorias gastas na faxina, é possível conectar essa matemática a um discurso contemporâneo que diz que todos/as devem se movimentar e ensina como contar as calorias “queimadas” nas atividades. Conecta-se a práticas contemporâneas que ressignificam situações cotidianas, atividades sociais, lúdicas, esportivas como práticas de saúde (ORTEGA, 2008). Utilizando-se do preceito social que destina o doméstico ao feminino, Fraga (2005) assim comenta a prescrição feita



pelo CELAFICS<sup>88</sup> em 2002, “toda mulher precisa se ativar em meio às lides domésticas para ajudar a combater o mal que lhes espreita, ‘abrir a cabeça’ e entender que lavar o chão, janelas, roupas no tanque, cozinhar, passar, encerar, varrer são tarefas que não só põem ordem na casa, agora também compõem uma nova ordem físico-sanitária” (FRAGA, 2005, p. 151). Desse modo, atividades domésticas, destinadas ao feminino e que serviam ao cuidado do lar, aparecem conectadas a outros significados. Faz-se as atividades domésticas também para gastar calorias, emagrecer, manter os músculos fortes, atributos corporais que conferem mais valor ao corpo.

Como é possível observar nessas falas, há uma série de estratégias<sup>89</sup> que podem ser adotadas para caber no jeans, no biquíni, para poder sorrir na foto. Aparecem articuladas em diversos discursos, validados por especialistas da área da saúde, que circulam na mídia, no senso comum, uma vez que, aparecem prescritas nas páginas das revistas, nos programas de televisão, nas conversas com outras mulheres. Seria possível, então, pensar essas estratégias, utilizadas por essas blogueiras, como estratégias de medicalização? Seriam essas as estratégias que, validadas e legitimadas pelo discurso da medicina, ao serem ressignificadas e usadas a favor da beleza, são também utilizadas como critérios de conexão a um modo de vida saudável, à caracterização de um bom sujeito? Seria possível dizer que a medicalização tem uma dupla faceta, se por um lado individualiza os sujeitos para controlar o seu corpo, por outro, ao utilizar-se da norma, destaca uma referência coletiva? Esse processo guardaria algumas referências em relação às estratégias biopolíticas analisadas por Foucault?

Nos séculos XVII e XVIII, no Ocidente, com a emergência do conceito de população, emerge também um processo de medicalização da sociedade. Esse processo, que se apropria e intervém no corpo dos sujeitos, dotado de estratégias e acoplado a um modelo de saber científico, passa, então, a ser prescrito para o tratamento de doenças e pestes, a fim de normalizar a população, que se vê

---

<sup>88</sup> CELAFISCS Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do sul.

<sup>89</sup> Já exemplificadas através das dietas, roupas, cosméticos, cirurgias, aparelhos ortodônticos, exercícios físicos, medicamentos para emagrecer, adoção de um estilo de vida ativo.

objetificada a partir de “uma verdade” sobre o corpo (FOUCAULT, 1979). Foucault (2000) aponta esta mesma época como o momento da emergência de técnicas de poder dirigidas ao corpo, centradas no corpo individual que, através de exercícios, do treinamento físico, visavam a aumentar a força útil desses corpos. Eram também técnicas de racionalização e de economia de um poder “que deveria se exercer da maneira menos onerosa possível, mediante todo um sistema de vigilância, de hierarquias, de inspeções, de escriturações, de relatórios: toda essa tecnologia, que podemos chamar de tecnologia disciplinar do trabalho” (FOUCAULT, 2000, p. 288). Entretanto, concomitantemente, aponta que, durante a segunda metade do século XVIII, emerge uma nova tecnologia que não exclui a técnica disciplinar, uma vez que está em outro nível pois não se dirige ao corpo, mas à espécie, aos seres vivos, “algo que já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de uma ‘biopolítica’ da espécie humana” (FOUCAULT, 2000, p. 289).

Mais precisamente eu diria isto: a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a reprodução, a doença, etc. Logo, depois de uma primeira tomada de poder sobre o corpo que se fez consoante o modo da individualização, temos uma segunda tomada de poder que, por sua vez não é individualizante mas que é massificante, se vocês quiserem, que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem-espécie. (FOUCAULT, 2000, p. 289).

É importante mencionar que na biopolítica as noções de sexualidade, raça e degenerescência eram enfatizadas com o objetivo de otimizar a qualidade biológica da população, que estava vinculada à constituição de um Estado-Nação, ao fortalecimento da burguesia e à prescrição de estratégias higienistas visando a medicalização e a normalização da sociedade (ORTEGA, 2008; ROSE, 2007). Ao falar das “biopolíticas contemporâneas”, Nikolas Rose (2007), aponta, o deslocamento dos modos de administrar a vida, que, das ações centradas no Estado, passam a estar centradas nos sujeitos, sendo o sujeito o responsável por

estar bem informado e ser capaz de fazer as escolhas adequadas para a sua vida. As “biopolíticas contemporâneas” aliadas a valores das economias neoliberais avançadas responsabilizam os sujeitos pelo seu corpo, pela sua saúde. Cada um é o responsável pelo corpo que tem e deve fazer as escolhas sensatas para não onerar os outros. Além do mais, hoje, penso que a medicalização, atuando a favor da normalização da sociedade, faz com que o sujeito adapte e aperfeiçoe constantemente seu corpo a favor das normas de saúde e beleza que se modificam frequentemente.

Como vem sendo possível observar nestes cinco *blogs*, uma mulher que se vê com, por exemplo, excesso de peso, longe das medidas que a aproximam da norma, tem a obrigação de buscar estratégias para adaptar seu corpo. Desse modo, deve incluir-se<sup>90</sup> em grupos de emagrecimento, em academias de ginástica, em clínicas de medicina estética e de rejuvenescimento corporal, em determinados modelos de roupas que disfarçam as “imperfeições” do corpo, por exemplo. O que faz com que se perpetue um investimento sobre um corpo medicalizado e potencializado para o consumo de bens e serviços, para não gerar prejuízo ao Estado, para caber dentro de determinada numeração do vestuário, para se pavonear nos lugares badalados, para se fazer um bom “sujeito”, para se exibir nos *sites* de relacionamento que fazem parte do *ciberespaço*. Cabe comentar que, se o sujeito não puder pagar por esses serviços deve, ao menos, estar bem informado sobre as tecnologias que podem agir sobre o corpo que possui. Assim, acredito que esse modo de lidar com a medicalização, levando-se em conta os diversos deslocamentos apontados, possa ser, também, pensado como uma estratégia biopolítica.

É no corpo, “realidade” biopolítica, que, através do biopoder, permanecem atuando estratégias também articuladas ao gênero e a sexualidade que, no caso das mulheres, têm por fim a conquista da juventude, de um baixo percentual de gordura,

---

<sup>90</sup> Foucault (1979) comenta que na Idade Média, “o leproso era alguém que, logo que descoberto, era expulso do espaço comum, posto fora dos muros da cidade, exilado em um lugar confuso onde ia misturar sua lepra à lepra dos outros. O mecanismo da exclusão era o mecanismo do exílio, da purificação do espaço urbano. Medicalizar alguém era mandá-lo para fora e, por conseguinte, purificar os outros. A medicina era uma medicina de exclusão” (FOUCAULT, 1979, p. 52).

da firmeza das carnes, de um estilo sedutor buscando um ideal de corpo que serve à heterossexualidade compulsória. Assim, adotam essas estratégias que, mesmo parecendo tão naturais, por já estarem inseridas na vida contemporânea, medicalizam seu corpo. Jana, Annie e Lulu falam das estratégias que adotam, de um modo tão comum, e atuam no seu corpo:

*Comprei comida para o café da manhã, limpei a geladeira sem olhar para trás ( confesso: um monte de coisa estragou... ) , fiz uma super sopa de legumes que vai ser minha janta a semana inteira. Fui ao banco, organizei as finanças ( ou pelo menos tracei caminhos), estou estudando para fazer os planejamentos anuais dos cursos. Me pesei para descobrir que engordei dois quilos e fui embora para a ginástica, onde não aparecia desde antes do carnaval. Foram dois dias de organização. Enquanto faxinava, arrumava minhas coisas, ajeitava a casa, jogava fora papéis, me organizava também. (Lulu, 15/02)*

*Me rendi 2. Marquei outro médico. Antes que eu saia rolando de vez por ai. Ainda bem que eu moro numa rua plana. (Jana, 09/04)*

*Ah minha mãe esteve aqui e me disse meio chocada você está magra d+ não acha? e pensar que três anos lá trás ela me disse “minha filha se cuide você é tão novinha” que alegria que me deu ela falou sorri de orelha a orelha =) (Annie, 27/06)*

*O lado bom do calor é que, no entanto, a gente come salada com prazer, e nem sente que está sacrificando nossa felicidade gustativa em nome de um corpicho sarado. Hoje foi daqueles dias em que nem dava para pensar em comida quente, dia de comer saladas, sucos, essas coisas de gente saudável. (Lulu, 11/01)*

*Quantas vezes a gente tentou fazer dieta ou R.A e não obteve sucesso? Quantas vezes tentamos e fracassamos? Fica uma pergunta será que nós tentamos de verdade?será que realmente a gente se dedicou a “abrir” mão de certas coisas em prol de um corpo mais saudável? (Annie, 23/05)*

*A vida é feita de lutas, conquistas e batalhas diárias e emagrecer não é diferente...jogar a toalha e desistir de você é bem mais fácil que mergulhar no seu umbigo e se despedaçar para encontrar um caminho de volta a estrada.*

*Acreditem ele existe só que o caminho rumo a um corpo saudável realmente não é pra qualquer um não,este lugar está destinado a quem realmente quer, só aqueles que realmente querem e que lutam por isso... (Annie, 27/05)*

Nas falas acima, como vem sendo explorado nas análises feitas nesta pesquisa, é também possível observar o quanto ter um corpo magro está articulado a ter um corpo saudável. Entretanto, aqui, chamo atenção à responsabilização do

sujeito pela aparência do corpo que tem. Como é perceptível nas falas de Annie, ser magro/a e saudável não é para qualquer um/a. É para quem se esforça, busca a informação, usa e abusa das estratégias de medicalização, preocupa-se com a saúde, é dedicado, capaz de abdicar de certas coisas. Se, em outra hora, através de uma articulação política, o Estado agia sobre o sujeito, hoje, através da atuação de diversos dispositivos o sujeito tem em si a responsabilidade pelo seu corpo, ou melhor, pelo corpo que tem. Ele tem a obrigação de ser bem informado para fazer uso das estratégias que aparecem a todo o momento com a promessa de otimização corporal.

Rose (2007) aponta, desde as últimas décadas, a intensificação de projetos que se dedicam a estudar a genética. O que vem promovendo a exposição da vida humana no seu nível molecular. Já não pensamos mais o corpo apenas de modo molar<sup>91</sup>: ossos, órgãos, sangue, músculos, pele, hormônios, gordura, mas no seu nível molecular, nos genes, no DNA, nas microscópicas partículas que nos compõem. Como diz o autor, “esta tecnologização e capitalização da medicina deu um formato particular para o contestado campo da política vital no século XXI. E este próprio campo está sendo reconfigurado por uma profunda ‘molecularização’ dos estilos de pensamento, julgamento e intervenções biológicas” (ROSE, 2007, p. 10). Aguça, assim, a possibilidade de se pensar numa nova episteme, um novo modo de conceber o corpo, a vida, o humano. Vai além do que explicar sobre o corpo, mas refere-se ao que haverá para explicar, uma vez que ao se perceber outros níveis de vida molecular, estabelece-se um novo jeito de entender a vida. Assim, diz Rose (2007, p.12):

O cérebro, para as ciências contemporâneas do cérebro, não é o que ele era na década de 1950; a célula, na biologia celular, não é o que ela era na década de 1960; “o gene” – se é que faz sentido chamá-lo assim – não é o que ele era antes do genoma ser seqüenciado, e assim por diante. O novo estilo de pensamento que tomou forma nas ciências da vida modificou tanto

---

<sup>91</sup> Rose (2007) diz utilizar o termo molar conforme o Dicionário Oxford, em língua inglesa, que contém a seguinte definição: termo “relacionado à massa; agindo no ou por significados de grandes massas de matéria. Geralmente contrastado com molecular” (ROSE, 2007, p. 262).

cada um de seus objetos que eles aparecem de um novo modo, com novas propriedades e novas relações e distinções com outros objetos.

Desse modo, o corpo molar, sobre o qual agem essas mulheres a fim de aperfeiçoá-lo já pode ser visualizado no nível molecular, o que instiga um “modo molecular” de pensar sobre a própria vida, sobre o corpo. Mesmo acostumados/as a vislumbrar certas possibilidades apenas no âmbito da ficção científica, esse novo modo “molecular” de olhar para o corpo enuncia outras: manter um “corpo-básico”, magro, jovem e saudável, através da modificação dos genes. Mas, como questiona Ribeiro (2003), quem vai arcar com os custos dessas melhorias do “corpo-básico”? O próprio sujeito? O Estado? Os planos de saúde?

É fundamental também perceber a forma como o discurso oriundo da genética passa a fazer parte do senso comum, de um modo muitas vezes já naturalizado e o quanto já se busca com a medicalização do corpo molar “mascarar” determinismos que se deduz do âmbito molecular, como é possível observar quando Annie fala de seu filho e da sua filha caçula:

*Com toda tendência herdada pelos pais de engordar, com toda genética de enfarte e diabetes na família ela já não tem uma roupa que sirva legal, os seios estão caindo de tão pesados, então eles estão de volta a r.a levinha e simples como antes afinal são apenas crianças... (Annie, 15/06)*

Quando Lulu conta do “cara” que conheceu e que se disse irresponsável:

*Outro dia conheci um cara que falava assim: eu sou assim, irresponsável. É o que sou.  
Como assim?  
Vem no DNA? (Lulu, 15/02)*

Quando Raí, ao comentar sobre a onda de violência que atinge sua cidade, faz referência aos seus laços de sangue:

*[...] Esse olho por olho me assusta. Se a violência continuar tão descontrolada e todo mundo resolver agir com as próprias mãos, já pensaram nas possibilidades? Quer dizer, incomodou, a gente bate. Não que ache que a justiça aqui trabalha de modo perfeito e eficaz. O sangue*

*(meio espanhol de minha avó materna e o africano da paterna) esquentam em algumas situações. (Raí, 15/03)*

E quando Annie fala do pai biológico da sua filha mais velha:

*Bem o pai biológico não sabe e nem pode saber grosso e hipócrita que só ele mata ela se descobrir, eu e eu Dinho estamos dando todo apoio ,afinal proibi não adianta e ela cá pra nós sou eu todinha hahaha abafa e respira no saco ! (Annie, 24/04)*

\*\*\*

Dia 1º de junho de 2009 houve um desastre aéreo com um avião da empresa *Air France*. Por dias e semanas fomos insistentemente bombardeados/as com todos os detalhes e possibilidades dessa tragédia que vitimou 228 pessoas. Quando começaram a encontrar as vítimas do acidente já não se causou estranhamento que se recolhessem fios de cabelo e saliva de familiares para o reconhecimento dos corpos. Já não é necessário chamar dentistas para reconhecer a arcada dentária, ou os familiares para olhar o corpo e identificar sinais, pele, cabelos. Será que sutilmente, e insidiosamente estamos vivendo numa nova episteme?

## **5.2 “Coisas de mulher”: assuntos e preceitos que fazem corpos femininos**

*Todo dia ela faz  
Tudo sempre igual  
Me sacode  
Às seis horas da manhã  
Me sorri um sorriso pontual  
E me beija com a boca  
De hortelã...*

*Todo dia ela diz  
Que é pr'eu me cuidar  
E essas coisas que diz  
Toda mulher  
Diz que está me esperando  
Pr'o jantar  
E me beija com a boca*

*De café...*

*Todo dia eu só penso  
Em poder parar  
Meio-dia eu só penso  
Em dizer não  
Depois penso na vida  
Prá levar  
E me calo com a boca  
De feijão...*

- Chico Buarque e Tom Jobin-

Analisando os *posts* escritos por essas blogueiras, bem como pensando no meu corpo e em outros corpos que a todo o momento estão/são representados, não considero possível, para a nossa sociedade, pensar num corpo, social e culturalmente inteligível, sem olhar para o gênero.

Nas primeiras aulas de anatomia que cursei, durante a graduação em Fisioterapia, via, mexia e remexia em peças anatômicas - mãos, pés, ombros, joelhos, pernas - já dissecadas, desprovidas da pele, que deixavam expostos os músculos, tendões, fâscias, ligamentos e ossos. Peças inertes, que adquiriam movimentos apenas pelas minhas mãos. Inertes nas suas performatividades de gênero, nos seus gestos. Se ainda tivessem vida, como se fariam, a que normas se assujeitariam?

Para Butler (2003), o sujeito é constituído por discursos que operam num sistema de inteligibilidade na cultura e sociedade da qual fazem parte. Para essas cinco mulheres, ter um corpo próximo ao padrão significa que, a partir de uma identificação biológica do corpo sexuado, perseguem uma norma que se conecta aos valores contemporâneos de feminilidade que, por sua vez, foram estipulados e são reiterados para provocar o desejo sexual dos homens. Então, de que modo as falas dessas mulheres possibilitam discutir o gênero? Conectam movimentos, atitudes, gestos a uma materialidade biológica? Como, nessas falas, valendo-se das posições esperadas para o masculino e o feminino, o biopoder opera construindo corpos? Como os corpos, dentro do inteligível, do humanamente aceitável – até enquanto são apenas uma ideia - são feitos pelo gênero? Como pensar, através dos Estudos



*Queer*, no caráter performativo dos gêneros, na normatividade esperada para o masculino e o feminino?

A força, a coragem, a delicadeza, a agressividade, o gosto por saias, vestidos e unhas pintadas não estão passivamente inscritos sobre determinados corpos. Os padrões de magreza e juventude e suas articulações com a beleza e a saúde são apenas possíveis por disputas e jogos de poder que permitem que certos significados sociais e culturais sejam firmados e façam corpos generificados, sexualizados. Desse modo, não há corpo anterior às normas culturais da sociedade em que é pensado. Antes mesmo de ser gerado o corpo já está registrado num campo discursivo determinado. Há uma cultura que nos precede, que justifica na biologia a produção de metáforas performativas para o nosso corpo. Assim, prescrevem-se gestos, movimentos, atitudes esperadas, posições a serem ocupadas que fazem esse corpo.

*entre eu e ele: 'Mãe eu quero um irmão! Mas tem que ser menino, menina eu não quero' (Jana, 09/04)*

Quando Jana conta o diálogo que teve com seu filho, Bernardo, de seis anos, é possível supor que o fato de ele querer um irmão refere-se a todos os significados culturalmente relacionados ao ser menino na nossa sociedade. Às normatizações e regulamentações, aos espaços que podem ou não ser ocupados, às brincadeiras que se estimula e cerceia de brincar, às palavras que devem ser proferidas, ao jeito de falar de meninos ou meninas. Penso que o que está em jogo não é a morfologia, mas os significados que são partilhados na cultura e instituem como o corpo deverá ser, quais gestos poderá executar, qual comportamento deverá ter, a quais normas deverá obedecer. Nesse sentido, pode-se dizer que, enquanto ainda somos um “devir”<sup>92</sup>, há toda uma rede discursiva que antecipa um modo de ser e viver que se pensava ser causado pela biologia, pela “essência”, pelo natural (BUTLER, 2003).

Quando Bernardo pede um irmão, ele tem por base as duas possibilidades inteligíveis na nossa cultura e sociedade: menino ou menina. O sexo, representado

---

<sup>92</sup> Faz-se importante comentar que para Gilles Deleuze como sempre um devir.

em diversas instâncias, por inúmeros discursos, como binário e hierárquico, é o modo primordial pelo qual o corpo se torna culturalmente inteligível. A biologia destaca essas duas possibilidades para o corpo, baseadas nos órgãos sexuais: corpo-de-homem = pênis, testículos ou corpo-de-mulher = útero, ovários, vulva, vagina<sup>93</sup>. Instaura-se um sistema binário, normativo e normalizador, que traz acoplado a si duas possibilidades para o gênero, (homem) masculino ou (mulher) feminino, conectadas ao desejo sexual pelo sexo oposto, numa lógica que privilegia a heterossexualidade. Nesse sistema binário, heteronormativo que produz e reitera, compulsoriamente, a norma heterossexual, não se leva em conta a multiplicidade e a plasticidade dos corpos. Conforme Louro (2005, p. 05),

[...] temos de reconhecer que sexualidade e gênero estão profundamente articulados, talvez mesmo, muito frequentemente, se mostrem confundidos. Experimentações empreendidas no 'território' da sexualidade acabam por ter efeitos no âmbito do gênero. Basta lembrar quão frequentemente se atribui a um homem homossexual a qualificação de 'mulherzinha' ou se supõe que uma mulher lésbica seja uma mulher-macho. A transgressão da norma heterossexual não afeta apenas a identidade sexual do sujeito mas é, muitas vezes, representada como uma 'perda' do seu gênero 'original'.

Assim, seguindo as ideias de Louro, é fundamental reconhecer as conexões presentes na nossa cultura entre o corpo biológico, a posição de gênero a ser assumida, baseada nesse corpo biológico e a experiência heterossexual e o quanto a transgressão dessa norma, quer no biológico, no gênero ou na experimentação da sexualidade, põe em xeque os outros. Valendo-me de referenciais dos Estudos Feministas e da Teoria *Queer* procurei olhar para os recortes dos *posts* onde o corpo aparece representado através das posições de gênero esperadas para a mulher e suas articulações com a sexualidade, buscando problematizar as construções que o biopoder opera sobre esses corpos atenta para a possibilidade e, também, para a necessidade de romper com os binarismos que teóricos/as *Queer* chamam atenção.

Desse modo, através do que é instituído socialmente como de domínio das mulheres, problematizo falas das blogueiras que representam preceitos e assuntos

---

<sup>93</sup> Feministas chamam a atenção ao fato de se representar a vagina e não a vulva. A vagina seria o receptáculo para o pênis que valida uma relação sexual tida como "normal".

que fazem os corpos femininos, ajudando a compor o tido, no senso comum, como “universo feminino”. Dessa forma, procuro chamar atenção ao fato de esse universo ser construído e operar significando, fabricando e legitimando um corpo feminino.

Ao fazer referência aos preceitos, vou privilegiar alguns deveres sociais destinados às mulheres, que ao serem assumidos fazem o corpo, produzindo nele características da feminilidade. Características essas constituídas através de significados sociais e culturais que não dependem de fatores biológicos para ocorrer. Preceitos, diz o dicionário, são os deveres, as regras de conduta, as doutrinas, os mandamentos, as ordens, os ensinamentos. Há regras de conduta para fazer uma mulher feminina? Deveres que, ao serem assumidos, tornam-se atributos que fabricam corpos femininos? Há ensinamentos sociais e culturais - que não são biologicamente determinados - que marcam o corpo com a delicadeza, com o cuidado? Doutrinas que produzem mãos e gestos delicados, olhares amorosos, maternais?

Privilegio, então, falas das blogueiras que remetem a situações da sua infância onde brincadeiras com bonecas, a leveza e a delicadeza nas atitudes era o prescrito para as meninas. Destaco também os ideais de “amor romântico” que regulam o corpo das mulheres com a passividade, a submissão. Analiso, bem como, o dever de cuidadoras que nos ensina a ocupar-nos da cozinha e do bem-estar dos/as outros/as, produzindo assim um corpo com mãos delicadas, olhares zelosos.

Para falar dos assuntos, é importante questionar: Do que as mulheres devem saber falar? Quais assuntos devem ser do seu domínio? Quais temas devem estar na pauta das mulheres nas conversas com as amigas? Desse modo, quais assuntos estiveram na pauta dessas blogueiras nas conversas com “as leitoras”? Destaco, então, falas dessas blogueiras sobre a moda, a menstruação e os prazeres do sexo.

Como defendo que as posições de gênero, assim como a sexualidade, são construções históricas, sociais e culturais lembro que Maria Luísa Femenías (2003), ao estudar e discutir a obra de Butler, comenta que esta autora, ao questionar a categoria “mulher”, acena para a constituição de um sujeito que escapa à normatividade do sexo binário, ou seja, desse padrão binário de conceber o corpo e

a sexualidade que, além de impor modelos para a existência dos corpos e regras a serem seguidas, atribui valores aos sexos, às sexualidades e aos gêneros. Michelle Perrot (1995), ao pesquisar a história das mulheres no ocidente, chama atenção ao risco da tautologia na qual o feminino é sempre comparado ao feminino e o masculino é comparado ao masculino ressaltando a importância de se olhar para a experiência de grupos que subvertem esse pleonasmo tais como as travestis, as *drag queens* e os/as homossexuais, por exemplo.

A relação entre corpo biológico, performatividades de gênero e (heteros)sexualidade vem sendo refletida e debatida. Se essas articulações são construções históricas e sociais, e não um fato natural, normal e imutável, poderiam ser desconstruídas “em todos os níveis, teorias e práticas, representações e fatos materiais, palavras e coisas?” (PERROT, 1995, p. 24). Considerando que essas conexões foram autorizadas pela sociedade e ali passaram a existir, ao se constituírem novos espaços de experimentação de si, poderíamos conceber uma nova ética para tratar dos corpos, gêneros e sexualidades?

Para Butler (2003) é a heterossexualidade que dá sentido às diferenças entre os sexos. Sendo assim, é ela que regula o gênero. Essa autora problematiza as concepções que definem o gênero como as posições binárias, estipuladas na cultura e na sociedade, que operam sobre o corpo sexuado, como se ele fosse naturalmente definido pelo biológico, numa oposição sexo=biológico x gênero=cultura, a favor da heterossexualidade compulsória. Utiliza o termo performatividade (advindo da linguística) para afirmar que, muito mais do que descrever os corpos, a linguagem os faz. Desse modo, Louro (2001, p. 548-549) comenta que

[...] a linguagem que se refere aos corpos ou ao sexo não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas, no instante mesmo da nomeação, constrói, 'faz' aquilo que nomeia, isto é, produz os corpos e os sujeitos. Esse é um processo constrangido e limitado desde seu início, pois o sujeito não decide sobre o sexo que irá ou não assumir; na verdade, as normas regulatórias de uma sociedade abrem possibilidades que ele assume, apropria e materializa.

Assim, devemos analisar o gênero como “efeito de uma performatividade sutil e politicamente imposta, o gênero é um ‘ato’, por assim dizer, que está aberto

a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocríticas e àquelas exhibições hiperbólicas do ‘natural’” (BUTLER, 2003, p. 211). As performatividades de gênero, para Butler, acontecem no âmbito da repetição, da encenação dessas mesmas normas de gênero, prescritas na cultura e na sociedade, pelos corpos que vão assumindo uma aparência de gênero, através de atos interpretados, exaustivamente repetidos, mas com a possibilidade de serem renovados e revisados com o passar do tempo. Portanto, a performatividade não é um ato único, não acontece de uma só vez. Reside no fato de repetir, insistentemente, as normas que servirão de padrão para a execução dos gestos e atitudes esperadas para o masculino ou o feminino (BENTO, 2006). Desse modo, pode-se dizer que o gênero é normativo, prescritivo. Lembrando o caráter arbitrariamente construído da norma<sup>94</sup>, é importante destacar o caráter arbitrariamente construído do gênero.

Bento (2006, p.104) nos diz que “o gênero é uma identidade debilmente constituída no tempo - uma identidade instituída por uma repetição estilizada de atos. Não há uma essência. A verdade do gênero não está nos corpos”. Dessa forma, as performances de gênero podem ser executadas por corpos, independentes do sexo biológico. Entretanto, não existe corpo livre de investimentos discursivos que, pelo biopoder, vai incorporando as performances de gênero que deverá desempenhar. É, principalmente, na infância que os ideais performativos do gênero começam a ser introjetados no corpo e vão, desde cedo, ensinando à criança, tendo por base a biologia do seu corpo, quais posições ela deverá assumir, quais preceitos a ela competem, de quais assuntos deverá se inteirar, quais atitudes tomar, a quais normas se adaptar. É fundamental lembrar que o corpo é muito mais do que a sua anatomia: são os gestos, os movimentos, o modo de falar, o vestuário, os adereços, que a ele, ao longo da vida, vão sendo incorporados. Raí, Jana e Lulu contam, como desde a infância, seu corpo foi regulado a fim de ser produzido como feminino.

---

<sup>94</sup> Conforme o discutido anteriormente, no início deste capítulo.

*Barriguinhas cheias, acompanhávamos meu avô nos afazeres no quintal: alimentar e soltar as galinhas, recolher os ovos e limpar para venda, pegar as bananas, mamão e abacate do alto das árvores. Quer dizer, esperar vozinho trazer lá de cima. Ele nunca deixava a gente subir. Sabe como é, isso era coisa pra homem! (Raí, 08/03)*

*Lembro que no meu aniversário de oito anos (tudo que eu queria e pedi por um ano inteiro!) era ganhar um carrinho de rolimã, e ganhei uma boneca com vestido rosa.*

*Mas ok me adestraram a ser bem educadinha, e tratar bem as visitas. Então desconsiderem a cara feia, que eu vou servir um cadim de bolo. Só não vale sair falando! (Jana, 25/03)*

*Eu aprendi a comer jabuticabas junto com a Narizinho. Até hoje ouço essa música, mas fico na minha, ouvindo bem baixinho, sem contar para ninguém, lembrando dessa parte feliz da minha infância, quando via aquilo que lia nos livros, e ficava torcendo para adormecer ao lado de um riacho e aparecer um príncipe escamado, que cutucasse meu nariz achando muito estranha aquela caverna peluda. E o príncipe escamado me levaria para o Reino das Águas Claras, onde as fadas me fariam o vestido mais lindo e o Dr Caramujo daria uma pílula que faria minha boneca falar sem parar. (Lulu, 02/02)*

Nas suas lembranças de infância, Raí conta para suas/eus leitores/as como eram as manhãs passadas, com suas duas irmãs, na casa dos avós. É neste cotidiano que se ia ensinando e separando as atividades a serem realizadas pelos homens e que ela e suas irmãs, por serem meninas, não poderiam desempenhar. À Raí se foi ensinando que subir em árvores é coisa de menino. Meninas não devem arriscar nem riscar a pele em atividades que exigem força, rapidez, que podem provocar quedas, cicatrizes, hematomas. Aos meninos, desde cedo, vão sendo estimuladas brincadeiras com carrinhos, conseqüentemente carrinho de rolimã é um presente para os meninos brincarem, assim como as bonecas para as meninas. “Naturalmente” Jana, mesmo pedindo um carrinho de rolimã, deveria ganhar a boneca, para que, ao invés dos meninos, fosse introjetando o cuidado das crianças, a maternidade, o bem-estar dos/as outros/as, portanto, ela também foi ensinada a ser educada, a servir e a tratar bem as visitas. Assim como Jana desejou um carrinho de rolimã, não há/haveria meninos que desejam brincar de bonecas? Lulu também tinha uma boneca e na leitura das histórias infantis, identificava-se com a personagem Narizinho, que assim como ela tinha uma boneca, e partilhava de seus sonhos. Narizinho, é uma das personagens do Sítio do Picapau Amarelo, história

infantil de Monteiro Lobato que foi transformada em série de TV. Célia Tolentino e Elisângela Santos (2008), ao olharem para a participação das meninas e mulheres nesse conto, referem o caráter patriarcal da obra. Obra que, assim como outras tantas, ensina modos de ser homem, de ser mulher. Dessa forma, desde muito cedo, os corpos são regulados, normatizados pelo gênero que deverão assumir, normalizados pela sexualidade que deverão desejar. Ensaiam-se os gestos, aprendem-se as regras de conduta, reproduzem-se certos jeitos de falar, de caminhar, de se comportar. O corpo das meninas vai assumindo a delicadeza, vai aprendendo como cuidar de crianças, a evitar atividades que exijam força e contenham o risco de machucar a pele, de produzir hematomas. Diante das falas dessas mulheres, como ainda pensar num gênero “natural”, numa “essência”? Na heterossexualidade como “naturalmente” definida?

Jane Felipe (2007, p. 33), ao analisar livros infantis, que exercem pedagogias culturais, comenta que foi possível perceber

[...] um forte apelo a um ideal de felicidade e completude na relação amorosa, com a clássica fórmula que se aproximava muito dos contos de fadas: e foram felizes para sempre [...]; a concepção estava vinculada a um ideal de família – branca, de classe média, cristã, heterossexual - e de amor romântico, em especial por parte das mulheres (sempre apareciam corações ao lado delas e não deles, reforçando assim aquele clima de romantismo, geralmente vinculado ao feminino).

Histórias que insistem num ideal de amor e de família – “branca, cristã, de classe média, heterossexual” – que juntamente com diversos filmes, desenhos animados e revistas infantis ensinam às meninas a buscar a completude da sua vida em alguém do sexo e do gênero oposto ao seu, num “príncipe encantado”, a adestrar a sua gestualidade a esse amor, a esperar por esse romance. Assim, um corpo feminino deve ser romântico, amoroso, caridoso, maternal. É importante lembrar que nem todas as mulheres assumem esses atributos da feminilidade, porém, eles permanecem circulando em diversos discursos que operam na nossa sociedade, representando esses atributos como constituidores do feminino.

Aliás, diz-se para as meninas que quem tem o corpo próximo à norma tem muito mais chances de encontrar um “príncipe encantado”, casar e ser feliz. Não vemos comumente nos livros infantis a representação de uma princesa obesa, usando roupas antiquadas, com a pele e os cabelos descuidados ou envelhecidos. Ou um conto de fadas em que o romance se desenvolve com personagens do mesmo sexo<sup>95</sup>. Ou uma princesa que vive o amor, simultaneamente, com mais de um “príncipe”. Basta lembrar do *post* em que Annie conta para suas leitoras da sua amizade com Karina, que por ser loira, magra e malhada virou a namorada do gatinho “ficante” da Annie, na época uma adolescente com sobrepeso e alguns complexos<sup>96</sup>. Como se o príncipe galanteador, a bela princesa e a próspera família que constituiriam numa história com final feliz fosse o ideal de vida que se ensina para as meninas. Assim, faz-se possível pensar que as normas de gênero prescrevem como cada sujeito, tendo por base a posição de gênero assumida, irá viver o amor romântico. Nas falas que seguem, de Jana e de Annie, é possível observar rastros desse amor idealizado:

*então é isso. Lá no fundo. Bem no fundinho, não acredito mais nesse Amor (com letras maiúsculas), ao menos não nesse amor romântico. Mas aqui fora, na casca, no leve, a gente de uma forma ou de outra espera que aconteça. Praticamente a gente espera. (Jana, 10/01)*

*Das verdades ditas*

*Então, que recebi um convite de para o chá de panela de uma amiga. Estava quieta com os olhos cheio de água e minha mãe passa perguntando se estava emocionada. Estou com inveja, respondo. Agora sei porque toda mulher chora em casamentos... (Jana, 30/05)*

*“Quais as 8 coisas que você gostaria de ver antes de morrer:*

*1-Ver meus filhos formados,bem sucedidos profissionalmente,casados e acima de tudo felizes !*

*2-Casar com tudo que temos direito,vestido festa e lua de mel.(Annie 02/05)*

---

<sup>95</sup> Jinema Furlani, na sua tese de doutorado defendida em julho de 2005, examinou duas coleções de livros paradidáticos de educação infantil. A análise dos livros teve como foco as representações de gênero e sexualidade contidas nas histórias a fim de problematizar tais representações a partir de um processo de desconstrução. Assim, foram problematizados temas como: relação sexual, educação sexual, diferentes famílias, anticoncepção, masculinidades e feminilidades, homossexualidade, maternação, abuso sexual, HIV/AIDS, sexo seguro e sujeito infantil (FURLANI, 2005).

<sup>96</sup> Referência feita ao comentado na seção anterior, *Entre dietas, cosméticos e exercícios: corpos conformados*.



O amor romântico e o casamento são construções culturais. Diante dessas construções, como demonstra Jana, as mulheres devem ser passivas, esperar pelo amor, por um pedido de casamento. Desse modo, quando já somos provocados/as pelas teorias pós-identitárias, é importante não se esquecer das lutas travadas pelo movimento feminista, lutas identitárias, que expuseram o fato do casamento servir ao patriarcado onde as mulheres tinham sua existência social vinculada a capacidade do seu corpo em gerar filhos/as<sup>97</sup>, ao cuidado do lar e dos outros membros da família, fatos importantes para perpetuar a dominação masculina. Por décadas, estudiosas feministas, buscaram quebrar a hegemonia do discurso que alicerçou a sociedade patriarcal e instituiu a biologia como fundante das diferenças sociais entre os sexos, responsável por binarismos e hierarquias. A feminista francesa Michèle Perrand (2004)<sup>98</sup> chama atenção ao fato de que nascemos em uma sociedade definida pelas relações de gênero e passamos a atuar na produção e reprodução dessas identidades sociais. Para ela, as relações de gênero permitem “mostrar como a dominação masculina resulta de um duplo processo: ‘a biologização do social’ e a ‘socialização do biológico’; ou seja, que o social interpretava o sexo biológico, conferindo-lhe um determinado sentido” (PERRAND, 2004, p. 681).

A perspectiva biologicista é especialmente aparente nas diferenciações de gênero quando diz que a fraqueza e a instabilidade das mulheres são oriundas da fragilidade do seu corpo, da sua natureza. Como foi possível observar nas falas de algumas dessas blogueiras, ao mencionar sua infância, quando foram cerceadas de brincar com carrinho de rolimã, de subir em árvores, a justificativa era o fato de essas atividades serem “coisas de homens”. Essa perspectiva ainda permanece forte no senso comum e no discurso da medicina, sendo constantemente reiterada. Tem sido usada para destinar, às mulheres, a passividade, a maternidade e o caráter de cuidadoras. Também é utilizada para justificar desigualdades sociais em relação ao

---

<sup>97</sup> Análises a respeito da maternidade não serão feitas neste trabalho, pois além da maternidade não se constituir o foco desta pesquisa, pareceu-me pouco frequente a menção desta questão pelas blogueiras e, por suas particularidades, discutir a maternidade implicaria um investimento teórico específico.

<sup>98</sup> Em entrevista concedida a Carmem Rial, Mara Coelho Lago e Miriam Pillar Rossi, em 2004, publicada pela Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, n. 13 v.3, setembro-dezembro, 2005.

fato de as mulheres, muitas vezes, ainda receberem um menor salário quando comparado ao recebido por homens - em cargos de mesma função - , bem como, ocuparem poucos cargos de diretoras e líderes de grupos em empresas, dados que ficam mais evidentes se, além do sexo, a cor da pele também for levada em conta (MEYER, 2003). Felipe (2007, p. 32), ao falar do amor romântico, diz ser interessante

[...] observar o quanto o gerenciamento da vida afetiva e suas inúmeras vivências estão pautadas por relações de poder, alimentando assim desigualdades entre homens e mulheres. Por outro lado, as experiências amorosas consideradas mais 'verdadeiras' e 'legítimas', por isso mesmo mais valorizadas socialmente, parecem só ter sentido entre os sujeitos heterossexuais. Soma-se a isso a idéia corrente de que a maior prova de amor que se pode dar a alguém é querer se casar, viver em co-habitação com ela. Dessa forma, o casamento parece ser o coroamento do amor, em detrimento de outras modalidades de relação.

A autora chama atenção ao fato do quanto o amor romântico, invejado e desejado nas falas de Jana e Annie, vem atrelado às desigualdades sociais entre homens e mulheres. Mesmo havendo deslocamentos consideráveis das posições de gênero em nossa sociedade, expressados pelo fato de muitas mulheres serem economicamente independentes, morarem sozinhas, não exercerem a maternidade, pode-se dizer que as mulheres ainda são vistas como as principais responsáveis pelas atividades domésticas, o que ocupa, numa escala hierárquica, o polo desvalorizado.

É preciso, também, destacar o caráter de cuidadora associado ao gênero feminino. As mulheres são quem deve cuidar do/a familiar doente ou idoso/as, das tarefas escolares dos/as filhos/as, da alimentação familiar, das roupas do marido. E, também de si.

*Então tô na correria com as encomendas e sem tempo pra visitar, postar e cuidar da casa de mim do marido e dos filhos.... (Annie, 10/06)*

*Olá meninas estou em falta com minhas visitas eu sei, é que minha casa estava de pernas pro ar, o marido reclamando atenção e carinho, filhos também e com a proximidade do niver de Ra eu estava preparando a parte gráfica que era responsa minha..... (Annie, 06/06)*

*Meu pai agora está bem, fez um cirurgia e todo o tumor maligno foi embora de vez. Nesse mês que passou estive muito no hospital e agora estou morando na casa do meu pai, que está quase reestabelecido. (Lulu, 26/03)*

*Continuo teimosamente otimista. Teimosamente cuido-me e apronto-me para sair de casa cada dia mais bela e inteira. Aprendo a cuidar de mim, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença. ( Lulu, 26/03)*

Meyer (2003), discute um excerto de uma reportagem veiculada em março de 2003, num jornal gaúcho de grande circulação, na qual se atribuí a duplicação do número de lojas de *fast food* nos Estados Unidos , entre 1972 e 1997, e o aumento de 68% nos índices de obesidade dos/as norte-americanos/as ao fato de as mulheres, por estarem dedicando mais tempo ao trabalho remunerado, cozinham menos para sua família. Tarefa que os homens, segundo a reportagem, têm pouco tempo ou pouco interesse em desenvolver, por ser apresentada na matéria do jornal como um fardo. A partir desse recorte, a autora destaca o fato de o autor da reportagem representar a cozinha como território da mulher e a atividade de cozinhar para a família como uma responsabilidade sua<sup>99</sup>. Desse modo, pode-se pensar que não é a tarefa em si – neste caso a tarefa de cozinhar - que é desvalorizada, mas o fato de ser associada ao feminino ou ao masculino que lhes atribui valor, denunciando as diferentes relações de poder que se dão entre os gêneros. O “fardo”, no caso da reportagem, é apresentado aos homens como opção e às mulheres como obrigação, uma vez que, pela reportagem, elas teriam mais tempo que os homens, pois deveriam ser menos comprometidas com o trabalho formal. Além disso, Meyer diz que, em seu ponto de vista, “a questão mais importante a ser colocada aqui diz respeito aos modos pelos quais as representações de gênero, ativas em um determinado contexto cultural, atravessam e constituem formas científicas (e outras formas) de conhecer e, mais do que isso, tornam esses

---

<sup>99</sup> Naira Scavone, na sua dissertação de mestrado intitulada *Discursos da gastronomia brasileira: gêneros e identidade nacional postos à mesa*, defendida em 2007, faz importantes considerações à entrada dos homens na cozinha. Nesse espaço os homens que ali adentram ocupam a posição de *Chef*, e, para eles, o ato de cozinhar conecta-se ao prazer, à alta gastronomia, a uma posição requintada e com técnica profissional e não à obrigação da alimentação familiar cotidiana (SCAVONE, 2007).

conhecimentos possíveis” (MEYER, 2003, p. 23-24). Assim, instituem-se alguns assuntos e territórios como de domínio das mulheres, femininos. Legitima-se que a “mulher de verdade”, além de ter um corpo bonito, magro, jovem e saudável, é heterossexual, dócil, tem um corpo naturalmente feito para exercer a maternidade, mãos delicadas para ser cuidadora e habilidosas para ser uma boa cozinheira, tempo e paciência para as tarefas domésticas. Preceitos que fazem o feminino, imprimem a delicadeza e a habilidade em seus gestos, a docilidade e o zelo no seu olhar, a ternura nas suas palavras. Então, quando Jana conta que foi convidada para blogar num *site* para mulheres, não é de causar estranhamento que sejam esses os assuntos tratados:

*Então que me convidaram para blogar num site novo para mulheres, vila mulher, um site sobre comportamento, amor, sexo, moda, saúde, filhos... (Jana, 14/03)*

Pela fala de Jana, é possível observar como certos assuntos, são instituídos, socialmente, como de domínio do feminino. Temas que reforçam as normas de gênero e, a favor da heterossexualidade, muitas vezes, estão ainda ancorados numa perspectiva biologicista, utilizada para justificar as construções culturais, as performances de gênero que os sujeitos são incitados a realizar. Assim, a partir das falas das blogueiras, discuto certas temáticas tidas como de domínio do feminino, das quais as mulheres têm obrigação de se inteirar. Do que os sujeitos devem saber falar para serem femininos? De quais assuntos os homens não falam para não pôr em xeque a sua masculinidade?

Antonie Prost (1992), ao escrever sobre a vida privada, lembra-nos de que as publicações de moda, no início do século XX, fizeram surgir uma “imprensa feminina”, que se firmou como uma importante pedagogia. Através das páginas das revistas, eram determinados os assuntos que seriam de interesse das mulheres, os temas que seriam comentados com as amigas: moda, receitas culinárias, casamento, maternidade e, de modo mais reservado, a sexualidade. Essas revistas, “num tom amigo, mas firme” (PROST, 1992, p. 147), passaram a atuar através de

uma pedagogia que ensinava às leitoras “como se lavar e se maquilar, como cuidar da casa [e do corpo], seduzir o marido ou educar os filhos [e filhas]” (PROST, 1992, p. 147, *acréscimos meus*), enfim, como se comportar na sociedade patriarcal da época. Cientes da demanda que havia, passaram também a publicar “histórias verídicas” nas quais as mulheres contavam suas intimidades e assim foram conquistando as leitoras. Apareceram, também, seções nas quais as leitoras enviavam perguntas que eram respondidas e autorizadas por um especialista<sup>100</sup>. Nesse espaço, muitas vezes de modo anônimo, questionava-se sobre o corpo, o prazer, o sexo, a anatomia, a menstruação. O sucesso dessas sessões demonstrava a curiosidade que as leitoras tinham pela vida das outras, a vontade de saber sobre os corpos, o sexo, a sexualidade em uma época em que essas questões já podiam, em certos espaços, serem formuladas. Esses assuntos, ressaltando seus deslocamentos, permanecem fazendo parte do “universo feminino”, não apenas nas páginas das revistas contemporâneas impressas, mas em *sites* e *blogs* disseminados pelo *ciberespaço*, como foi possível perceber na fala de Jana.

Mesmo tendo aumentado as lojas destinadas à venda de roupas masculinas, bem como a crescente produção de adornos para o corpo dos homens, ainda é possível dizer que falar sobre a moda e produtos de beleza são assuntos destinados ao feminino. Há uma infinidade de modelos e artigos do vestuário e cosméticos desenvolvidos para compor um corpo com marcas de feminilidade. Instiga-se a compra de vestidos, meias de seda, saias, saltos, sandálias rasteiras, calças justas, lenços, pulseiras, cintos, biquínis que vão compondo, fazendo um sujeito feminino. Provoca-se um novo corte para os cabelos, um novo tom de tinta, mechas, quem sabe? E para a face? Pintar os olhos, a boca, passar uma base e um pó. Um tom “natural”? E o perfume? Um cheiro doce? As roupas, os adornos, os produtos e cortes dos cabelos, a depilação, a maquiagem, a cor do esmalte das unhas

---

<sup>100</sup> Aqui a figura do especialista já se fazia presente com o efeito de produzir a “verdade”. Como nos diz Rosa Fisher (1996), “respondiam às aflições, dúvidas e tormentos físicos e emocionais femininos” num movimento semelhante do monge ao diretor de consciência. Dessa forma, a ciência produzia “jogos de verdade”, os quais eram utilizados pelos sujeitos para compreenderem aquilo que são (FISHER, 1996, p. 207).

constituem-se assuntos, diálogos, debates, “escolhas” que fazem os corpos. Há uma performance, reiterada cotidianamente, que produz, neste caso, o corpo feminino :

*coisas que vc acumulou e te compõem?  
Saias, rasteirinhas. Óculos..... (Jana, 20/02)*

*Quero andar pelas cidades, observar as pessoas, as janelas das casas das pessoas, as roupas das pessoas e ouvir suas conversas. Quero toda a minha elegância. Quero me arrumar muito, quero ver, ser vista. (Lulu, 22/04)*

*Recebi da lau a meme vamos lá...(...)  
1. Como você cuida dos seus cabelos?  
Hahaha uso shampoo e condicionador pra cabelo cacheados hidrato em casa de 15 em 15 dias .  
2. Como você cuida da sua pele do rosto?  
Só renew e não durmo maquiada  
3. Você costuma utilizar maquiagem?  
sim adoro  
4. Quais os cuidados que tem com o resto do corpo?  
Óleo de banhos e me lambuzo de hidratante  
5. Você se sente bonita quando...  
R- quando estou bem arrumadinha e de cabelo escovado (Annie, 14/06)*

*Acordei as 08 da manhã vim pro pc e fui cuidar da casa arrumar aqui e ali, fiz as unhas em casa e assisti a entrevista do FB na record, tomei aquele banho e fui pro salão hidratei, escovei e fiz a sobrancelha , Lá no salão recebi o telefonema da **Baby** para ir buscar meus ingressos lá no hotel onde o Fábio e sua equipe estavam....Corri contra o tempo porque o hotel que os fofos ficaram e que puta hotel é muitoooo distante da minha casa....Lá vi alguns dos meninos do ponto 4 e o Fábio de relance....risos...Esqueci de contar né na quinta fui depilar pro Fábio ops digo pro show hahahahaha não ngm me merece.... (Annie, 05/04)*

Quando, num *post*, Jana responde à questão “coisas que você acumulou e te compõem” menciona as saias e as sandálias rasteiras. Peças do vestuário que se destinam, na nossa cultura, a cobrir o corpo das mulheres. Peças que entram e saem da moda. Quando Lulu se dispõe a observar “as pessoas [...] as roupas das pessoas”, provavelmente irá se deparar com um sistema binário, que cobre os corpos, com cabelos alisados, sem pelos, com unhas pintadas, ou não. A moda não diz apenas do vestuário, mas também dos cortes, cores e penteados para os cabelos, se os cabelos devem ser alisados, escovados ou não, dos tons de esmaltes

e produtos de maquiagem, modos de extirpar os pelos das pernas, do púbis, das sobrancelhas. Annie que é fã do cantor Fábio Júnior, ao se preparar para o show conta que produziu os cabelos e as sobrancelhas, pintou as unhas, arrancou os pelos, em outro *post*, quando questionada em um *meme*, relata os cuidados com o cabelo, a pele, a maquiagem.

Ao comentar o pequeno texto de Umberto Eco, intitulado *Blue Jeans*, Michel Maffesoli (1996) refere como o vestuário diz do corpo, como os adornos fazem o corpo social, como os costumes de certa sociedade são determinados pelo modo de vestir, assim, o vestuário, bem como a aparência dos cabelos e da pele, poderia ser pensado como uma “moralidade exterior”, um modo de dizer de si.

[...] o que é certo é que essa estrutura antropológica, que é a aparência, é causa e efeito de uma intensificação da atividade comunicacional. E inúmeros são os observadores que, ultrapassando a rapidíssima crítica feita nos anos sessenta da sociedade de consumo, veem no objeto signo, qualquer que seja, um meio de comunicar. Essa preocupação com a aparência – e talvez seja preciso entender o termo ‘preocupação’ na sua acepção mais forte – manifesta na publicidade, no enfeite, na embalagem, mais que uma simples superficialidade sem conseqüências, inscreve-se num vasto jogo simbólico, exprime um modo de tocar-se, de estar em relação com o outro, em suma, de fazer sociedade (MAFFESOLI , 1996, p. 161).

As roupas, os sapatos, os perfumes, os cortes de cabelo servem como um modo de organizar o mundo, tornando-o inteligível socialmente (GIDDENS, 1992). Como adereço que, ao cobrir, faz os corpos é importante lembrar o caráter binário da moda. É possível dizer que a moda, constitui-se num paradoxo. Uma vez que, sem levar em conta a biologia, a moda faz corpos generificados (basta lembrar das travestis) por outro lado, a moda ancora na biologia a confecção do seu produto. Quando peço para a/o vendedor/a roupas para uma criança de 5 anos, escuto imediatamente, é menino ou menina? Ter um corpo provido de seios e desprovido de pênis significa que terá que comprar roupas para si na seção feminina das lojas? Assim, a moda, do mesmo modo que reproduz e reitera a heteronormatividade, tem a capacidade de perturbar essa norma, uma vez que, as diferenciações sociais que

operam sobre os corpos generificados e sexualizados só são possíveis por disputas de significados sociais e culturais, mediados pelos jogos de poder.

Bento (2006), propõe pensar a moda como uma prótese, desenvolvida para seduzir e agradar o sexo oposto, para espetacularizar o corpo, pavoneá-lo. Para ela, a moda vai além da ideia de um “gosto pessoal”, pois, ao valer-se de significados sociais e culturais atribuídos a determinadas roupas e acessórios o corpo, na posição de gênero assumida, adquire estabilidade. Diz a autora: “se o corpo sexuado é um efeito protético das tecnologias fundamentadas na heterossexualidade, a moda constitui-se como uma prótese desse corpo” (BENTO, 2006, p.162). Assim, o vestuário pode também ser pensado como algo que o aperfeiçoa, que produz um corpo “mais” feminino. Para a sociedade contemporânea que institui a magreza como um importante critério de beleza optar pelas roupas adequadas é fundamental:

*Não era fácil viver trancada dentro de um corpo gordo e por isso fingir não me importar era a minha tática de guerra e que pra tanta gente era falta de simancol por isso hoje quando vejo uma gordinha ou ua fora do padrão insuportável de beleza imposta pela mídia com alguma roupa que não lhe cai bem eu não julgo mais. (Annie, 21/02)*

A moda inclui os corpos a fim de normalizá-los. Muitas vezes, esse assunto de mulher, está implicado num processo de medicalização do corpo, aproximando-o da norma. Projetam-se peças do vestuário para disfarçar as “imperfeições” que um corpo, hoje em dia, pode conter: excesso de gordura no abdômen, seios pequenos, pernas curtas, glúteos sem curvas. Assim, fabrica-se sutiãs que aumentam os seios, calcinhas com enchimento que garantem belas curvas aos glúteos, batas, calças e maiôs que disfarçam a barriga. Qual mulher nunca escutou que listas horizontais “arredondam” a silhueta; que usar calça justa escura sob botas claras encurta as pernas; que decote em “V” valoriza os seios? Não lançar mão dessas estratégias é para quem não se importa, não está bem informada, como disse Annie.

Annie, ao fazer propaganda da agenda que elaborou sugere diversos compromissos a serem agendados pelas mulheres contemporâneas. Muitos deles, centrados nas tarefas que produzem um corpo feminino, mas, além dos atributos,



esse *post* possibilita pensar também num outro assunto tido como do feminino: a menstruação.

*já pensou em ter uma agenda com espaço para manicure, salão, depilação, dias que vc foi a academia, caminhadas, medidas, pesagens, tabela de calorias espaço para escrever seu diário, email, telefones, blogs das amigas...? ufa pois bem ela existe é minha mais nova filhinha risos fruto de muita dedicação e trabalho e como deu trabalho viu, além disso tudo a agendinha é bonita... cabe na bolsa e tem espaço para anotar os livros e os filmes os dias de red zone<sup>101</sup> o que der na telha .... (Annie, 18/01)*

Ao ler esse recorte, parece que dentre todos os compromissos agendados pelas mulheres, de todas as atividades a serem realizadas, há algumas em comum. Dentre essas, uma que mensalmente faz parte da vida das mulheres: a menstruação. Judith Lorber (2003) chama atenção ao fato da menstruação, assim como a gravidez e a lactação, ser uma experiência particular, vivenciada pelas mulheres, mas não determinante da categoria “mulher” ou do gênero “feminino”. Mesmo a menstruação sendo vista como “de todas as mulheres”, é importante lembrar que nem todas as mulheres ficam menstruadas. Algumas, por não possuírem útero e/ou ovários, outras, por fazerem uso da tecnologia para não menstruar. Entretanto, aqui, não me interessa problematizar nem discutir os aspectos anatômicos e/ou fisiológicos implicados no ciclo menstrual, mas sim, problematizar e discutir aspectos culturais e sociais constituídos por certos discursos que regulam este período da vida de muitas mulheres.

Ressalto que o corpo pode ser vivido de diferentes formas, em determinadas épocas, em diversas culturas. Pensar assim requer atenção às práticas sociais e culturais de determinado povo uma vez que o corpo incorpora práticas e saberes. Até mesmo aspectos biológicos comuns à vida das mulheres como a menstruação, gravidez, lactação, climatério, por exemplo, são regulados pela cultura e sociedade da qual essas mulheres fazem parte. Desse modo, cada sociedade possui historicamente seu jeito de lidar com a menstruação. Há aquelas que consideravam o fluxo menstrual mágico, sagrado, outras impuro. Algumas utilizaram argumentos

---

<sup>101</sup> *Red zone* são as palavras escritas em inglês, utilizadas por Annie para se referir à menstruação.

calcados na menstruação e na maternidade para afastar as mulheres das decisões políticas (SCOTT, 2005). Há também as que “silenciavam” e deixavam as mulheres reclusas, “incomodadas”, doentes em casa vivendo sob a regência de diversos tabus (LEE, 2003; BRUMBERG, 1998). Joan Brumberg (1998) ao escrever sobre o “jeito americano de menstruar” vai mostrando como os significados atribuídos ao corpo da mulher e seu ciclo menstrual foram se modificando, desde a era vitoriana, quando a menstruação simbolizava um rito de passagem para a fase adulta e, conseqüentemente, ao casamento e à maternidade, até o momento em que, desde a infância, devido à proliferação de discursos, já se conhece esta particularidade do corpo das mulheres, uma vez que várias instituições se autorizam a falar sobre o ciclo menstrual.

Na esteira do argumento de Brumberg (1998) proponho pensar que foi se estabelecendo um dispositivo composto por vários discursos: da medicina, da saúde, da pedagogia, da família que, através de estratégias de poder-saber, prescrevem às mulheres o que é adequado, higiênico, saudável fazer ou não durante este período. Cabe lembrar que dispositivo, para Foucault, refere-se a um conjunto de estratégias de poder e saber que se conectam a determinados discursos para que se exerçam efeitos de verdade (FOUCAULT, 2006). É também um modo de governo, uma vez que o dispositivo é um operador de poder. A fim de observar como esse “dispositivo da menstruação” regula o modo como essas blogueiras falam do seu ciclo menstrual, no seu *blog*, recorto algumas falas de Jana e de Annie.

*E dessa vez nem posso me escusar por TPM!  
(Jana, 11/06)*

*eu estava numa tpm ferrada e nem havia me dado conta disso até que chegou a red zone poutz por isso que eu estava tão anti social hahaha.  
(Annie, 03/03)*

*Nem sempre sofro com a tpm 'tenha pena de mim' mais este mês está sendo difícil entenda com isso que continuo nela e ainda não menstruei.  
(Annie, 03/03)*

*já não penso mais em comida como antes só na tpm que tenho minhas crises e enxugo gelo, vou procurar um médico e mudar isso.  
(Annie, 11/03)*

*O chá verde tem sido meu companheiro nesta batalha contra a tensão pré menstrual e eu sei que se fosse menos preguiçosa e sedentária e fosse caminhar todo o final da tarde além de muitos mais resultados, de manter meu coração saudável eu estaria com mais um aliado nesta luta.  
(Annie, 20/04)*

Muitas vezes através da voz de um “especialista” a medicina põe em circulação uma série de saberes e significados que passam a ser incorporados aos sujeitos. Graciela Natansohn (2005), ao pesquisar os programas de televisão *Note e Anote* (exibido de segunda a sexta-feira, pela Rede Record, entre 9 e 12 horas), e *Conversa Franca* (veiculado há vários anos, todos os dias, em diferentes emissoras de Salvador -Bahia), chama atenção ao fato de que os comentários feitos nesses programas a respeito da sexualidade das mulheres, bem como os fatores atrelados à sua reprodução: menstruação e seu atraso, tensão pré-menstrual (TPM), contracepção, gravidez e parto, dentre outros, serem validados por um especialista. Esse é um dos exemplos de como o discurso da medicina em conexão com a mídia prescreve, explica e ensina às mulheres o que seu corpo sente ou deveria sentir, o que devem ou não comer, os exercícios que devem praticar. Isso vai moldando e educando a percepção da sociedade em relação ao corpo das mulheres. Vai também ensinando às mulheres que, mesmo sem elas se darem conta disso, uma série de sinais e sintomas podem ser acionados em certo momento para servirem como justificativa e desculpa para “ser-estar” antissocial, comer em excesso, negociar certos benefícios. Práticas e saberes sobre o corpo que vão adquirindo, através de relações de poder, o *status* de “verdade” e vão regulando, controlando, este momento da vida das mulheres.

Quando Annie diz “vou procurar um médico e mudar isso”, “o chá verde tem sido meu companheiro”, “se fosse menos preguiçosa e sedentária e fosse caminhar todo o final de tarde” destaco um modo contemporâneo de vida, que busca nas estratégias de medicalização a normalização do corpo. O “dispositivo da menstruação”, além de conectar a menstruação a um estilo de vida ativo, ensina às mulheres um modo normativo de menstruar, onde não há espaço para as cólicas, desconforto, dores de cabeça. Para isso são disponibilizados vários produtos que

envolvem absorventes higiênicos, medicamentos, extratos fitoterápicos, manuais de massagem, atendimento médico que a mulher bem informada deve buscar.

Catherine Riessman (2003), nas suas análises sobre mulheres e medicalização<sup>102</sup>, ancoradas numa crítica feminista, questiona os ganhos e as perdas das mulheres com a medicalização de seu corpo. Também chama atenção ao controle exercido sobre o corpo das mulheres, bem como aos aspectos econômicos e sociais envolvidos nisso. Mas ressalta o fato de que as mulheres sempre participaram ativamente na construção das novas tecnologias médicas, portanto não devem ser consideradas vítimas da medicalização uma vez que, posicioná-las como passivas nesse processo, é perpetuar modos de conhecer as mulheres que as feministas vêm tentando mudar.

E o que dizer quando a menstruação atrasa?

*Resultado do exame:negativo  
Tenho infinitamente mais sorte que juízo!  
Prometo não reclamar da vida por... Uma semana?  
Agora só me resta saber a troco do que eu não menstruo!!!  
(15/05)*

O que é possível desdobrar a fim de analisar essa fala de Jana? Como descolar essa conexão entre a sexualidade e a menstruação? O quanto falar de menstruação aparece atrelado à sexualidade?

A pesquisadora Janet Lee (2003), após entrevistar algumas mulheres, sugere que a menarca é lembrada por elas como um momento importante na vida, uma vez que com a primeira menstruação foram inseridas nos padrões da sexualidade dominante, nas falas sobre sexo, gravidez e contracepção. Para essa mesma autora, o risco de gravidez faz com que os pais tenham preocupações

---

<sup>102</sup> Cabe ressaltar que Catherine Reissman (2003), no texto citado, diz utilizar o termo medicalização de dois modos: referindo-se aos medicamentos utilizados em processos de saúde e doença e, também, como práticas médicas prescritas para eliminar e/ou controlar experiências definidas como desviantes, que se contrapõem às normas sociais. Lembro que nesta pesquisa venho utilizando o termo medicalização como um processo que suscita estratégias de normalização e adaptação do corpo, validadas pela medicina mas muitas vezes ressignificadas a favor de discursos contemporâneos que dizem como o corpo deve ser, como referido na seção 5.1 intitulada *Entre dietas, cosméticos e exercícios: corpos conformados*.

diferentes com as filhas em relação aos filhos. Assim, há uma série de discursos que conectam a menstruação à heterossexualidade, como se ao menstruar as mulheres precisassem tomar alguns cuidados ao vivenciar a sexualidade a fim de não engravidar. Esquece-se, no entanto, do fato que nem sempre a sexualidade é vivenciada com alguém do sexo oposto, e muitas vezes, o prazer sexual pode se constituir numa experiência individual, particular. Ressalto o fato de vivermos numa sociedade que tem na heterossexualidade a prática “legítima” da sexualidade. É, ainda, a heterossexualidade que dá sentido às posições de gênero e destina o corpo das mulheres como objeto de desejo dos homens.

Até a década de 1960, as mulheres, publicamente, pouco podiam falar dos prazeres do sexo. O sexo era “assunto” de conversas privadas, particulares, íntimas que, muitas vezes, estavam relacionadas a questões e dúvidas sobre a anatomia, o ato sexual, ou então, como recém-mencionado, após a menarca como preparação para a experiência heterossexual. A luxúria, o gozo, os prazeres do sexo, quando assuntos dessas conversas, provavelmente pelo recato destinado ao feminino, ficavam no sigilo. E, quando alguma mulher buscava esses “prazeres” fora do casamento, e/ou com alguém do mesmo sexo, corriam boatos, as experiências eram contadas como histórias com final triste e trágico para a mulher. Num tom pedagógico, ensinava-se às outras mulheres o que elas não deveriam ser e/ou fazer.

Com a emergência de maiores condições para as mulheres deixarem a esfera privada, e estar no espaço público, muitas vezes exercendo atividades profissionais remuneradas, a divisão dos espaços pautada em noções de gênero e sexo foi sendo transgredida. Essas mudanças sociais e culturais foram fundamentais para que as posições de submissão e obediência aos homens fossem se fragmentando. Assim, a experiência sexual foi se desvinculando do casamento e da maternidade e a busca pelo prazer, pelo gozo foi se tornando, de algum modo, imprescindível (BOZON, 2003). Miriam Goldemberg (2007) fala de Leila Diniz, mulher carioca, nascida em 1945, que perturbou diversos estereótipos destinados às mulheres da sua época ao defender o “amor livre”, o casal morar em casas

separadas, a gravidez com opção fora do casamento tradicional, a espetacularização de um corpo sensual, que se dá aos prazeres, mesmo quando grávido.

A feminista francesa e professora de filosofia, Elizabeth Badinter (2006), aponta as reivindicações feministas<sup>103</sup> da década de 1960, em relação à contracepção e ao aborto, como uma boa oportunidade para as mulheres experimentarem mais livremente o sexo. Momento também em que as mulheres passaram a falar publicamente do prazer, do sexo, embora ainda atrelado a uma lógica heterossexual. Para ela, “como ninguém mais pode ignorar - nem mesmo as crianças pequenas -, o sexo está por toda a parte, exibido com crueza no cinema, na televisão, na publicidade, nas revistas, na literatura ou nas conversas particulares” (BADINTER, 2006, p. 102). Então, na contramão do que diz Annie, no recorte abaixo, comenta-se, e muito, sobre o sexo.

*O papo é sobre um assunto que todo mundo adora mas que ninguém comenta rs SEXO ..hahaha (Annie, 01/05)*

É importante pensar o modo como o sexo se trama nos discursos e o quanto somos incitados a falar sobre ele. Foucault (2006) aponta que desde a Era Vitoriana<sup>104</sup> o sexo foi posto em discurso e, aliado a um saber científico validado pela medicina, produziu-se, pela confissão, uma “verdade” sobre o sexo<sup>105</sup>, a fim de melhor controlar a sexualidade. Quando Annie, ao se referir ao sexo, diz “ninguém comenta” é importante pensar que “o que é próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem devotado a

<sup>103</sup> É importante comentar que houve muitos embates entre as diferentes vertentes feministas. Badinter (2006) aponta a crítica das feministas lésbicas radicais em relação à “liberação” da sexualidade proposta pelas feministas libertárias uma vez que essa suposta “liberação” poderia favorecer a banalização da sexualidade bem como reforçar a dominação masculina.

<sup>104</sup> A Era Vitoriana refere-se ao período do reinado da Rainha Vitória, no Reino Unido, a partir de junho de 1837 a janeiro de 1901 (século XIX). Foi um período de paz e prosperidade (Pax Britannica) para o povo britânico. Foi o auge e a consolidação da Revolução Industrial. Houve o surgimento de novas invenções, o desenvolvimento de uma grande e educada classe média. A segunda metade da Era Vitoriana coincidiu com a primeira parte da “Belle Époque”, ocorrido principalmente na Europa continental. (Disponível em: <[http:// pt.wikipedia.org/](http://pt.wikipedia.org/)>, último acesso em 13/06/2009).

<sup>105</sup> Na próxima seção, intitulada *Seda, pimenta e sal: um modo sensual de representar os corpos* retomo essa discussão através do conceito de dispositivo da sexualidade elaborado por Foucault.

falar sempre dele, valorizando-o como o segredo” (FOUCAULT, 2006, p. 36). Assim, ao ser posto em discurso, mesmo em tom de segredo, são produzidas verdades e saberes sobre as práticas sexuais o que induz, regula, controla e suscita determinados modos de se desejar o prazer, de viver a sexualidade. Cabe ressaltar que os modos de se ter prazer são invenções culturais, os desejos são criações históricas e sociais. Dessa forma, pelo modo como se fala de sexo, somos ensinados/as e ensinamos modos de experimentar os prazeres, bem como, com quem experimentá-los. Então, de que modo esse assunto aparece nas falas dessas blogueiras? Como falam dos prazeres do sexo? Como as representações de gênero esperadas para o feminino se tramam à sexualidade? Num de seus *post*, diz Lulu:

*Quero que me descubram e explorem cada parte do meu corpo, com fascínio, humor, prazer e adoração. (Lulu, 20/04)*

Pela fala de Lulu, é possível observar uma mulher que oferta o seu corpo ao prazer. Que, ao falar de sexo, propõe, aos sujeitos, a possibilidade de explorar todas as partes do corpo, deslocando das zonas consideradas erógenas, como os órgãos sexuais, as sensações de prazer e incitando o desejo por outras experiências, diversas sensações. Entretanto, é um corpo que se oferece, que se dá, que demonstra passividade. Recorto também a seguinte fala, de um *post* escrito pela Annie:

*Faz tempo que não lembro de mim tão ativa ou seja tão magra risos e fazer amor assim eu garanto ganhou outra satisfação, marido fica mortinho da silva e eu me achando a Dayanne dos Santos hahahhaa menos tá bom nada de piruetas nem triplo mortal hahaha mas que a “alegria” melhorou melhorou hahahaa, podem perguntar a ele. (Annie, 01/05)*

Mesmo dizendo estar mais ativa é o marido de Annie quem fica “mortinho da silva” o que me faz pensar no grande prazer que a sua “atividade” foi capaz de proporcionar ao seu parceiro. E quando diz que “a alegria melhorou” é ao seu marido que devemos perguntar, como se ele fosse o responsável por validar a “alegria” dos dois.

Estudos abordando a sexualidade feminina têm sido realizados adotando como artefatos culturais revistas dirigidas às mulheres brasileiras, como *Cláudia*, *Nova*, *Capricho* e *Toda Teen*. Mesmo sendo essas revistas destinadas a mulheres de diferentes idades<sup>106</sup>, apontam, em comum, a valorização da heterossexualidade, de relacionamentos monogâmicos (podendo ser ocasionais) e do amor romântico. As reportagens publicadas nesses artefatos “ensinam” às mulheres a ter atitude para buscar o prazer, entretanto, essa “busca pelo prazer” é pautada na satisfação do parceiro. Referem que as matérias veiculadas nas revistas mantêm um padrão binário de gênero, denotando uma polaridade hierárquica e que reescrevem atitudes e comportamentos femininos ligados à sexualidade que, apesar de parecerem ousados e avançados, permanecem pautados na heterossexualidade compulsória e na manutenção da hierarquia dos gêneros onde os prazeres do sexo pertencem ao masculino (COSTA, 1995; XAVIER, 2007; SANTOS e SILVA, 2008). Daniella Santos e Rosalina Carvalho da Silva (2008) destacam o que denominaram “jeitinho feminino”, ou seja, um modo de a revista ensinar a mulher a “paquerar” dando ao homem a certeza dele ter sido o conquistador, e não o conquistado, reiterando a passividade destinada ao feminino, “jeitinho” que se aproxima da fala de Lulu e de Annie, comentadas anteriormente.

Entretanto, mesmo que muitas vezes a busca pelos prazeres do sexo aconteça de modo a proporcionar prazer ao homem, é possível perceber importantes deslocamentos em outras falas recortadas destes *blogs*.

*Ao contrário do que muita gente pensa, acho possível sim o amor sem sexo, sem dígitos, intenções carnis, mesmo que não pra sempre (afinal ninguém é de ferro!). (Raí, 26/02)*

---

<sup>106</sup> A revista *Toda Teen* é publicada mensalmente pela editora *Alto Astral* e a *Capricho* quinzenalmente pela *Editora Abril*, ambas são direcionadas ao público adolescente feminino. A revista *Nova* é direcionada a mulheres com idades de 18 a 40 anos e a *Cláudia* a mulheres com mais de 25 anos, ambas são mensais e também da *Editora Abril*. (Wikipédia [www.wikipedia.org.com](http://www.wikipedia.org.com). Último acesso em 11/05/2008).



*Então que tava andando na rua ontem e na minha frente vinha uma moça conversando com uma senhora de mais ou menos 70 anos. Ai que a guria fala: 'então vó, eu to FUDIDA! E a senhora dentro de sua sabedoria, para e olha para a neta e dá um dos melhores conselhos que já ouvi na minha vida. ' Mas minha filha, que graça essa vida tem se a gente não 'fuder'? E caiu numa gargalhada. Eu atrás não me agüentei e ria também. Pois é. Não dá para perder o humor principalmente quando estamos 'fudidas'. (Jana, 29/01)*

Num tom de aparente romantismo Raí declara acreditar no amor sem sexo, mas em seguida assume que não para sempre. Ao fazer uso da expressão popular “ninguém é de ferro” atribui um caráter tentador, sedutor, irresistível ao sexo. Jana, ao contar da conversa que escutou, na rua, entre uma avó e sua neta, concorda com a sabedoria da avó que concede ao sexo a graça da vida. Falas em que é possível observar mulheres destacando a importância do sexo, dos prazeres, do gozo como parte da sua vida. Prazeres que, nas falas de Jana apresentadas a seguir, também podem ser obtidos, solitariamente, na masturbação e que, quando deixam de acontecer, soam como uma praga pesada, um problema:

*Ta me plagiaram, mas o mais interessante foi constatar que nenhum texto da guria tem comentário. Por que alguém copia textos alheios se ninguém vai lê-los? Satisfação pessoal? Sei lá, a mangueirinha do chuveiro pode causar o mesmo efeito... (Jana, 05/06)*

*Isso que ainda to nas pragas leves, nem cheguei naquelas que dizem que sofrerei um acidente, que eu ficarei frígida se ignorar aquela mensagem, igual Kletynn de não sei onde (poruqe esse povo que ignora ou que não ignora as mensagens nunca se chama maria, João...). (Jana, 19/05)*

*mas o problema dela de verdade é falta de sexo. Tsc. (Jana, 16/05)*

Na esteira das falas de Jana pode-se pensar num “novo” modo da mulher falar do sexo? De valorizar os prazeres do sexo? De experimentar o seu corpo em busca de prazeres, mesmo que “solitários”? Badinter (2006), ao comparar duas pesquisas realizadas na França sobre a sexualidade<sup>107</sup>, aponta que, na década de 1990, as mulheres se masturbavam mais do que vinte anos antes, o sexo oral havia

<sup>107</sup> A autora faz referência à pesquisa quantitativa, realizada em 1992, com uma amostra de vinte mil pessoas, mediante a utilização de um questionário telefônico e à pesquisa qualitativa, realizada em 2002, por Janine Mossuz-Lavau, com a mostra de setenta sujeitos pelo método de entrevistas aprofundadas (BADINTER, 2006).

se tornado uma prática largamente difundida, e muitas mulheres haviam experimentado a penetração anal. Olhar revistas ou assistir a filmes pornográficos ainda era uma prática marcadamente masculina, embora muitas mulheres já aderissem a esse ato. Como práticas que raramente foram assumidas pelas mulheres estavam a utilização de serviços telefônicos de comércio sexual, relações sexuais a três, a troca de parceiros (*swing*) e a utilização de objetos para obter a excitação sexual. Já, uma pesquisa mais recente, demonstrou que as mulheres jovens praticam mais a sodomia do que no passado, têm uma concepção mais igualitária em relação ao gozo e rejeitam os estereótipos de outrora (por exemplo, sexo vinculado à reprodução, que desqualificava o prazer sexual), estão mais exigentes em relação aos prazeres do sexo e muitas mulheres declararam não manter um relacionamento se o parceiro não as fizesse gozar<sup>108</sup>. Resultados que, mesmo guardando o deslocamento da pesquisa ter sido feita na sociedade francesa, são aparentes nas falas de Jana.

Lulu ao contar do grande estranhamento de morar sozinha, após o término de seu casamento, no *post* intitulado “*hábitos caseiros*” comenta das opções que encontra quando chega sozinha em casa, dentre elas há a possibilidade de acessar *sites* de pornografia pela internet:

*Essa é a parte que talvez esteja me causando menos estranheza, e que ando mais pesquisando. Chego e ligo o som? Chego e tiro a roupa? Janto às três da manhã? Fico o dia inteiro na frente do computador? A que horas leio? Quando ligo para os amigos? Dou cambalhotas pelo corredor da sala? Fico vendo pornografia na internet? Faço minhas respirações de ioga sem vergonha de pagar mico na frente dele? (Lulu, 14/01)*

---

<sup>108</sup> A resenha desse livro de Badinter, *Rumo Equivocado*, publicada na *Revista de Estudos Feministas*, de dezembro de 2008, e assinada por Sebastião Votre e Hugo Lovisolo, apresenta algumas diferenças e aproximações dos pontos apresentados pela autora, em relação a sociedade francesa, com a sociedade brasileira. Como pontos comuns apresentam os avanços das leis de proteção às mulheres. Os autores da crítica não comentam possíveis aproximações em relação às pesquisas feitas sobre a sexualidade.

Para quem tem acesso à internet, como a Lulu, basta um *click* para entrar numa página com conteúdo pornográfico<sup>109</sup>. Na rede, proliferam-se inúmeros *sites* de modo que, para ler, ouvir ou ver a pornografia, as mulheres não precisam mais se expor procurando DVDs pelas salinhas mais retiradas das locadoras, olhando para os cantos das bancas de revistas onde ficam as embalagens lacradas, ou entrando disfarçadamente nas salas de cinema pornô. Para Nuno César Abreu (1996) a sexualidade tem na pornografia um “veículo para se expor publicamente e uma indústria se desenvolve para produzir e comercializar as representações interditas, assegurando sua circulação no espaço permissivo instituído na encruzilhada das incertezas, do moralismo, da liberação dos costumes e de seus amparos legais” (ABREU, 1996, p. 38). Faz-se relevante comentar que, embora a veiculação de diversas práticas sexuais pela mídia possa ter contribuído para despatologizar determinadas práticas que eram consideradas anormais, “sujas”, perversas, como, por exemplo, o caso do sadomasoquismo, por outro lado, é importante pensar que, a exibição dessas imagens atua ensinando determinados modos de praticar e de experimentar o sexo. Desse modo, ao afirmar determinadas formas de viver a sexualidade, a pornografia também atua, necessariamente, no estabelecimento dos contornos, limites e possibilidades para o sexo.

Por muito tempo, como nos disse Badinter (2006), a pornografia foi uma atividade eminentemente relacionada ao masculino. Hoje, com a disseminação da pornografia pela internet é possível pensar que esse direcionamento de gênero seja perturbado. Abreu (1996) aponta que, de maneira geral, até a década de 1980, entende-se que os homens são os sujeitos da pornografia, que ela é produzida para a sua gratificação e o seu prazer; e as mulheres, os objetos. Fato, esse, que desencadeou inúmeros e acalorados debates envolvendo as feministas.

---

<sup>109</sup> Cabe lembrar que já foram feitas tentativas de separar, diferenciara pornografia do erotismo, entretanto Abreu (1996) aponta a “impossibilidade de traçar limites precisos entre o erótico e o pornográfico” uma vez que, ambos, ao se instalarem transgridem as interdições socialmente impostas, sendo que a possibilidade de traçar uma fronteira entre eles ser totalmente imprecisa. Robbe-Grillet na muito referida frase “a pornografia é o erotismo dos outros” faz uma tentativa de sintetizar esses conceitos.

Como inscrevo este estudo numa perspectiva feminista, considero relevante comentar, mesmo que brevemente, esses embates. Maria Filomena Gregori (2004) apresenta pelo menos duas correntes feministas que operam de forma antagônica: de um lado o feminismo radical que, desde a década de 1970, se opõem à pornografia, bem como à prostituição, ao sadomasoquismo, à pedofilia e à promiscuidade sexual. Esses grupos, “anti-pornografia”, eram formados por uma parcela das feministas lésbicas que apontavam a relação heterossexual não apenas como uma opção sexual, mas como um determinismo das relações sociais pautadas na heterossexualidade compulsória. Esse movimento teve como precursora a teórica feminista Catherine MacKinnon. Por outro lado, Gregori aponta uma corrente feminista, surgida na década de 1980, congregando mulheres heterossexuais e lésbicas, que problematiza as restrições impostas ao comportamento sexual das mulheres e que vem trazendo ao debate estudos e práticas articuladas aos prazeres do sexo e às opções sexuais<sup>110</sup>, ressaltando positivamente da pornografia.

A filósofa Beatriz Preciado (2006) vê, na pornografia, um modo de normalizar e, assim, “naturalizar” determinadas formas de experimentar o sexo, as relações entre os corpos, bem como, a temporalização, a espacialização dessas relações. Para ela, a pornografia propõe uma *pedagogia da sexualidade*, uma vez que ela é uma representação, que opera produzindo modelos de sexualidade, ensinando como utilizar os genitais, com quem os utilizar, em que lugares, estabelecendo, assim, uma relação entre espaços públicos e privados, órgãos para o sexo ou não.

No rastro das ideias de Preciado (2006) questiono: se os prazeres do sexo se desprendessem dos diversos dispositivos que regulam e controlam a sexualidade, poderiam vir a ser um local de reivindicação ética e estética? Se não houvesse tanta regulação sobre a sexualidade a favor da heterossexualidade, ainda veríamos tanta

---

<sup>110</sup>Carole Vance publicou certos debates dessas feministas no livro *Pleasure and Danger*, problematizando e perturbando a associação da sexualidade feminina aos modelos de dominação masculina. Gregori aponta que, num artigo desse livro de Vance, Gayle Rubin faz uma relevante crítica a necessidade de sempre se analisar a sexualidade como dependente do gênero, ressaltando a necessidade de se descolar a sexualidade do gênero, bem como, o gênero do corpo sexuado (GREGORI, 2004).

repulsão, fobia em relação à possibilidade de viver os prazeres do sexo escapando da lógica heterossexual? Seríamos capazes de escapar da heteronormatividade?

Em algumas falas das blogueiras foi possível observar como o sexo quando dissociado da experiência heterossexual, ainda ocupa o lugar do diferente, do bizarro, da fobia. Falas que demonstram o quanto é ainda difícil romper as amarras que mantêm colados a um corpo de mulher a feminilidade e a heterossexualidade:

*Minha sorte no orkut: 'Sorte de hoje: você e sua mulher terão uma vida feliz'. Bizarro! Bizarro!!! (Jana 29/01)*

*o mais legal é que ela é super franca na matéria da boa forma, viu? Isso é que munda de catigoria...só não vou imprimir a foto e colar na geladeira pq meu maridex vai me achar pirada ou pior sapata né? Ahaha que medo.... (Annie, 15/06)*

*Acabei de ler o terceiro travesseiro e gostei, passado os primeiros sustos o livro é delicado e foi responsável pelas minhas lágrimas de hoje...Lindo adorei e indico....lembre-se é um romance bissexual...é diferente é lindo pronto chega de confetes, começo amanhã A borboleta tatuada...depois volto e conto aqui...na dieta? ai nota 7 vai....risos sigo feliz tocando a viola....até amanhã. (Annie, 06/03)*

\*\*\*\*\*

Em muitos momentos, enquanto lia os *posts* em busca das representações dos corpos escritas por essas mulheres, procurava por pontos de resistência à conformação do corpo à magreza, a uma aparência saudável, à adoção das posições de gênero, à passividade destinada aos prazeres. Onde estariam esses pontos de resistência? Como se dariam as lutas contra esses modos de governamento?

Quando lia frases como estas, ficava atenta:

*a pessoa pode estar gorda e ser feliz. Mesmo. [...] Eu acho engraçado hoje em dia que as pessoas me olham magra e falam assim: mas você está ótima! Como se magreza fosse sinônimo de felicidade. [...] Tive momentos e fases muito felizes vestindo o meu jeans 48. Muitos momentos onde não queria de fato mudar nada na minha vida. (Lulu, 20/02)*

*bebi muito comi mais ainda e me empanturrei de sorvete sem nem querer saber quantas arrobas engordei (Annie, 03/02)*

*ontem chutei o pau da barraca e comi como uma aniversariante compulsiva e feliz hahahhahaa (01/02)*

*vejo que fui vitima do PIB-padrão inatingível de beleza! (Annie, 10/02)*

*HOJE NÃO ME PESEI HAHAAHAH (Annie, 23/02)*

*pedi um chopp. Ousada, sempre fui mais ousada, fui falando... (Lulu, 24/04)*

*Resolvemos enfrentar o constrangimento de atrapalhar os caras [...] Dissemos "olá, vcs por aqui?" puxamos duas cadeiras, sentamos e entramos no assunto, mudamos de assunto, enturmamos. (Lulu, 22/04)*

Mas, numa leitura mais demorada, observava que essas frases não passavam de um comentário rápido, de uma pequena astúcia, de uma ousadia, uma vez que, o corpo dessas mulheres acabava se assujeitando às relações de poder que, por diversos discursos, visam a conformar o corpo às normas, seja em relação à magreza, à aparência saudável ou à heteronormatividade. Então, mesmo afirmando que há a possibilidade de ser gorda e feliz, de já ter tido bons momentos vestindo um *jeans* número 48, Lulu adapta o seu corpo a um peso "normal", emagrece, reeduca a alimentação, vai à academia, reiterando o modelo que com a frase mencionada acima buscava perturbar. Mesmo abrindo mão da dieta, comendo sem se preocupar o quanto pode ter engordado, deixando de subir na balança, criticando o "PIB", Annie, insistentemente o persegue e, quando afirma que está emagrecendo para manter uma boa saúde, a magreza, em seus *posts*, comumente vem atrelada à beleza e à felicidade. E, pedir um *chopp*, iniciar a conversa, puxar uma cadeira e sentar numa mesa de homens, hoje em dia, não passam de pequenas ousadias. Então, vejo esses momentos como breves instantes de insubmissão, astúcias que não chegam a virar o jogo, que não instalam uma outra conduta, que não invertem a situação.

É importante deixar claro que penso esses pontos de resistência como movimentos, como recusas, como lutas que objetivam uma outra conduta. Ou seja,

ter a possibilidade de ser conduzido de outro modo, na direção de outros saberes (FOUCAULT, 2008). Diante disso, é preciso destacar o caráter móvel, reversível e instável das relações de poder, lembrando que o poder só pode ser exercido sobre sujeitos livres.

Cabe lembrar, também, o cuidado de não olhar para essas falas por uma óptica de vitimização das mulheres, uma vez que, há possibilidades de resistência. Além do mais, posicionar as mulheres como passivas a esse processo será acatar modos de conhecer as mulheres que as feministas vêm tentando perturbar (HARDING, 1986; REISSMAN, 2003).

### 5.3 Seda, pimenta e sal: um modo sensual de representar os corpos

*Meu bem  
você  
me dá  
água na boca.*

-Rita Lee-

Enquanto lia os *posts* veiculados pelas blogueiras, atenta aos modos como o corpo estava representado, um certo jeito de falar do corpo foi se fazendo. Corpos também estavam representados através do paladar, do cheiro, das cores, do toque. Assim, com os sentidos aguçados, sentia-me instigada a partilhar de uma experiência em comum, numa dada cultura, oriunda dos sentidos.

*O dia estava lindo. Lavei a louça, lavei o rosto e tomei meu café da manhã devagar, sem pressa alguma, ouvindo música e sentindo, com os olhos, o olfato, o tato, aos poucos, o sabor de cada coisa. (Lulu, 19/01)*

*Todos os meus cinco [sentidos] aguçados...vi um camarim zen, um FB a vontade, cheiroso e bem disposto... (Annie, 05/04, acréscimos meus)*

*Quero sentir os cheiros do mundo, da chuva, da grama molhada, do pão quente, do café, da comida no forno, do suor do corpo amado (Lulu, 20/04)*

Gostos, tons, cheiros, sons, texturas que por vezes se misturam. Sinestesia<sup>111</sup>? Como essas falas, permeadas por sensações provenientes dos sentidos, contribuem na representação dos corpos? De que modo conectar corpo, sentidos, sensualidade, prazer?

Somos sensuais. Sensual, diz o dicionário, é um adjetivo, relativo aos órgãos dos sentidos ou à sensualidade, ao amor carnal<sup>112</sup>. Refere-se também àquilo que excita, desperta, estimula os sentidos. Ao lúbrico, lascivo, voluptuoso. Que desperta a sensualidade, os desejos sexuais. Já sensualidade, esse substantivo feminino, é uma qualidade ou caráter de sensual que se refere à inclinação pelos prazeres dos sentidos, à voluptuosidade.

Diversos/as autores/as apontam o caráter sensual do povo brasileiro, sendo o país representado como a terra do samba, do carnaval e do futebol. Sensualidade que cria estereótipos e marca o corpo de personagens imortalizados pela literatura brasileira. Lembro a passagem narrada por Jorge Amado, no romance *Gabriela, cravo e canela*, na qual o sírio Nacib, já encantado pelo cheiro de cravo que exalava do corpo de Gabriela e por sua pele da cor da canela, delicia-se com as iguarias preparadas pela moça:

Engolia pedaços de cuzcuz, os olhos enternecidos, a gula a prendê-lo à mesa [...] Divino aquele cuzcuz, sublimes as talhadas de banana frita. Arrancou-se da mesa com esforço. Gabriela amarrara uma fita nos cabelos, devia ser bom morder-lhe o cangote moreno (AMADO, 1958, p. 133).

Uma comida adjetivada por sublime e divina tem cheiro, sabor, textura, cor. Após comer o cuzcuz e as talhas de banana frita, ao ver a nuca cor-de-canela de

---

<sup>111</sup> Figura de linguagem utilizada para descrever as sensações provenientes dos órgãos do sentido: olfato, paladar, audição, tato e visão. Ocorre também quando o estímulo em um dos sentidos provoca uma percepção automática em outro sentido. Há diversas modalidades de sinestesia, podem-se ver sons, sentir o cheiro de objetos através do toque de sua textura, relacionar certos sabores com determinadas cores, dentre outras. É importante não confundir sinestesia com cinestesia, grafada com a letra “c”, a qual se refere a percepção do movimento (WIKIPÉDIA <wikipédia.org.com>, último acesso em 08/05/2009).

<sup>112</sup> Registra-se, na rubrica, “fisiologia” então explicada como a “*faculdade de perceber uma modalidade específica de sensações (como o calor, as ondas sonoras, o sabor), que correspondem, grosso modo, a um órgão determinado, cuja estimulação dá início ao processo interno de recepção sensorial (são cinco os sentidos: tato, visão, audição, paladar e olfato)*” (Dicionário HOUAISS).



Gabriela, Nacib sente o desejo de “morder-lhe”. Degustar a comida magnífica, envolto em sensualidade, parece despertar-lhe o desejo de provar o corpo da moça. A boca, a língua, o paladar, o cheiro, o tom da pele possibilitam, neste caso, o prazer sensual capaz de provocar uma conexão com o prazer erótico. Diante da possibilidade de articular prazeres dos sentidos e os prazeres do sexo, as definições de sensualidade se expandem.

Richard Parker (1991) chama atenção às relações que se estabelecem, na cultura brasileira, entre prazeres sexuais e alimentares. Modos de ser e viver que, por fazerem parte da nossa cultura, ao conectar hábitos alimentares e sexuais, instituem metáforas eróticas relacionadas com a fome e a saciedade. Aliás, a noção de desejo, muitas vezes, é representada como uma espécie de fome insaciável, de um apetite voraz.

Com isso em mente, o desejo é sentido como uma espécie de fome [...] desejo sexual é, então, sinônimo de apetite sexual. Dando ao objeto sexual o conceito de comida, e ao ato sexual o de comer, um ato de incorporação, o desejo sexual se relaciona à fome, ao apetite, ao desejo de nutrição. No entanto como a fome, o desejo nunca é totalmente satisfeito, por mais que alguém se sinta saciado, tanto a fome como o desejo inevitavelmente voltarão [...] mesmo considerando que a satisfação é inevitavelmente transitória, o simbolismo da fome relaciona a sensação de desejo a uma noção altamente concreta de prazer corporal (PARKER, 1991, p. 163).

Annie, ao comentar sobre um livro que estava lendo, diz para suas leitoras:

*hehehe não admira se eu sair por aí cantarolando o ‘Vontade de te comer’ calma aí hahaha não virei canibal nem Lésbica não ehehe só quem ler o livro vai saber o porque . (Annie, 22/02)*

Considerando que na perspectiva pós-estruturalista a linguagem institui um jeito de conhecer (LOURO, 2004), é possível observar o quanto a linguagem popular utiliza expressões ligadas ao corpo e aos alimentos para instituir saberes. Há modos de falar em que se utiliza o verbo comer para se referir à relação sexual, denotando uma ideia de voracidade pelo sexo e uma tentativa de saciar o apetite sexual. Pessoas sexualmente atraentes têm seus corpos considerados gostosos, apetitosos,

de dar água na boca. Desse modo, o verbo “comer” tem seu significado ampliado das dietas alimentares para se relacionar também ao ato sexual. Muitas vezes, faz-se com esse verbo uma analogia ao ato da penetração do pênis no corpo de um homem ou de uma mulher<sup>113</sup>, atitude, portanto, de competência do macho. Cabe ressaltar que não somente o pênis pode ser utilizado com a finalidade da penetração durante a relação sexual. Há uma grande variedade de vibradores e pênis de borracha, dentre outros objetos, disponíveis em *sex shops*, ou não, pois, até mesmo objetos de uso doméstico, como as garrafas, por exemplo, podem ser utilizados como artefatos sexuais. As ideias de Preciado (2007) instigam a pensar -uma vez que perturbam- as representações de homem masculino ativo e mulher feminina passiva, que, mediante o uso de hormônios e próteses (pênis de borracha, por exemplo), numa estética *Camp*<sup>114</sup>, subvertem concepções ainda vigentes sobre os corpos. Entretanto, há mulheres que, em referência à penetração, afirmam que quem “come” são elas, uma vez que é a vagina quem “abocanha” o pênis, o vibrador. Assim, a linguagem atua também nos simbolismos dos gêneros, estabelecendo modos de se relacionar com o erótico, de assumir ou não uma posição dominadora.

O que se diz apetitoso também pode ser degustado ainda de outros modos, como sorver, lambe, chupar, sugar. Verbos intensamente investidos de significados eróticos. Palavras que, quando utilizadas na (ou para se referir à) relação sexual, exploram outras formas de se ter prazer que perpassam a penetração e criam condições de possibilidade para que se vá além da concepção que liga o ato sexual à relação heterossexual que visa à reprodução.

---

<sup>113</sup> Considero conveniente comentar que a penetração durante o ato sexual está culturalmente implicada na dicotomia ativo/passivo, sendo que, o elemento passivo carrega uma importante carga de submetimento e subordinação.

<sup>114</sup> O *camp* é uma concepção do mundo em termos de estilo; mas um tipo particular de estilo. Carrega a vitória do “estilo” sobre o “conteúdo”, da “estética” sobre a “moralidade”, da “ironia” sobre a “tragédia”. É o amor ao exagero, ao excesso, ao extravagante, desde que a extravagância não seja inconsistente ou sem paixão. Para o *camp*, não há simplesmente bom gosto, mas “um bom gosto do mau gosto”, aliás, o que pode ser liberalizador. Ao falar da atração sexual, bem como de um modo refinado de prazer sexual, Susan Sontag (1984) aponta que o “gosto *camp*” alia-se a androginia ao buscar num homem viril, masculino algo de feminino, numa mulher feminina, algo de masculino. Como exemplos, há os objetos da *art nouveau*, as óperas de Bellini, os vestidos das mulheres dos anos de 1920, com boas e plumas, filmes só para homens, mas vistos sem luxúria, a languidez andrógina que destaca a beleza de Greta Garbo, dentre outros (SONTAG, 1984).

Mesmo cercadas por polêmicas, diversas letras de músicas, entoadas no *funk*, no axé, no forró, e até mesmo na MPB<sup>115</sup> e no rock, utilizam-se de metáforas para cantar as experimentações sexuais<sup>116</sup>. Qual brasileiro/a não escutou (ou até dançou) *Na boquinha da garrafa*, do *É o tcham; Vira-vira*, dos *Mamonas Assassinas*; *Selim*, dos *Raimundos*? Quem nunca ouviu falar das tchutchucas, das cachorras, das preparadas e/ou das glamurosas dos bailes funk? Annie, que gosta de ouvir músicas enquanto escreve nos diz que o *post* do dia 24 de abril foi

*postado por annie as 00:00 da manhã ao som de “chupa que é de uva”.*

“*Chupa que é de uva*”<sup>117</sup> é um *hit* da banda cearense *Aviões do Forró*<sup>118</sup>. Em diversas páginas da internet, que falam da banda, conta-se que, no ano de 2008, mesmo antes da gravação sexto CD que contém a música, muitas pessoas já cantavam a letra de cor. A música, bastante tocada no carnaval deste ano em todo o Brasil, diz<sup>119</sup>:

*Vem meu cajuzinho  
Te dou muito carinho  
Me dá seu coração  
Me dá seu coração  
Vem meu moranguinho  
Te pego de jeitinho  
Te encho de tesão  
Te encho de tesão...*

*Me deixa maluca  
Tira o mel da fruta*

<sup>115</sup> Música Popular Brasileira.

<sup>116</sup> Há um embate de repercussão midiática entre diversos grupos (feministas, religiosos, escolas) a respeito das posições de gênero que essas músicas “ensinam”, principalmente em relação as músicas cantadas no *funk* e a nomeação de algumas “dançarinas” como, por exemplo, mulher filé, mulher melancia. Utilizo a música citada pela blogueira Annie a fim de pensar o erotismo.

<sup>117</sup> Composição de Elvis Pires, Rodrigo Mell, Richardson Maia

<sup>118</sup> A banda, que estreou em 2002, é composta por Solange Almeida e Alexandre Avião (Xandy) nos vocais, três backing vocals, nove músicos e oito dançarinas. Hoje a banda, que toca forrós românticos, conta com mais de mil fãs clubes em todo o Brasil. A banda já gravou seis CDs. Sendo que o sexto CD já vendeu mais de um milhão de cópias. É o sexto CD que contém a música “chupa que é de uva”.

<sup>119</sup> Disponível em: <http://letras.terra.com.br/avioes-do-forro-musicas/1186715/>. Último acesso em 16/03/2009.

*Me mata de amor  
 Me mata de amor  
 Me pega no colo  
 Me olha nos olhos  
 Me beija que é bom  
 Me beija que é bom...*

*Na sua boca eu viro fruta  
 Chupa que é de uva  
 Chupa, chupa  
 Chupa que é de uva  
 Na sua boca eu viro fruta  
 Chupa que é de uva  
 Chupa, chupa  
 Chupa que é de uva  
 Chupa, chupa  
 Chupa que é de uva...*

Composição que, ao fazer analogia com as frutas, representa os corpos e suas partes. Valendo-se de verbos carregados de sensualidade, incita o erotismo, convida ao tato, à visão, ao paladar. Mesmo cantada por Xandy e Solange, casal que se “divide” na execução das estrofes, sendo que ela canta sempre a segunda, é possível pensar que a letra possibilita que se chacoalhe a heteronormatividade? Que instiga a sensualidade para experimentar outros modos de prazer sexual? Que ensina, a quem escuta a música, como, neste caso, a blogueira Annie, a possibilidade de outras formas de prazer?

Louro (1999) comenta que os modos de se experimentar a sexualidade e o prazer sexual são ensinados através de diversas instâncias sociais, o que faz da sexualidade algo aprendido e construído ao longo da vida dos sujeitos, uma vez que “a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política” (LOURO, 1999, p. 11). Assim, instituem-se diversos mecanismos que ensinam modos de viver a sexualidade, os desejos, os prazeres, ao que a autora chama de “pedagogias da sexualidade”, perturbando a concepção da sexualidade como algo biologicamente determinado, pois, se a sexualidade fosse inerente à biologia dos corpos não precisaria ser ensinada, regulada, normalizada (LOURO, 1999, p. 11).

Então, se prestarmos atenção à letra da música mencionada acima, cientes que a música é um dos modos de exercício das pedagogias culturais, será possível observar que ela possibilita que se busque o prazer sexual de formas além da penetração e da experiência heterossexual, uma vez que as performances que a letra incita podem ser realizadas por pessoas do mesmo sexo ou não, por duas, três pessoas, ou mais. Performances que, ao se utilizarem de sensações provenientes dos sentidos, indicam modos de ter prazer, excitam a sensualidade, mesclam o prazer oral ao prazer proveniente dos órgãos sexuais, sugerem a experimentação. Dessa forma, chamo atenção à erotização da boca, uma vez que, neste caso, ela é capaz de deslocar, “pelo menos em parte, o significado dos órgãos genitais como o centro absoluto da sensação erótica” (PARKER, 1991, p. 178). Assim, os sentidos podem ser uma “porta de entrada” para a experimentação do prazer erótico. Seria a sensualidade o passo que antecede a experiência erótica ou já seria uma parte dela? Através dos olhos, dos toques, da voz, da boca o erótico toma forma e ensaia uma estética na relação corpo e sexualidade? E, pensando diretamente nos *blogs* (e na internet) como provocar o erotismo quando na tela a nossa frente surgem “apenas” palavras?

O termo erotismo, derivado do adjetivo erótico, começou a ser utilizado apenas no século XX quando já havia diversas instâncias que faziam proliferar discursos sobre a sexualidade. Esse termo, como a própria etimologia indica, é derivado de Eros, o Cupido. Por proceder do deus do amor e do sexo na mitologia greco-romana, Nuno César Abreu (1996) nos diz que o erotismo não fecha a porta a uma espécie de sentimento amoroso, embora não necessite dele para ocorrer. Relaciona-se à sensualidade, a lubricidade, a lascívia. Cabe lembrar que o erotismo pode conter algo de transgressor, que infringe as normas, a lei. Seria, o erotismo, uma fantasia excitante, uma promessa em relação ao prazer do sexo, uma expectativa, um devir?

Para André Rouillé “a metonímia, que designa o todo por um de seus elementos, é a figura da retórica por excelência do erotismo” (ROUILLÉ, 1988, p.03), uma vez que, o pressuposto do erotismo é a possibilidade de ultrapassar os limites -

do êxtase, da vertigem, do excesso -, o transbordamento do prazer. Assim o sexo vai além dos órgãos sexuais, passa a ser uma ideia, uma possibilidade, uma expectativa do desejo, uma promessa de prazer. Quando Jana, ao assistir a situação que envolvia a personagem Maria Paula da telenovela *Duas Caras*<sup>120</sup>, veiculada pela rede Globo, comenta:

*mas o que me puteia mesmo é uma pessoas tão sem sal com tantos pretendentes... Eu aqui tão salgadinha e ninguém quer... (Jana, 05/05/2008)*

Nesta frase Jana representa a si, para quem ler a página, através das palavras “tão salgadinha”. Corpo que se utiliza da sensualidade para dizer de si, que incita ser provado, desejado, saboreado. Uma metonímia que promete algo que vale a pena, que provoca o desejo erótico, que deixa o mistério do que se oferece. Malícia? Prazer? Como figura, diz o dicionário, sal pode ser uma malícia sutil, espíritosidade. Assim, Jana ao se dizer salgadinha promete ser apetitosa, desejável. Richard Parker (1991, p. 161) nos diz que no

[...] sistema erótico, no entanto, é o próprio desejo, em vez de seu objeto ou fim específico, que se torna o centro da atenção. O desejo é considerado positivo em si mesmo e o objeto do desejo é menos importante que as sensações físicas que ele produz. De fato a própria noção de desejo como um tipo de energia difusa é construída através de um simbolismo cultural complexo que, ao mesmo tempo, o define e o relaciona às manifestações físicas, concretas do corpo humano – a excitação sexual.

Dizer-se “salgadinha” excita o paladar, desperta o erotismo, aguça o desejo pela carne. Michel Foucault (2004b) aponta a concepção de “carne” durante o cristianismo como uma estratégia de poder que “controlava os indivíduos através da

---

<sup>120</sup> *Duas Caras* foi uma telenovela produzida e exibida pela Rede Globo, entre 01/10/2007 e 31/05/2008, no horário das 21 horas. A telenovela possuiu duas fases distintas. A primeira introduziu os principais personagens e seus relacionamentos, e era focada majoritariamente nos protagonistas, Maria Paula, Marconi Ferrão, Juvenal Antena e Branca. Após apenas nove capítulos, essa fase se encerrou e, em 10/10/2007, ocorre uma passagem de tempo de dez anos, avançando a telenovela e apresentando o restante dos personagens. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org>. Último acesso em 28/02/2009.

sua sexualidade, concebida como alguma coisa da qual era preciso desconfiar, alguma coisa que sempre introduzia no indivíduo possibilidades de tentação e de queda” (FOUCAULT, 2004b, p. 71). Entretanto, Foucault chama atenção ao fato de que, ao mesmo tempo, não se recusava tudo o que derivava do corpo-carne como um mal, como algo nocivo uma vez que precisava funcionar uma sociedade que tinha suas necessidades de reprodução e de organização familiar. Assim, a carne, para os cristãos, não era concebida como um “mal absoluto do qual era preciso desembaraçar-se, mas sim, como a perpétua fonte, dentro da subjetividade, dentro dos indivíduos, de uma tentação que corria o risco de levar o indivíduo a ultrapassar as limitações impostas pela moral corrente” (FOUCAULT, 2004b, p. 71) no que se referia ao casamento, à reprodução, à monogamia e à desqualificação do prazer sexual.

Um corpo salgado na nossa cultura é um corpo que se faz sensual, que convida aos prazeres da carne. Na comparação que Jana nos instiga, na oposição entre “sem sal” e “salgadinha”, pode-se dizer que, através do sal, o desejo pela carne é provocado. Ativa-se essa “fonte de desejo” que tenta os sujeitos a provar, a buscar o deleite que se promete. No *post* do dia 26 de maio, intitulado “*a filosofia ‘novelística’ do Bernardo*”, Jana conta:

*Então que ontem à noite, tarde, bem tarde, Bernardo e eu na minha cama e passa a chamada da novela onde a Maria Paula insossa, proíbe o Ferraço de entrar no quarto na noite de núpcias. Então Bernardo depois de perguntar o que era núpcias surge com a seguinte filosofia:*

*- Mas se ela casou porque não deixar entrar no quarto agora? Pra que casar? A gente tem de criança até adulto pra decidir o que fazer e não fazer errado, não é mesmo mãe?*

*Pois é!*

A personagem da novela, ao ser adjetivada por insossa, sem sal, é tratada com um tom de menosprezo, de desdém. Se, das brasileiras, espera-se a malícia, a sensualidade, a sedução tem que ter “sal”, tem que ser carne. Se não há sabor, como fica a sensualidade? O “insosso” ocuparia o lugar da falta de malícia, da deserotização que, como diversos/as autores apontam, não combinaria com as

mulheres brasileiras. Esse discurso, produzido e reiterado diversas vezes, tem em Gilberto Freyre uma voz “autorizada”. O escritor atribui a sensualidade e a erotização do povo brasileiro à representação do europeu aventureiro, desbravador dos oceanos, ardente pelos prazeres da carne, das índias sensuais, lascívias, que se esfregavam e se davam aos homens brancos e, mais tarde, das negras e mulatas de carnes firmes e fartas. Miscigenação que, aliada ao calor dos trópicos, produz significados culturais e sociais sobre um povo que veste poucas roupas, que ginga, que “tem” (FREYRE, 1984).

Assim como na cultura da qual participamos, há sabores e cheiros que excitam o desejo, há também os que não se quer provar, por serem considerados desagradáveis, repulsivos. Outros, confundem, uma vez que, na medida certa, excitam, despertam porém, se em excesso, ardem, tornam-se capazes de arrancar lágrimas dos olhos.

*Sabe, eu acho que vou falar cada vez menos possível. Eu ando tão azeda. Tão sem paciência que em uma hora duas pessoas me bloquearam no msn (...) Não que eu seja mal-humorada. Eu sei que é difícil de acreditar, mas não sou ( e alguns que me lêem comprovam) é que ultimamente ando cada vez mais ácida e picante... Entre açúcar e pimenta? Me traz a malagueta! (Jana, 04/06)*

Azedo, acre, ácido são sinônimos no que tange ao sabor. Mas, além do sabor, o dicionário diz que estar “azedo” é também estar irritada, exacerbada, mal-humorada. Penso que, na contramão do erotismo, segue o azedume, a irritação, a falta de paciência. Então, como desfrutar da sensualidade irritada, sem paciência, mal-humorada? Um corpo “azedo” é nocivo ao erotismo? E o picante, excita a sensualidade, provoca o erotismo? A pimenta malagueta, solicitada por Jana, é uma das espécies de condimentos culinários de sabor picante, que excitam o paladar conferindo um tom especial, uma discreta sensação de ardência e/ou queimação à comida, desde que não seja utilizada em demasia. Se assim o for, poderá causar rubor, sudorese, lacrimejar os olhos e até aumentar a pressão arterial. Quando digitada no *Google* a palavra “picante” e solicitada a busca, diversas páginas



aparecem relacionadas. Páginas que, ao invés das especiarias culinárias, entoam especialidades sexuais. Os *links* para as páginas encontradas dizem: “sexo picante, frases picantes, cenas picantes, fotos picantes, letras [de músicas] picantes”<sup>121</sup>. Picante tem seu significado, na nossa cultura, conectado à malícia, à sexualidade, a possibilidades e experiências sexuais mais amplas e transgressoras. Assim, utilizar o adjetivo picante para dizer de si é lançar mão dos significados que partilhamos sobre esse sabor. Poderia ser a promessa de um momento ardente, quente, a possibilidade de ampliar o prazer erótico, mesmo que através de certas transgressões socialmente instituídas.

Desde o século XVI, delineou-se, na sociedade ocidental, um movimento que foi, lentamente, deslocando para outras instituições o discurso da sexualidade proferido pela Igreja que tolerava a relação sexual apenas dentro do casamento heterossexual, visando à reprodução. Cabe lembrar que no casamento firmado pela Igreja, uma instituição de caráter marcadamente patriarcal, a posição destinada às mulheres era a de submissão e obediência para com os homens. O prazer e o desejo sexual não era o que contava. Então, com a reforma da pedagogia, no século XVIII, e da medicina, no século XIX, a confissão, que já era largamente utilizada pela Igreja, passou a ser utilizada também em outras relações<sup>122</sup>. Desse modo, a sociedade foi incitada a falar a certas instituições, a confessar medos, dores, amores, traições e, principalmente, confessar sobre o sexo. Apoiada nesses discursos, uma ciência, foi sendo firmada. Foucault (2006) propõe pensar a produção e proliferação desses discursos sobre o sexo como um dispositivo<sup>123</sup>, ao qual denomina, “dispositivo da sexualidade”. É através desse dispositivo que se organizam as relações sociais, que se fazem os corpos sexuados, que se possibilitam certas práticas, que se tolhem outras. Para esse filósofo pós-estruturalista, não se deve conceber a sexualidade “como uma espécie de dado da

---

<sup>121</sup> Busca realizada no Google em 17/03/2009. Disponível em :

<http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=picantes&meta=&aq=0&oq=picante>.

<sup>122</sup> Refiro-me às relações entre o médico e o/a paciente, entre o pedagogo e seus alunos, entre pais e filhos/as, conforme o já comentado no capítulo intitulado *Login*.

<sup>123</sup> Dispositivo, como já mencionado, refere-se a um conjunto de estratégias de poder-saber que se conectam a outros discursos para que exerçam efeitos de verdade.

natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar” (FOUCAULT, 2006, p. 116-117) mas como o

[...] nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

Pensar a sexualidade como uma construção histórica abre possibilidades para um trabalho de reinvenção individual e coletivo. Entretanto, Swain (2006) chama atenção ao fato do “dispositivo da sexualidade” continuar atuante na nossa sociedade de um modo cada vez mais sutil e sofisticado. Valendo-se da exposição do corpo das mulheres na mídia, esse dispositivo reforça um imaginário sexual bastante tradicional, ancorado na heterossexualidade compulsória. Institui campos de saber que, além de prescrever as práticas amorosas e sexuais que se deve experimentar, indica também o corpo que deve ser produzido para vivenciar a sexualidade, define os gostos e os gestos adequados, busca normatizar o prazer. Deste modo, através de relações de poder-saber, vamos nos tornando sujeitos que aprendem a desejar um determinado corpo de um determinado sexo, a eleger determinadas formas de viver a sexualidade, de ter prazer, bem como de repelir outras consideradas sujas, perversas, anormais, bizarras. Coíbe-se a experimentação. Já não é qualquer corpo que se quer, não desejamos certas coisas, outras, nem sequer ficamos abertos/as para vivenciar.

Muito do que se pode atribuir aos sentidos, como é possível observar na fala dessas blogueiras, são experiências comuns, que têm seus significados partilhados em uma dada cultura. Foucault (2003) propõe, a partir do modo pelo qual indivíduos passam a se reconhecer como sujeitos de uma determinada sexualidade, pensar “experiência” como “a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 2003, p. 10), sugerindo o estranhamento sobre os saberes e a norma. Aqui, aproveito-me dessa concepção de

experiência, afim de pensar sexualidade, desejo e prazer. Portanto, cabe questionar, quais prazeres corporais somos educadas/os a desejar? O desejo é o desejo sempre pelo que é socialmente agradável? A sensualidade excita o desejo sexual? Foucault provoca: “A questão ética colocada não é quais desejos? Quais atos? Quais prazeres? Mas: com que força se é levado pelos desejos e pelos prazeres?” (FOUCAULT, 2003, p. 42).

Bem como o que se experimenta pela boca e através dos sons, o tato, a visão e o olfato também carregam a sensualidade. Jana fala do dia que estava numa parada de ônibus e se sentiu incomodada com o olhar de um rapaz, que

*fedia a leite, recém saído das fraldas (Jana, 05/05)*

Cheirar a leite, recém ter deixado de usar fraldas lembra o imaturo, o inexperiente, o infantil, o que espera por ser ensinado. O dispositivo da sexualidade, além de fazer corpos sexualizados, reitera as posições de gênero, pois, gênero e sexualidade aparecem, muitas vezes, como posições coladas na nossa cultura e sociedade. Assim, para dizer do rapaz Jana faz uso de expressões ligadas à visão e ao olfato despertando uma sensualidade que, na nossa cultura, para alguns/mas atrai o erotismo, para outras/os repele. É essa “grande rede da superfície”, como diz Foucault, que ensina às mulheres ocupar a posição de serem ensinadas pelos homens em como praticar o sexo, em como ter prazer, a passividade no momento do prazer. Como fica a ética quando alguém que “fedia a leite” nos olha? Como mulheres, já somos capazes de ocupar o lugar de quem ensina? Ao ocupar esse lugar estaríamos transgredindo uma norma imposta à posição de gênero que devemos desempenhar? Provoca-se a sensualidade para estabelecer uma nova estética no que tange ao desejo, à sexualidade, ao prazer? São os sentidos que portam os códigos que tornam certas experiências possíveis de serem partilhadas?

Parker (1991, p. 168) diz que

[...] em todas essas imagens culturalmente constituídas, tanto o desejo como a excitação aparecem seja sob formas especificamente simbólicas, seja na realidade física do próprio corpo. [...] É essencial enfatizar a extensão na qual as imagens eróticas são constituídas a partir das possibilidades oferecidas pelo contexto cultural mais amplo. Assim pode-se pensar que instituem-se discursos que vão dizer o que é ou não erótico, como o desejo se desperta [...] a fantasia toma forma como sendo ela própria uma categoria cultural.

Num certo *post*, ao se referir ao seu marido, Annie diz :

*“o marido ta uma seda de tão bonzinho” (16/01)*

Quando Annie, faz uso da expressão “está uma seda” para dizer aos/às seus/uas leitores/as como anda o seu marido, conecta-se à palavra ao que o tecido representa. Sente-se a seda pelo tato e, nesta expressão, Annie representa o seu marido para as suas leitoras. A seda está relacionada à suavidade, à leveza, à maciez, ao luxo, ao prazer, à luxúria. Sensualidade provocada pelo toque agradável e escorregadio do tecido na pele. Expressão que também carrega suas marcas de gênero, de sexualidade. Mesmo que a leveza, a maciez, a suavidade sejam atributos pertencentes ao feminino, deseja-se, numa lógica heterossexual, que os maridos, namorados, ficantes, amantes, “namoridos”, companheiros, sejam “macios” no trato e no toque do corpo das mulheres, uma vez que elas, por portarem os atributos da feminilidade, devem ser sensíveis e delicadas. As fotos das revistas, as propagandas na TV, as cenas das novelas ainda ensinam que na hora da conquista os galanteios do homem instigam o desejo da mulher, aguçam a sensualidade. Seduzem.

Diante das possibilidades constituídas culturalmente que conectam mulheres e erotismo, assim como a sensualidade pode ser aguçada, pode-se pensar no fato de ser adormecida, ou melhor, anestesiada. Marilyn e Raí falam da anestesia, da falta de sensação. Marilyn no dentista, Raí após um final de semana. Falas, aqui, que foram deslocadas do contexto do *post* a fim de pensar o prazer, ou melhor, a passividade diante do prazer.

*eu tentava dizer a dentista para anestésiar mais porque eu não queria ter sensação alguma (Marylin, 16/06)*

*Noite de domingo. Estou a cá, escrevendo completamente anestésida (Raí, 09/03)*

Anestesia, diz-se no dicionário, “diminuição ou perda total da sensibilidade”. Como “ser” um corpo que não sente? Será uma anestesia o que se esperava em relação ao prazer erótico das mulheres? Deveriam abrir mão do prazer sexual? Dar-se para a satisfação sexual do parceiro? O “prazer” feminino deveria ser canalizado para a maternidade, os cuidados com a casa e o marido? Qual conexão estabelecer entre corpos femininos e corpos que gozam o prazer erótico no nosso cotidiano? Como prazer e corpos femininos são representados?

Como já mencionado, há dispositivos atuantes em nossos dias, que autorizam certos discursos sobre o corpo e a sexualidade, produzindo relações de poder-saber com autoridade de “verdade”, agindo no governo dos indivíduos. São esses discursos, que governam as práticas amorosas e sexuais e prescrevem o desejável em torno da heterossexualidade. Quanto a nós, mulheres, apesar de certas resistências, ainda somos muitas vezes percebidas e nos fazemos perceber como objetos de desejo para os homens. Como se o nosso corpo fosse feito apenas para dar prazer aos homens e, na produção desse corpo, nosso erotismo fosse meticulosamente anestésido. Embora muitas mulheres afirmem ser “por satisfação pessoal”, domam-se os cabelos, esforçam-se para firmar e depilar as carnes, projetam-se as mamas na tentativa de alcançar um corpo sedutor que serve à heterossexualidade compulsória, mesmo que o objetivo final não seja a reprodução. Vale dizer que há quem tira proveito dessa produção e acabe, muitas vezes, reiterando essas normas através de uma insistente performatividade de gênero. Clamam, assim, por mais anestesia.

Gilberto Freyre (1984) nos diz que a sociedade patriarcal brasileira apresentava uma polarização simétrica entre a virilidade, conectada ao masculino, e a pureza, ao feminino. Essa oposição binária marcava o casamento como o local da deserotização. Para homens e mulheres o casamento não era o local da satisfação

sexual, do prazer carnal. Os maridos, no espaço público da época, gastavam em jogos e procuravam pelos prazeres da carne. Às esposas era destinada a anestesia do prazer sexual e a educação e o cuidado dos/as filhos/as, a administração da casa. Isso me faz pensar o quanto a sexualidade está ligada às posições de gênero, codificadas na cultura. Os movimentos, gestos, atitudes e posições esperadas para as mulheres no jogo erótico ainda diferem dos homens.

Para Richard Parker (1991), as posições de gênero definem, tradicionalmente, as práticas sexuais, uma vez que, foram alicerçadas numa lógica patriarcal. Para esse antropólogo norte-americano “é característico da vida brasileira que o próprio sistema cultural, na ideologia do erotismo e na interpretação das práticas sexuais que essa ideologia torna possível, não apenas reconheça, mas incite tal processo” (PARKER, 1991, p. 19). Porém, por mais determinante e estruturante que essas construções de gênero tenham sido na sociedade brasileira, já se vislumbram espaços de contestação.

Como vimos em algumas falas dessa blogueiras analisadas na seção anterior, pode-se apontar um desejo maior, por parte das mulheres, pelos prazeres do sexo, bem como uma maior ousadia durante as relações sexuais ao ponto de não se poder afirmar o que é casto, patológico ou perverso no ato sexual, embora esses deslocamentos muitas vezes permaneçam numa lógica heterossexual. Margareth Rago e Luana Saturnino Tvardovska (2008) no texto intitulado *O corpo sensual em Márcia X*<sup>124</sup> convidam o/a leitor/a para, através de certas obras e performances da

---

<sup>124</sup> Márcia X. é o nome artístico de Márcia Pinheiro. Artista plástica carioca que nasceu em 1959 e faleceu em 2005. Realizou, desde a década de 1980, diversas instalações, objetos de arte e *performances* articuladas à temática do corpo e do erotismo, numa perspectiva feminista. Sua primeira exposição individual, em 1988, denominou-se *Ícones do Gênero*. Durante os anos 1990, começou a desenvolver a *Fabrica Fallus*, que compreendia pênis de plásticos (sempre eretos) comprados em *sex-shops* e decorados ou modificados com pompons, terços, correntes, medalhas, objetos infantis etc. Projeto que trabalhou até 2005. Em 1992, participou do evento de poesia ocorrido no Espaço Cultural Sérgio Porto, denominado *Cep 20.000* onde apresentou a *performance Lovely Babies* onde provocava a platéia exibindo-se com um roupão e cabelos soltos. Ao insinuar um *strip-tease* surpreendia por estar vestida com uma camisa e uma cueca, onde ostentava um volume que simulava um pênis, entretanto, era uma bonequinha que em seguida ela passava a acariciar e a ninar e por fim, a bonequinha eletrônica passava a engatinhar com outras sugerindo posições diversas para o ato sexual. Em 1995, também no Espaço Cultural Sérgio Porto, realizou uma das mais importantes exposições da sua carreira, os *Kaminhas Sutrinhas* (RAGO; TAVARDOVSKA, 2008).

artista, olhar as mulheres que, fazendo valer sua autonomia, perturbam discursos misóginos que buscam o seu assujeitamento, a sua anestesia. Essas autoras comentam o modo transgressor pelo qual a artista colocou em xeque diversos tabus que cercam o feminino, como a maternidade, o sexo e o erotismo. Ao falar das obras de Márcia X referem que as produções da artista

[...] traduzem buscas por novos lugares – politizados, vale marcar - para o feminino, para além da figura da MULHER, isto é, de um modelo abstrato e universal, imposto praticamente para todas as mulheres, desde meados do século XIX, em que a principal característica feminina seria a maternidade. Operam deslocamentos na medida em que traduzem novas formas de expressão da feminilidade e apresentam novas concepções de sexualização, beleza e sedução, inclusive corporais. Percebe-se já a potência crítica de suas obras e a constante irreverência de seus métodos. Seu trabalho é de um feminismo refinado que, ao mesmo tempo, sabe zombar da condição feminina tradicional (RAGO e TVARDOVSKA, 2008, p. 191)

O trabalho dessa artista é um dos espaços que estabelecem condições de possibilidade para a instalação de novos lugares para o feminino que promovem o seu erotismo, a iniciativa para o sexo, a conquista do prazer sexual, perturbando a passividade que se delega à feminilidade e as posições socialmente instituídas como mãe e “rainha” do lar. Através das obras e performances de Márcia X, bem como de outros trabalhos no campo das artes em geral, o corpo sexuado, pode ser compreendido como um espaço de experimentação que amplia as possibilidades de relações sociais e de existência (éticas e estéticas) mesmo advindas da norma e de “verdades” reiteradas cotidianamente, instaurando “novas formas de relação, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade, ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa” (FOUCAULT, 1984, p.1554).

Cabe lembrar que não há um discurso único sobre a sexualidade, mas sim diversos discursos, alguns mais autorizados que outros, que concorrem na produção da “verdade”. Vejo a instituição desses outros lugares para o feminino como uma possibilidade de produção de novos modos de vida que dão lugar a ética. Será que o efeito da anestesia que nos foi aplicada está começando a passar? Afinal, como diz Jana,

*Não nasci para ver tudo cor de rosa... (16/05)*



## 6 PARA FINALIZAR, UM POST

Antes mesmo de formular a questão que daria o foco a essa pesquisa, diante do meu interesse em ter o corpo como temática, passei a ler sobre “ele”: o corpo, no singular. Porém, logo vi que eram corpos, no plural e que nada tinham de naturais. Li textos, artigos, capítulos, livros, teses, poesias. Diante dos corpos observava, palpava, reabilitava, questionava, experimentava, pensava. De que modo, em que tom, com qual harmonia escreveria sobre “os corpos”? De quais corpos falaria?

Havia esquecido que dentre todos os olhares possíveis o meu só poderia acontecer pelas falas dessas blogueiras. Neste instante, fui tomada por uma imensa curiosidade, urgência talvez.... Queria logo ver, na tela, as falas dessas mulheres. Que dia é hoje? Já é janeiro de 2008? Com essa curiosidade diante da tela, embalei meus pensamentos, minhas ideias.

Durante os seis meses que acompanhei esses *blogs*, li as histórias que eram contadas, para os/as leitores/as, para mim:

*Então parece assim que às vezes a vida passa, e a gente fica assim tanto tempo sem nem dar bola para os nossos amigos, leitores, conhecidos, desconhecidos, aquela meia dúzia que quer saber afinal de contas o que anda acontecendo com a lulu, ou não, simplesmente gosta de ler o que acontece aqui pelo diário e meio que se acostumaram, sei lá, e sabem?  
(Lulu, 31/05)*

E com o passar das suas vidas, através da escrita atuante na produção de si, elas atuaram produzindo esse texto, produzindo também aqueles/as que gostam de ler “o que acontece” nas páginas *on line*. *Posts* publicados por sujeitos que escrevem sobre si.

Sujeitos que, ao falar de si, falaram também do seu corpo. Entre dietas, exercícios físicos, desejos de cirurgias plásticas, atributos e assuntos se fizeram sujeitos mulheres. Corpos que aprendem e ensinam como ser feminino, a como desejar outros corpos... Que ao falar de si, possibilitaram, dentre tantos olhares possíveis, as minhas análises.

O que diz Roland Barthes ao falar da escrita, instiga-me a pensar nos corpos para finalizar “este *post*”:

O escritor não pode deixar de imitar um gesto sempre anterior, nunca original; o seu único poder é o de misturar as escritas, de as contrariar umas às outras, de modo a nunca se apoiar numa delas; se quisesse exprimir-se, pelo menos deveria saber que a “coisa” interior que tem a pretensão de “traduzir” não passa de um dicionário totalmente composto, cujas palavras só podem explicar-se através de outras palavras, e isso indefinidamente.<sup>125</sup>

Se, na tentativa de ter o corpo inteligível, assujeitamo-nos a determinadas normas, sociais e culturais, conformando assim o corpo que temos, como olhar para (e/ou estar em) espaços onde haja a possibilidade de escapar da norma? Como misturar, contrariar, experimentar os “preceitos” que fazem nosso corpo? Como falar de outros “assuntos” com as palavras desse “dicionário totalmente composto”? Como, em outros espaços, exercitar a ética?

Que, feito texto, as palavras dessas páginas possam suscitar ideias, resistências, discordâncias. Que não seja um texto meio morno, meio morto. Mas que perturbe, provoque outras possibilidades, em espaços (im)possíveis.

---

<sup>125</sup> BARTHES, Roland. **A morte do autor**. Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/sala\\_de\\_aula/sala2/barthes1.html](http://www.facom.ufba.br/sala_de_aula/sala2/barthes1.html)>. Último acesso em 12/12/2007.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Nuno César. **O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo**. Campinas: Mercados das Letras, 1996.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. Rio de Janeiro: Record, 1958.

ANJOS, Luiz. Índice de massa corporal ( $\text{massa corporal} \cdot \text{estatura}^{-2}$ ) como indicador do estado nutricional de adultos: revisão da literatura. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo. v.26. n.6 dez. 1992.

BADINTER, Elisabeth. **Rumo equivocado**: O feminismo e alguns destinos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BARTHES, Roland. **A morte do autor**. Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/sala de aula/sala2/barthes1.html](http://www.facom.ufba.br/sala%20de%20aula/sala2/barthes1.html)> último acesso em 12/12/2007.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: Sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Gramond, 2006.

BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan (Orgs). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1992, p.19-41.

BOZON, Michel. Sexualidade e conjugalidade. As reformulações das relações de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas. n.20. p. 132-156 jan./jun., 2003.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. In: PRINS, Baukje e MEIJER, Irene Costera. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis. V.1. p.155-167, 2002.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cuerpos que importan**. Sobre los límites discursivos del sexo . Buenos Aires: Paidós, 2005.

BRUMBERG, Joan. **The body project**: an intimate history of american girls. New York, Random House, 1998.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

COSTA, Valmir da. **Mulher Nova, Mulher Sexy**: a mulher que não existe. SINPRO CULTURA, Sindicato dos Professores de Campinas e Região. Campinas: Edições de Maio, 1995.

COURTINE, Jean-Jacques. O Stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise. (Org.). **Políticas do Corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação liberdade, 1995.

COUTO, Edvaldo Souza. **O homem-satélite**: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica. Ijuí: Unijuí, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2006.

DREYFUS, Hubert.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

EWALD, François. **Foucault, a norma e o direito**. Lisboa: Vega, 1993.

FARIAS JÚNIOR, José Cazuza et al. Sensibilidade e especificidade de critérios de classificação do índice de massa corporal em adolescentes **Revista de Saúde Pública**, São Paulo. v.43. n.1. fev., 2009

FELIPE, Jane. Do amor (ou de como glamurizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: RIBEIRO, Paula Regina; SILVA, Méri Rosane; Souza, Nádia Geisa; GOELLNER, Silvana; FELIPE, Jane (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: discutindo práticas educativas. Rio Grande: FURG, 2007, p. 31-45.

FEMENIAS, Maria Luisa. **Judith Butler: introducción a su lectura**. Buenos Aires: Catálogos, 2003.

FISHER, Rosa Maria. **Adolescência em discurso – mídia e produção de subjetividades**. PPGEdU/UFRGS, Tese de doutorado. Porto Alegre, junho de 1996.

\_\_\_\_\_. **Televisão e educação.** Fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FONSCECA, Márcio. **Michel Foucault e a constituição do sujeito.** São Paulo: Educ, 2003.

FONTES, Malu. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpos Mutantes: Ensaio sobre as novas (d)eficiências corporais.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007, p. 76-88.

FONTENELE-MOURÃO, Tânia. Mutilações e normalizações do corpo feminino – Entre a Bela e a fera. In: STEVENS, Cristina; SWAIN, Tânia Navarro (Orgs). **A construção dos corpos.** Perspectivas Feministas. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008, pg 261-284.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. (1984). « Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l'identité » In : Michel Foucault. **Dits et écrits II.** Paris : Gallimard . (p.1554 - 1565).

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense, 1986.

\_\_\_\_\_. **Tecnologia del Yo** y otros textos afines. Barcelona: Ediciones Paidós ibérica, S.A.,1996.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema.** Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade: o uso dos prazeres V. II,** Rio de Janeiro: Graal, 2003.

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2004 (a).

\_\_\_\_\_. **Ética, sexualidade, política.** Ditos & Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004(b).

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade: a vontade de saber. V.I,** Rio de Janeiro: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território e população: curso no *College de France.*** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

FURLANI, Jimena. **O bicho vai pegar!** – um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir do livro paradidático infantil. PPGEduc/UFRGS, Tese de Doutorado. Porto Alegre, 2005.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da informação:** governo dos corpos no mercado da vida ativa. PPGEduc/UFRGS, Tese de Doutorado. Porto Alegre, 2005.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1992.

GIROUX, Henry; MACLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio. (Orgs.). **Territórios contestados:** o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In. LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.

\_\_\_\_\_. A cultura *fitness* e a estética do comedimento: as mulheres, seus corpos e aparências. In: STEVENS, Cristina; SWAIN, Tânia Navarro (orgs.). **A construção dos corpos.** Perspectivas Feministas. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008, pg 245-260.

GOLDEMBERG, Mirian. O corpo como capital. (Org.) GOLDEMBERG, Mirian. **O corpo como capital:** estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. Barueri, SP: Estação das letras, 2007. p. 17-31.

GREGORI, Maria Filomena. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (Orgs.) **Sexualidade e saberes:** convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 235-255.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre revoluções do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n.22, p.15-45, 1997 (a).

\_\_\_\_\_. The work of representation. In \_\_\_\_\_. (Org.) **Representation: cultural representations and sygnifying practices.** London: SAGE /Open University, p. 13- 74 1997 (b).

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2004: 103-133.

HARDING. Sandra. **The science question in Feminism.** Ithaca. New York: Cornell University Press, 1986.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário eletrônico HOUAISS da língua portuguesa.** Editora Objetiva.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Disponível em <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/03/23/materia.2007-03-23.2905525126/view>. Último acesso em 07 Maio 2008.

LACERDA, Lílian Maria. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: BASTOS, Maria Helena; CUNHA, Maria Teresa; MIGNOT, Ana Chrystina (orgs.). **Refúgios do eu.** Florianópolis: Mulheres, 2000, p.81-107.

LEE, Janet. Menrche and the (Hetero)sexualization of the female body. In: WEITZ, R. **The Politics of Women´s Bodies** (ed), New York: Oxford University Press, 2003.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** Rio de Janeiro: Ed.34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 7-34.

\_\_\_\_\_. Teoria *queer*: uma política pós-identitária para a educação. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis. 2001, vol.9, n.2, p. 541-553.

\_\_\_\_\_. **Conhecer, pesquisar e escrever.** 2004 (*mimeo*).

\_\_\_\_\_. **Heteronormatividade e homofobia.** Notas para conferência de abertura do *I Simpósio Paraná-São Paulo de Sexualidade e Educação Sexual*, Araraquara, abril de 2005.

\_\_\_\_\_. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria *queer* como políticas de conhecimento. In: ABOUD, Sérgio; LOPES. Denílson;

BENTO, Berenice; GARCIA, Wilton (Orgs.). **Imagem e diversidade sexual: estudos da homocultura**. ABEH, 2006.

LORBER, Judith. Believing is seeing – Biology as ideology. In: WEITZ, R. **The Politics of Women's Bodies** (ed), New York, Oxford, Oxford University Press, 2003.

LOVISOLO, Hugo; VOTRE, Sebastião. Novos Rumos no feminismo. **Revista de Estudos feministas**, Florianópolis v.15 n.3 set/dez 2008.

LUPTON, Deborah. **Medicine as Culture: illness, disease and the body in Western Societies**. London: SAGE, 1994.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Porto Alegre, Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Corpos tribais e memória imemorial. Alea: estudos neolatinos**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2006 (a) .

\_\_\_\_\_. **Comunidade de destino. Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, v. 12, n. 25, 2006 (b) .

MEYER, Dagmar Estermann. As mamas como instituintes da maternidade. In. MERCAO, Francisco; GASTALDO, Denise; CALDERÓN, Carlos (Org.). **Paradigmas y diseños de la investigación cualitativa em salud: uma antologia iberoamericana**. Universidad de Guadalajara: Asociación Médica de Jalisco, 2002. p. 375-401.

\_\_\_\_\_. SOARES, Rosângela de Fátima. O que se pode aprender com a "MTV de papel" sobre juventude e sexualidade contemporâneas?. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 23, 2003 .

\_\_\_\_\_. **Gênero e educação: teoria e política**. In. LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p.09-27.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho D'água/ Fasep, 2001.



NÁCUL, Almir. **Bioplastia de Nácul: a plástica do novo milênio**. Porto Alegre: Madras, 2005.

NATANSOHN, Graciela. O corpo feminino como objeto médico e midiático. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, 2005.

OPAS – Organização mundial de Saúde. **Doenças crônicas degenerativas e obesidade: Estratégia mundial sobre alimentação saudável, atividade física e saúde**. Brasília: OPAS/OMS, 2003.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

PAZ, Carolina Rodrigues. A cultura blog: questões introdutórias. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, n.22, p.66-72, dez 2003.

PERRAND, Michéle. Relações sociais de sexo e relações de gênero: entrevista com Michéle Perrand. In. GROSSI, Miriam Pillar; LAGO, Mara de Souza; RIAL, Carmen. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis. Vol. 13. n.03, p. 677- 689, set-dez 2005.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. In. **Cadernos Pagu**, Campinas. Vol 4., 1995. p. 09-28.

PRECIADO, Beatriz. Entrevista em vídeo – Redes. La2 em 16 de julho de 2006. Disponível em: <<http://www.beatrizpreciado.com/audiovisual.htm>>. Acesso em: 10 de jul 2009.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Beatriz Preciado por Jesús CARRILLO. In: **Cadernos Pagu**, Campinas., n.28, p. 375-405, 2007.

PROST, Antonie. Fronteiras e espaços do privado. In: VINCENT, Gerard. **História da vida privada**. Vol. 5: Da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Cap. 1, p. 13-115.

RAGO, Margareth; TVARDOVSKAS, Luana. O corpo sensual em Márcia X. In: STEVENS, Cristina; SWAIN, Tânia Navarro (orgs). **A construção dos corpos**. Perspectivas Feministas. Florianópolis, Editora Mulheres, 2008, pg 183-206.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Memes em Weblogs**: proposta de uma taxonomia. Trabalho apresentado ao grupo de Trabalho "Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade". Unesp, Bauru, São Paulo, junho 2006.

\_\_\_\_\_. **Weblogs, webrings e comunidades virtuais**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO DA PUC/RS, 7. set. 2002. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2008. Trabalho apresentado no GT de comunicação e cultura.

REISSMAN, Catherine. Women and medicalization: a new perspective. In: WEITZ, R. **The Politics of Women's Bodies** (ed), New York, Oxford, Oxford University Press, 2003.

RIBEIRO, Renato Janine. Novas fronteiras entre natureza e cultura. In: Novaes, Adauto. (Org.) **Homem-máquina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 15-36.

ROCHA, Paula Jung. Blogs: sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, n.22, p.73-82, dez 2003.

ROMÃO, Lucília. O cavalete, a tela e o branco: introdução à autoria na rede eletrônica. **Delta**: Documentação em estudos de lingüística teórica e aplicada, v.22, n.2, 2006.

ROSE, Nikolas. **The politics of itself** Biomedicine, Power, and subjectivity in the Twenty-first Century. New Jersey: Princeton University Press, 2007.

SANT'ANNA, Denise. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Políticas do Corpo**:

elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação liberdade, 1995, p. 121 – 139.

\_\_\_\_\_. Fugir do próprio rosto. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.87-98.

SANTOS, Daniela Barsotti; SILVA, Rosalina Carvalho da. Sexualidade e normas de gênero em revistas para adolescentes brasileiros. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 2, jun. 2008 .

SANTOS, Elisângela da Silva ; TOLENTINO, C. A. F. . As mulheres no Sítio do Picapau Amarelo. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero: corpo, violência e poder, 2008, Florianópolis. Seminário Internacional Fazendo Gênero: corpo, violência e poder, 2008.

SCAVONE, Naira Maria. **Discursos da gastronomia brasileira: gêneros e identidade nacional postos à mesa**. PPGedu/UFRGS, Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, 2007.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, 2005.

SIBILIA, Paula. Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Org). **Olhares Sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

\_\_\_\_\_. **Show do eu: A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Alcione. A pesquisa como prática de cuidado na emancipação da mulher. In: LAGO, Mara Coelho; SILVA, Alcione; RAMOS, Tânia Regina (orgs.). **Falas de gênero**. Florianópolis: Mulheres, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: autêntica, 2000.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SONTAG, Susan. Notas sobre lo 'camp'. In: **Contra la interpretación y otros ensaios**. Barcelona, Seix Barral, 1984.

SWAIN, Tânia Navarro. Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 261-270.

\_\_\_\_\_. Entre a vida e a morte, o sexo. In: STEVENS, Cristina; SWAIN, Tânia Navarro (orgs). **A construção dos corpos**. Perspectivas Feministas. Florianópolis, Editora Mulheres, 2008, pg 285-302.

UNESCO. "Small media, new voices". **The UNESCO Courier**, Paris, n.2, fev. 2000. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001187/118789e.pdf>>. Acesso em: 29 Set 2007.

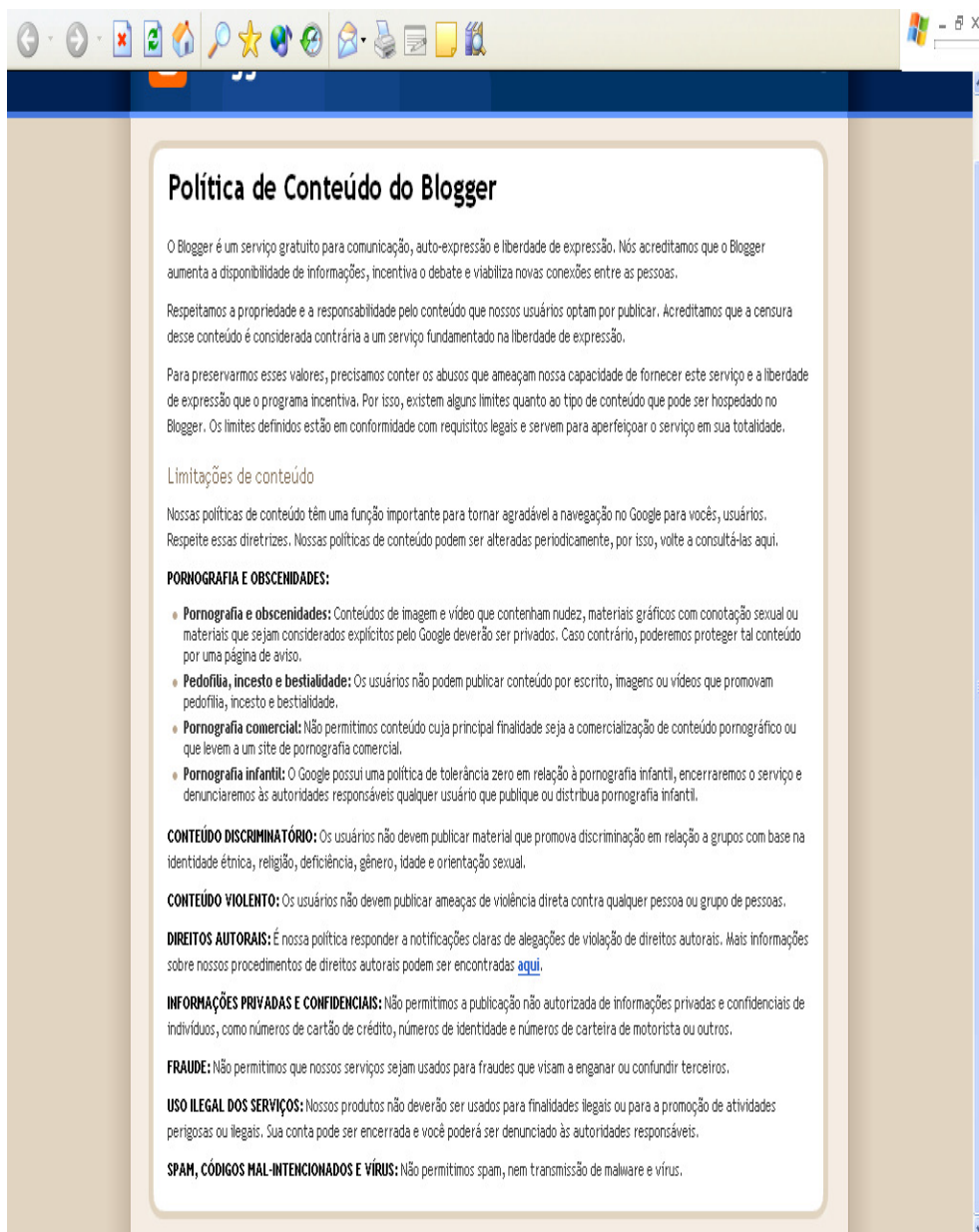
VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA-NETO, Alfredo... [et al.]. **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia,...** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 37-72.

VEIGA-NETO, Alfredo e LOPES, Maura Corcini. Inclusão e governamentalidade. **Educação e Sociedade**, vol.28, n.100, p. 947-963, 2007.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VINCENT, Gerard. Uma história do segredo. In: \_\_\_\_\_. **História da vida privada**, vol. 5: Da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Cap. 2, 155-390.

WIKIPÉDIA < <http://pt.wikipedia.org> >, último acesso em 18 jul 2009.



<sup>126</sup> Disponível em : < <http://www.blogger.com/content.g>>. Último acesso em: 01/05/2008.

## ANEXO 2

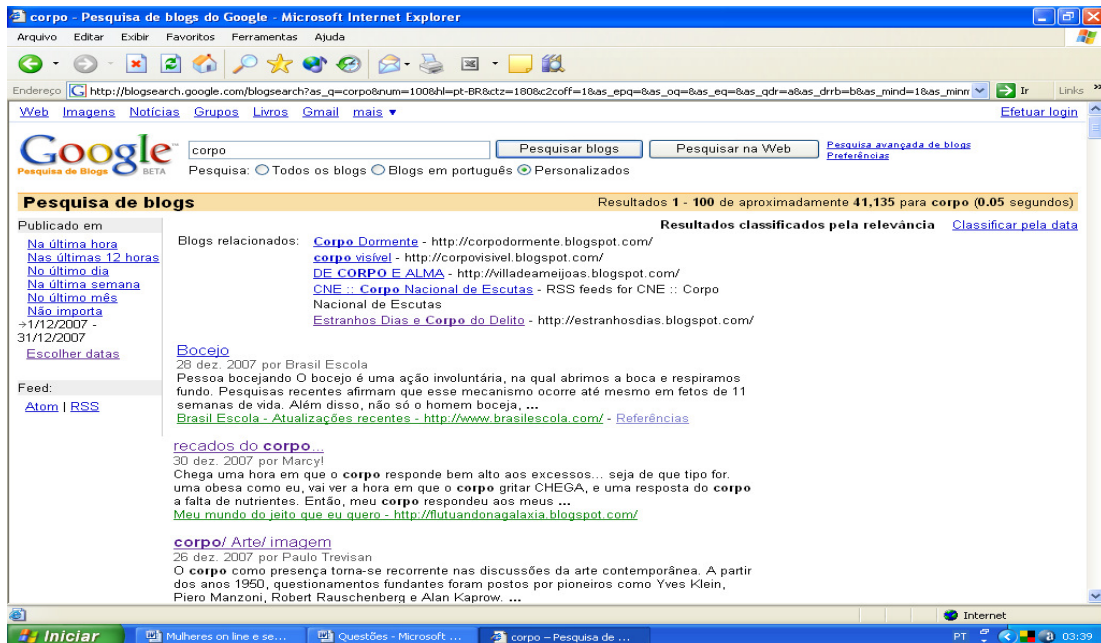


Ilustração 1 Site de busca de blogs na web, Google Blog Search.

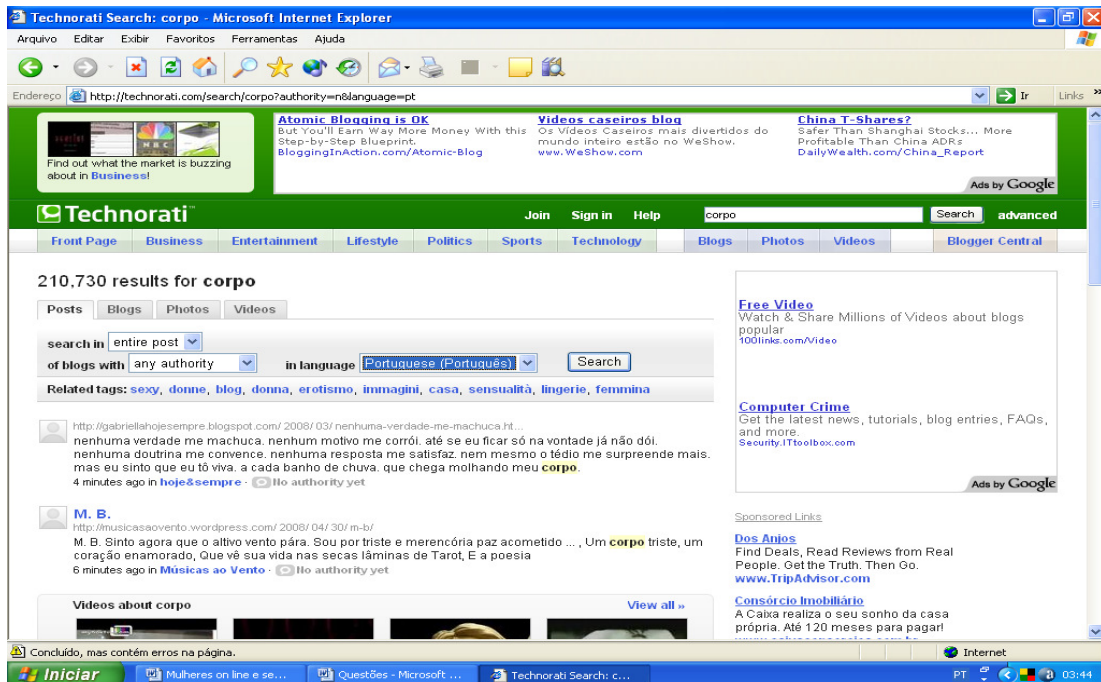


Ilustração 2 Site de busca Technorati.

## ANEXO 3

Traço, a seguir, uma breve descrição dos cinco *blogs* que participaram desta pesquisa. Cabe comentar que as descrições são feitas de como a página era veiculada na internet durante o período da pesquisa.

### *Cérebro eletrônico*

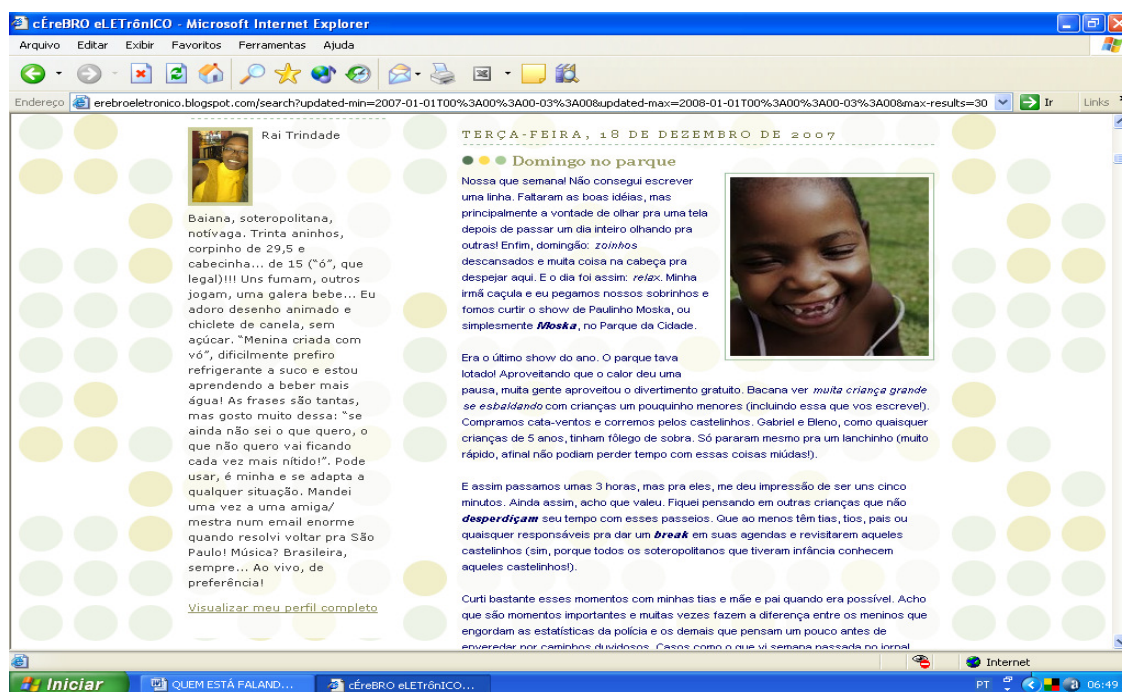


Ilustração 3, *blog Cérebro Eletrônico*.

O design do *blog* é um dos modelos disponibilizados, gratuitamente, pelo *Blogger* para a criação da página. À direita da página, ficam os *posts*, geralmente acompanhados por fotos. À esquerda da página, apresenta *links* para seis *blogs*, para a *Band News FM* e para *Música de A a Z*. Abaixo, vem o título do *blog* escrito na fonte arial numa mistura de letras minúsculas e maiúsculas. Então, o arquivo do *blog*. A última seção intitulada *Quem sou eu*, é onde Raí faz uma descrição de si para seus/uas leitores/as.

## **Confissões de uma balzaquiana: pensamentos e devaneios de uma mulher no clube dos 30**



Ilustração 4, *blog Confissões de uma Balzaquiana*.

A página tem fundo branco. A primeira frase escrita é: *dietas, loucuras e blá blá blá*. Abaixo, num losango cor-de-rosa, está o título do *blog Confissões de uma balzaquiana: pensamentos e devaneios de uma mulher no clube dos 30*, escrito em letras num tom muito claro de rosa. No losango, há também o desenho de uma menina, de cabelos castanhos, vestido cor-de-rosa segurando uma sombrinha da mesma cor do vestido. No desenho, a menina tem olhos, entretanto não tem boca, nariz e orelhas. Abaixo, no lado esquerdo da página escrito em letras verdes ou cinza escuro, está o título do *post*. O *post* é escrito com letras pretas (com exceção do primeiro, escrito em marrom). No lado direito da página, num retângulo cinza, há a seção intitulada *na balança*, cujo título está escrito em verde. Ali, mostra seu peso, atualizado freqüentemente. A seguir, tem a seção intitulada *Livros não mudam o*



*mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.* Nessa seção, cita 19 livros. Abaixo, na seção *Blogs*, cita 31 *links* para outros *blogs*. Após, um selo da operação Toda Boa<sup>127</sup>. Então, a seção *últimas loucuras* onde aparece o título (em forma de *link*) para os últimos *posts*. Na seção intitulada *ficou para trás*, está o histórico do *blog* e, na última seção, intitulada *me espiando* mostra o número de visitantes da página.

### **Diário da Lulu**



Ilustração 5, *blog diário da Lulu*.

No início da página, *Diário da Lulu* aparece escrito em letras vermelhas na fonte Courier New dentro de uma faixa azul pálido sobre a página de fundo branco. Nessa mesma faixa, à esquerda, precedendo o nome do *blog*, há duas fotos envelhecidas do rosto de uma mulher. Na primeira, na qual a mulher está de perfil,

<sup>127</sup> Refere-se ao objetivo de emagrecer em dez semanas, ficando cada vez “mais sarada, mais gostosa”.

aparecem os olhos abertos, sobrancelhas e nariz; na outra, onde está de frente para os/as leitores/as, os olhos foram suprimidos, aparece o terço inferior do nariz e lábios carnudos, vermelhos. Seria a Lulu? Os *posts* são escritos na fonte trebuchet MS preta, em tamanho menor que o título do *post* que é escrito na mesma fonte, porém em letras azul petróleo escuro. A página é branca com um retângulo de bordas cinza para os *posts* e outro, abaixo do *post* para *links* que informam como compartilhar o *post*, os marcadores sociais, comentários e caixa de *trackback*<sup>128</sup>. À esquerda, uma fonte para buscar palavras nos *posts*, os *blogs* que integram a rede de *blogs OPS!* e as categorias (marcadores). São 18 categorias. Abaixo os *sites* favoritos, cita dois, e os arquivos do *blog*. Nem sempre os *posts*, que não são escritos diariamente, vêm acompanhados por imagens, contudo quase sempre são comentados pelos/as leitores/as do *blog*.

### ***Entretantas, eu...***

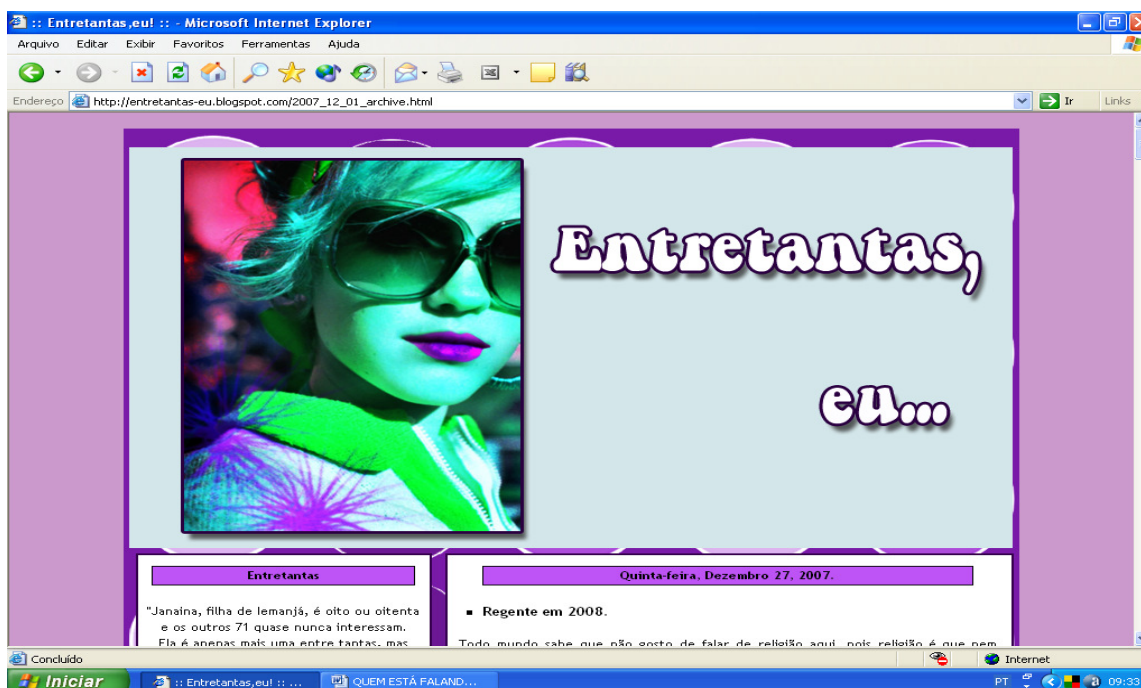


Ilustração 6, *blog* Entretantas eu.

<sup>128</sup> É um recurso utilizado em *blogs*. Refere-se a um *post* escrito num *blog* em "resposta" a outro *post*, que pode ser de outro *blog*.

A página tem fundo lilás e largas bordas roxas onde se compõe um *petit poá* com grandes bolas da cor roxa ou lilás. No início da página, há um retângulo cinza onde uma mulher, jovem, de óculos escuros, com a boca colorida pela cor roxa, com a cabeça voltada para o/a leitor/a. E o título de *blog: Entretantas, eu...* Abaixo, em grandes retângulos branco, à direita na página, aparece o dia da semana, o mês, a data e o ano escrito em letras pretas num retângulo roxo. Pouco abaixo, o título escrito em letras pretas seguido pelo texto do *posts*, que muitas vezes é acompanhado por fotos; finalizando o espaço para o post, o espaço para os comentários. A fonte do texto é arial. À esquerda da página, há um espaço contornado por uma borda preta onde Jana apresenta a sessão intitulada *Entretantos, eles...* onde cita *links* para 51 *blogs*. Então vêm os arquivos do *blog* e em seguida o selo da campanha contra o plágio. Finalizando esse espaço, o contador utilizado para marcar o número de acessos ao *blog*, que é bastante acessado.

### **Toda menina**

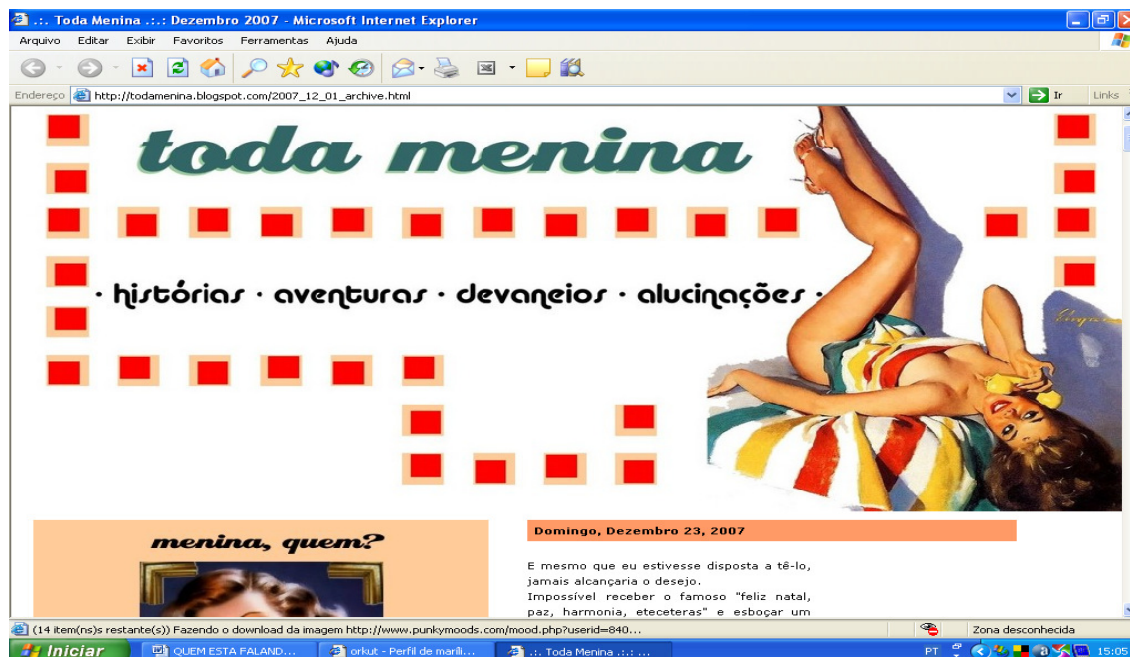


Ilustração 7, *blog Toda menina*.

O fundo da página é branco. O título *do blog Toda menina* está escrito no início da página em letras verdes, minúsculas mas de tamanho grande, na fonte script MT bold. Abaixo do título, em letras pretas, também minúsculas: *histórias, aventuras, devaneios, alucinações*. Ao lado direito do título, há o desenho de uma mulher deitada com as pernas para cima, nua, falando ao telefone, com o tronco, seios e sexo cobertos por um pano listado de verde, branco, amarelo e vermelho usando sandálias de salto alto. Lembra as *pin-ups*, e ilustrações semelhantes estarão nos *posts*. A ilustração, bem como o título do *blog* são contornados por pequenos quadrados das cores vermelho e salmão. À esquerda da página, num retângulo da cor salmão, há a seção intitulada *menina quem?* Acompanhada da figura de uma mulher que lembra as divas do cinema da década de 1950. Nessa seção, rememorando fatos da sua infância e juventude, apresenta-se aos/às sue/uas leitores/as. Abaixo há uma ferramenta para traduzir, automaticamente a página para a língua inglesa. A seção *...come and go...* mostra quantos visitantes há na página e de que lugar são, entretanto não há um marcador dizendo quantos visitantes já visitaram a página. Abaixo, num retângulo laranja dentro do retângulo salmão, aparecem os últimos visitantes do *blog*. A seguir a seção *email on whatever* onde há *links* para o *gmail* e o *orkut* e também para outros serviços. Após, na seção *e a menina está perdendo a linha no baile...* lista *links* para 78 “*blogs legais*”. Então *links* para os arquivos do seu antigo *blog* e para *clips* de música da Janis Joplin e Amy Winehouse. Abaixo, na seção *play it again!*, Links para dez cantores/as (brasileiros/as e estrangeiros/as). Então os arquivos do *blog* na seção intitulada *...passa, passa, passará...* À direita da página, ficam os *posts*. Sobre um fundo branco, aparece a data do *post* num quadrado salmão: primeiro vêm o dia da semana, a data e o ano da postagem. Abaixo do *post*, o espaço para comentários dos/as leitores/as e *trackbacks*.